

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARIA REGINA COELHO COSTA MORAES

**O TEMPO GRAMATICAL E OS ESCAPES DA TEMPORALIDADE: uma
investigação sobre o aspecto verbal nas questões de interpretação no livro didático de
Língua Portuguesa do Ensino Médio**

São Luís

2024

MARIA REGINA COELHO COSTA MORAES

**O TEMPO GRAMATICAL E OS ESCAPES DA TEMPORALIDADE: uma
investigação sobre o aspecto verbal nas questões de interpretação no livro didático de
Língua Portuguesa do Ensino Médio**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal do Maranhão para a obtenção do título de
Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Maria Correa
Pereira Mugschl.

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Coelho Costa Moraes, Maria Regina.
O TEMPO GRAMATICAL E OS ESCAPES DA TEMPORALIDADE : uma
investigação sobre o aspecto verbal nas questões de
interpretação no livro didático de Língua Portuguesa do
Ensino Médio / Maria Regina Coelho Costa Moraes. - 2024.
94 p.

Orientador(a): Sonia Maria Correa Pereira Mugschl. Dissertação
(Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Leitura. 2. Tempo. 3. Gramática. 4.
Gramaticalização. 5. Temporalidade. I. Correa Pereira
Mugschl, Sonia Maria. II. Título.

Defesa da dissertação de Mestrado de Maria Regina Coelho Costa Moraes, intitulada: **O TEMPO GRAMATICAL E OS ESCAPES DA TEMPORALIDADE: uma investigação sobre o aspecto verbal nas questões de interpretação no livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio**, orientada pela Profa. Dra. Sonia Maria Correa Pereira Mugschl, apresentada à banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, em 20/ 12/ 2024.

Os membros da Banca Examinadora consideraram a
candidata _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Sonia Maria Correa Pereira Mugschl (Orientadora)

Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho

Prof. Dr. Alex Alves Egido

Profa. Dra. Monica Fontenelle Carneiro (Suplente)

A Deus, minha força em todos os momentos.

A minha madrinha Irene da Paixão Costa Santos, exemplo de amor, coração que me acolhe, estrela que brilha em minha vida. Orienta-me com amor e me protege em orações a Deus.

AGRADECIMENTOS

Este caminhar trilhado por mim só foi possível porque tive olhares de afeto, palavras que me incentivaram, mãos que me acolheram, atitudes que me animaram, abraços carinhosos, dando-me força. Agradeço

A Deus por Seu infinito Amor por mim, Luz Maior que me permitiu a realização deste sonho, que me iluminou em cada passo deste caminhar para que eu chegasse a esta vitória, que enche meu coração de felicidade. Obrigada, Deus.

A minha madrinha Irene da Paixão Costa Santos, um presente de Deus em minha vida. Foi e é minha inspiração de amor, de fé. Sempre me dá forças para que eu conquiste meus sonhos. Com coração precioso, acolhe-me com doces palavras e com um olhar cheio de afeto que me acalmam. Sou eternamente grata por seu imensurável amor por mim. Madrinha: meu amor eterno!

A meu pai Raimundo Nonato Costa por sua presença em minha vida, por seu amor e alegria por minhas conquistas. Papai, você me enche de felicidade com seu olhar cuidadoso.

Ao meu esposo Oneilson de Jesus Sá Moraes pela compreensão diante de minhas ausências

Foi um caminho trilhado, também, com seu incentivo e apoio, quando me escutava, me entendia e dizia “você vai conseguir”.

Aos meus irmãos Raimundo Nonato Costa Filho, Francisco de Assis Barbosa Costa e Ana Patrícia Barbosa Costa, que, com palavras e atitudes carinhosas, torcem por minhas vitórias.

Ao meu padrinho José Brasilino e ao meu tio José Wilson Costa por sempre aplaudirem minhas conquistas.

À comadre e prima Inês Gaioso Reis que se faz presente em minha vida com sua alegria, seu cuidado, suas orações e muito incentivo. Sempre torcendo por mim.

Ao afilhado Paulo Vitor Reis Corrêa por sua presença tão respeitosa, por seu amor e zelo por mim.

À querida sobrinha Lucélia Ravelly Coêlho de Freitas pelo apoio, carinho e presença. Obrigada, querida, por sua atenção e respeito. Você é admirável.

A todos da minha família e amigos que me envolvem com tanto amor e cuidado, que são tão valiosos para mim. Vocês são flores que deixam o meu jardim da vida mais iluminado.

Com carinho e admiração, à minha orientadora Profa. Dra. Sonia Maria Correa Pereira Mugschl, ser iluminado, que, com muita seriedade, compromisso, dedicação e

inteligência, acolheu-me por incontáveis dias e horas para uma incansável orientação, durante a qual me transmitia ricos conhecimentos. Não percebíamos o tempo passar. Momentos marcantes! Que privilégio tive de ser sua orientanda! Obrigada, professora Sonia, por seu afetuoso cuidado, pelo respeito, pela amizade, por me incentivar e por segurar firme em minha mão, dando-me direcionamentos preciosos. Foram inumeráveis contribuições: desde o acolhimento e reciprocidade à confiança em nosso trabalho. Deus, no TEMPO por Ele determinado, permitiu nosso (re)encontro e a realização deste trabalho fascinante de que muito me orgulho. Minha gratidão eterna por você ter me proporcionado aprendizado de imensurável relevância.

À amiga professora Dra. Katia Cilene Ferreira França que foi um dos maiores incentivos para esta sonhada etapa de minha vida. Sempre acreditando em mim e me instigando a fazer o Mestrado. Sua amizade tão bonita e seu cuidado me enchem de segurança e alegria.

Ao amigo professor Dr. José Dino Costa Cavalcante que me incentivou a acreditar que eu poderia e deveria, sim, fazer o Mestrado. Eu acreditei. E deu certo. Obrigada!

Aos amigos que nos permitimos conquistar de forma bonita e recíproca nesta jornada do Mestrado: Carlos Henrique Alves Silva, Hugo Leonardo Lima de Aguiar, Tatiana do Nascimento Cunha. Entre estudos, apresentação de trabalhos, conversas descontraídas e um cafezinho, fizemos esta caminhada ficar mais ainda leve e extraordinária. Vocês são preciosos.

Ao GEEPS-UFMA, grupo de estudo, que é lugar de encontro para discussões de temas relevantes sobre a Linguística da Enunciação e a Análise do Discurso, em que os saberes se completam com amizades bonitas, respeito e afeto. Muito obrigada.

Ao GELMA-UFMA, grupo de encontro entre pessoas acolhedoras, para primorosos e memoráveis estudos sobre a Literatura Maranhense, que nos imergem nas ricas produções dos nossos brilhantes escritores maranhenses.

Aos que compreenderam minha ausência em momentos também tão importantes, à hora em que eu estava realizando minhas atividades do Mestrado.

Aos colegas de turma do PGLETRAS-UFMA que contribuíram para a realização e finalização deste trabalho.

Aos professores do PGLETRAS-UFMA, que me enriqueceram de saberes com seu amplo conhecimento, ao ministrar as disciplinas.

A todos que, carinhosamente, mesmo em silêncio, torcem por mim.

“[...] uma LA que quer falar à vida contemporânea é essencial, não a teorização elegantemente abstrata que ignora a prática, mas uma teorização em que a teoria e prática sejam conjuntamente consideradas em uma formulação do conhecimento na qual a teorização pode ser muito mais um trabalho de “bricolagem”, tendo

Palavras-chave: leitura; tempo; gramática; gramaticalização; temporalidade.

SUMMARY

This research is based on the interpretation of time in the reading process. It starts from formal aspects of linguistic description, based on the intrinsic past, present and future network that constitutes human existence, considering elements other than just the mode-temporal ending of verbs. It goes beyond the linguistic, considering that the past is concluded in part, the present is the time from which the enunciator locates what has happened and what will happen, knowing that these meanings are hypothetical, not always chronological, because they involve physical time (Benveniste, 2006) that crosses the being in the affective synthesis of events. This is a qualitative, exploratory, descriptive and interpretative study that includes the category of time in its linguistic (TIME) and extralinguistic (TIME) dimensions: philosophical and poetic, spaces that reject the threshold of forms and quantities because they restrict the analysis of the human and social sciences. The aim of this paper is to present an investigative study of time through the lens of linguistic description as a sign of temporality, investigating it in interpretation exercises in high school Portuguese language textbooks, starting with the verbs that most commonly appear with the task of situating the communication process in time (Corôa, 2005). This is a functionalist theme, since it goes beyond verbal forms or morphemes and seeks to reach other areas of the language game (Almeida, 2020), discussed under the concept of grammaticalization based on the concept of grammar (Neves, 2002). It covers Linguistic Description, Applied Linguistics and Interdisciplinary Applied Linguistics. The main authors that make up the theoretical framework are the following: Bosi (1977), Neves (2002, 2007, 2010, 2014), Corôa (2005), Benveniste (2006), Abraçado (2020), Fiorin (2021), Ilari and Basso (2014), Castilho (2014), Travaglia (2016), Ricoeur (2010), Mari (2008). We have the hypothesis that, for the reading process, it is not enough to know the verb tenses, but to be able to extrapolate to the temporality that permeates the intricacies of the meanings of a text that need to be produced and not just calculated (Mari, 2008). As a result of this research, we hope to answer whether the textbook, in its interpretation questions, deals only with the conjugation of the verbal tense or extrapolates to the aspect, a manifestation of TIME (Castilho, 2007), a place of temporality, in which the facts move outside or inside the character in the transition between chronic time and physical time.

Keywords: reading; time; grammar; grammaticalization; temporality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Demonstrativo de exercícios 1.....	61
Figura 2 –	Demonstrativo de exercícios 2.....	63
Figura 3 –	Demonstrativo de exercícios 3.....	65
Figura 4 –	Demonstrativo de exercícios 4.....	66
Figura 5 –	Demonstrativo de exercícios 5.....	67
Figura 6 –	Demonstrativo de exercícios 6.....	68
Figura 7 –	Demonstrativo de exercícios 7.....	69
Figura 8 –	Demonstrativo de exercícios 8.....	71
Figura 9 –	Demonstrativo de exercícios 9.....	73
Figura 10 –	Demonstrativo de exercícios 10.....	78

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O ATO DE LER: da gramática à gramaticalização	17
2.1	A gramática normativa e o tempo verbal	18
2.2.1	Conjugação – Tempo flexional.....	23
2.2.2	Aspecto/TEMPO.....	27
2.3	Leitura	30
3	GRAMATICALIZAÇÃO PARA DISCUTIR SIGNIFICADO E SENTIDO DO TEMPO NA LÍNGUA	33
3.1	Gramaticalização e produção de sentido	33
4	GRAMATICALIZAÇÃO: dos movimentos morfossintáticos à aplicação no texto	38
5	DO TEMPO VERBAL À TEMPORALIDADE	41
6	SUPORTES METODOLÓGICOS	44
6.1	Livro didático como suporte da investigação	44
6.2	BNCC como ponto de referência da análise	45
7	O PROCESSO METODOLÓGICO: narrativa de um trajeto investigativo	48
8	CONSEQUÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS PARA ESTA PESQUISA	50
9	ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS	60
9.1	Análise aleatória de dois exemplares das questões	81
9.1.1	Análise I: Figura 4 – Demonstrativo de exercícios 3.....	81
9.1.2	Análise II: Figura 11 – Demonstrativo de exercícios 10.....	85
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS	91

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa em descrição linguística sobre o tempo poderia, a princípio, estar localizada somente nos saberes sobre gramática e, talvez, nos de natureza normativa, porque ambas as categorias, tempo e aspecto, são contempladas, nesse contexto, mas podem ser separadas no limiar da gramática e da gramaticalização. Entretanto, é uma investigação de caráter linguístico mediada pela Linguística Aplicada Indisciplinar porque não se sustenta apenas em uma disciplina, mas em outras áreas do conhecimento que refletem sobre diferentes tipos de tempo em uma espécie de dispersão semântica, em que é preciso empreender esforços cognitivos para interpretar os sentidos das relações temporais nos textos.

Elegemos como objeto o tempo não só o marcado pela forma verbal, que inclui a conjugação, mas a classificação de seus aspectos, para a produção do sentido da temporalidade. Assim, investigamos a temporalidade para além dos morfemas nas questões de interpretação de texto do livro didático de língua portuguesa no Ensino Médio.

É um tema de base funcionalista, porque considera (Almeida, 2020) as jogadas sistemáticas e gramaticais na expressão do sujeito falante no movimento da existência. Estamos, também, levando em consideração as ideias de Mari (2008) que pensa a produção do sentido a partir dessas três dimensões: sistema, sujeito e história. Mesmo considerando essas categorias simultaneamente, priorizamos, para a produção do conhecimento científico, nesta pesquisa, o sistema como dimensão fundamental a ser analisada no ato de ler e interpretar. É que o sentido é forjado, produzido no jogo linguístico que não pode ser perdido de vista pelo leitor que precisa resgatar o sujeito e a história no dito. Esses possibilitam ao leitor, diante do jogo, produzir sentido e captar seus efeitos (Mari, 2008).

Os exercícios de interpretação constituem o dado empírico sobre ensino de leitura no Ensino Médio. Esses exercícios podem não só ampliar a concepção do tempo linguístico para o semântico ou podem restringir e bloquear a capacidade interpretativa do leitor, caso se reduzam a questões de tempos e modos verbais marcados pelas desinências chamadas de morfemas.

Assim, há uma relevante contribuição para a formação do leitor por se tratar de uma pesquisa que relaciona o conhecimento gramatical ao ato de ler, recortando desse conhecimento gramatical o verbo, sua forma, flexão e aspecto no texto literário principalmente, mesmo que esse tema possa se estender para outros tipos de textos verbais, que tenham o emprego curioso e gramaticalizado da matéria nos exercícios analisados na dissertação.

Dessa forma, temos como objetivo geral investigar, em exercícios de livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Médio, o modo como o tempo é explorado nas questões de interpretação de textos: se apenas pela desinência modo-temporal, se pela categoria do aspecto verbal ou se leva em consideração os elementos simbólicos relacionados à temporalidade.

Como objetivos específicos, temos: a) apresentar teorias acerca do tempo, da temporalidade, da gramaticalização com repercussão na leitura, sinalizadora de conhecimentos linguísticos; b) realizar o levantamento de exercícios sobre a indicação do tempo verbal como marcador linguístico para verificação do tempo, representado pelo verbo por meio das desinências ou das evidências de temporalidade; c) analisar questões sobre conjugação verbal, cuja finalidade seja a cristalização da classificação temporal morfológica, descritiva, classificatória e menos analítica e exploratória. Esses objetivos foram construídos a partir de indagações inquietantes ao verificarmos que a ideia de tempo vai além das desinências próprias dos conhecimentos linguísticos.

E, a partir dessa constatação, temos a hipótese de que, nos livros didáticos, essa noção limitada é decorrente dos exercícios que, embora sejam construídos para interpretação de texto literário, solicitam, em sua maioria, a indicação do tempo verbal sem uma extensão para entender a temporalidade por meio da gramaticalização que aguça a percepção leitora no texto como um todo.

Nesse sentido, nossa inquietação levou-nos às seguintes perguntas: a) Qual tempo é considerado nas questões de interpretação do livro didático? b) Qual tipo de tempo é priorizado nas questões de interpretação de texto dos livros didáticos: tempo linguístico, crônico, físico ou em todas as suas formas? Ou seja, Tempo Flexional das conjugações e o aspecto do verbo para interpretação do TEMPO? c) De que forma a temporalidade do aspecto é abordada em exercícios, nos livros didáticos de língua portuguesa no Ensino Médio, referentes a verbos, em especial? d) Em relação à temporalidade, os exercícios consideram apenas a sistematização por meio da conjugação de tempo como presente, passado, futuro ou levam em conta também os movimentos de sequências de momentos norteados pelo aspecto, por meio de um jogo dinâmico da língua na existência? e) Quais as consequências do aspecto verbal para a interpretação do TEMPO nessas questões?

São autores que constituem o referencial teórico os seguintes: Bosi (1977); Neves (2002); Corôa (2005); Benveniste (2006); Abraçado (2020); Fiorin (2021); (Ricoeur (2010). Com base nesse referencial, elegemos como categorias teóricas para e conceituais: o tempo (Bosi, 1977); (Ricoeur, 2010); (Benveniste, 2006); Abraçado (2020); (Corôa, 2005);

temporalidade (Fiorin, 2021); (Castilho, 2014); gramaticalização (Neves, 2002). Como categorias de análise: conjugação, classificação do aspecto verbal (Traváglia, 2016) (Bechara, 2001) e outros elementos da linguagem simbólica, eventualmente.

A partir dessa ótica investigativa que demanda uma análise para construção de dados, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa com apresentação de aspectos teórico-metodológicos que envolvem a Linguística Aplicada Indisciplinar que, por sua vez, provoca interdisciplinaridade necessária ao entendimento da gramaticalização.

Com isso, nosso intuito é realizar uma pesquisa que valide a finalidade de apresentar uma relação entre os exercícios sobre verbo, observando o jogo da língua e seu funcionamento quanto às diversas noções de tempo, contribuindo para uma leitura interpretativa que aguce o equilíbrio entre os elementos gramaticais e a cognição. Dentro dessa perspectiva, afirmamos, ainda, que a importância dessa pesquisa de cunho qualitativo dá-se, por isso, pelo fato de que o nosso problema se manifesta nitidamente (Lüdke; André, 1986) na leitura.

Aqui, entendemo-nos como um pesquisador que valida uma preocupação não só com a análise de dados (Lüdke; André, 1986), mas também com a contribuição que a pesquisa dará aos sujeitos leitores, a partir de observações feitas sobre questões de interpretação dos livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Médio. Entendemos que ensinar gramática e ensinar a ler são faces da mesma moeda, lugar onde acontece a gramaticalização.

São implicações subjetivas desta pesquisadora a experiência com o ensino de Língua Portuguesa com orientação curricular que não procedia à articulação sistemática com o ato de ler. Na condição de professora de Gramática, o planejamento orientava que era preciso ensinar a gramática pura, fora do jogo e de procedimentos interpretativos. Apenas no contexto normativo porque o critério usado era o de dar acesso à língua de prestígio. Avaliando toda essa trajetória, é possível compreender por que os livros didáticos de Língua Portuguesa se utilizam apenas, em sua maioria, de recortes de textos. A questão linguística do jogo do funcionamento cede lugar às normas, recortando a aula e fragmentando a capacidade cognitiva dos falantes, alunos do Ensino Médio. Essa é uma das razões que justificam o valor do conhecimento que esta pesquisa tem produzido como momento de ressignificar a aula de Língua Portuguesa para todos aqueles que tiverem acesso às reflexões desta investigação.

Em vista do que expusemos, reiteramos e acrescentamos que estamos produzindo uma pesquisa que teve motivação a partir de experiências nas aulas de Língua Portuguesa, especificamente de gramática, para o 2º ano do Ensino Médio. Ao ministrar a aula sobre o verbo na categoria morfológica, ocorria um retorcer-se e contorcer-se de rejeição, de aversão

perceptíveis na reação dos alunos porque estavam sempre pensando na dificuldade que teriam de situar a forma verbal no tempo e modo já superados, equivocadamente, pela memorização.

Nessa perspectiva, a pesquisa fez levantamentos de questões sobre o tempo, colocando-o entre a conjugação e o aspecto a partir do sistema conceitual funcionalista que leva em consideração o movimento dos usos. Realizou também a “busca sistemática dos dados que foram selecionados” a partir dos objetivos e da finalidade da pesquisa sobre o objeto em análise. Acreditamos ter atingido o nosso propósito com esta pesquisa, procurando, nas questões de interpretação sobre o tempo, responder ao interesse de saber se consideram ou não apenas a conjugação verbal, porque defendemos o fato de que a interpretação do tempo também pelo aspecto verbal é um bom indício de que a temporalidade está sendo contemplada no ensino de leitura.

Selecionamos questões de interpretação de texto aplicadas nas aulas de português, especialmente no segundo ano do Ensino Médio, tanto aquelas em que o verbo é estudado morfológicamente por meio da interpretação de texto literário, quanto aquelas em que se considera também a gramaticalização não só do verbo em seu estudo morfológico, mas também da temporalidade no aspecto verbal.

Queremos saber se as respostas esperadas são comandadas pela gramática normativa, limitadas às desinências do verbo ou se mais interpretativas no uso da fluidez semântica da língua, que dá acesso à gramaticalização, esta que, conforme Neves (2002), extrapola as acomodações linguísticas.

Nessa direção, a pesquisa está organizada em nove capítulos. O primeiro capítulo compreende a introdução, em que apresentamos o objeto de pesquisa, o problema, os objetivos geral e específicos, a justificativa, os procedimentos metodológicos e como os dados serão analisados e abordados, e ainda o motivo de nosso interesse pelo objeto de investigação; e ainda fizemos referência ao recorte das questões escolhidas para efetuarmos a análise, levando em consideração o TEMPO, o tempo flexional, a temporalidade e o aspecto como elementos relevantes da pesquisa.

A partir do segundo capítulo, inicia-se a parte que podemos nomear como PARTE I da pesquisa que corresponde às reflexões teórico-metodológicas e se estende até o capítulo cinco. No segundo capítulo, apresentamos teorias sobre questões fundamentais que, como aporte teórico, validam e apoiam o nosso interesse pelo objeto em análise, que passa pelo pragmático e alcança o epistemológico. Entre eles, citamos reflexões sobre a gramática normativa e sua importância como apoio indispensável para a efetivação da leitura, mas que

também pode “colocar a língua sob a metáfora do jogo e das jogadas” (Almeida, 2020, p. 73), admitindo a gramaticalização (Neves, 2002).

Apresentamos também, no segundo capítulo, reflexões sobre o tempo verbal com suas flexões apoiadas nas desinências modo-temporais determinadas pela gramática normativa. Nesse capítulo, teorizamos sobre o TEMPO, tempo flexional, aspecto, classificação, temporalidade, elementos que nos despertaram um grande interesse e nos possibilitaram fazer descobertas não apenas cativantes, mas de importância imensurável para realizarmos todo um caminhar significativo para compreendermos ainda mais nosso objeto de pesquisa. Enveredamos pela leitura. Esta que é precedida de conhecimentos linguísticos e extralinguísticos.

No terceiro capítulo, realizamos um levantamento teórico sobre gramática e gramaticalização como recursos de produção de sentido, que orientaram a percepção de tempo na língua e de temporalidade com arcabouço teórico que discute sobre a língua em níveis distintos de uso. Neste capítulo, evidenciamos a importância da ativação cognitiva para a percepção da extensão de sentidos que saem de uma categoria já marcada pela metalinguagem e fazem um novo percurso, para o alcance de novos sentidos ou categorias.

O quarto capítulo traz uma exemplificação dos movimentos que podem ser realizados dentro de um texto em comunicação com o contexto, permitindo aos elementos linguísticos a aquisição de novos sentidos, espraiando-se para a gramaticalização, pois novos contornos de sentido compõem as palavras no texto por meio de “uma transferência semântica licenciada por contiguidade” (Gonçalves *et al.*, 2007, p. 47).

Para o quinto capítulo, selecionamos abordagens sobre o TEMPO e temporalidade, por meio da análise do conto A Fuga de Clarice Lispector (2016) em que há uma imbricação entre tempo e temporalidade para que percebamos como os meandros do TEMPO se processam dentro de um texto e alcançam a temporalidade que extrapola a indicação temporal por meio de flexões apoiadas nas desinências verbais. Realçamos, assim, a compreensão do tempo sob a perspectiva da temporalidade, engendrada no aspecto verbal.

A partir do sexto capítulo, temos a Parte II – A Pesquisa, que compõe este trabalho. Neste, apresentamos os suportes metodológicos como o livro didático, instrumento que norteia a pesquisa, do qual extraímos as questões para análise. Apresentamos também a importância de ser o LD um mediador do ensino-aprendizagem e elo entre o docente e o discente. Outro apoio que consideramos foi a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), por meio da qual verificamos as competências e habilidades orientadoras do ensino na Educação Básica, da organização e validação dos conteúdos no LD.

No sétimo capítulo, contemplamos o trajeto da pesquisadora que, como docente, via-se tomada por um inquietante desejo de analisar as questões no LD sobre o TEMPO, tempo verbal e descobrir uma possível extensão para a temporalidade, tendo o verbo como parâmetro. E assim, abordamos uma significativa orientação teórica que fundamenta nossa investigação. Visamos, assim, contribuir com uma leitura mais acurada, e não limitante, acerca de exercícios que contemplam o texto literário para depreensão do tempo em sua natureza linguística, porém ampliada a outros fatores extratextuais, por meio do verbo.

O oitavo capítulo é a seção em que expusemos os percursos epistemológicos desta pesquisa. Desse modo, apresentamos um percurso pela área da Linguística, que norteia esta pesquisa, realizando uma associação entre gramática, gramaticalização, Linguística Aplicada Indisciplinar para a compreensão da leitura, que, neste trabalho, projeta-se no TEMPO, no tempo flexional e reiterando que escolhemos o verbo como elemento linguístico desse processo e para a percepção da temporalidade.

O nono capítulo destina-se à análise das questões selecionadas de diferentes livros didáticos, que compreendem os anos de 2007, 2013, 2016, 2020, de Língua Portuguesa do Ensino Médio, com o objetivo de verificarmos as marcações do TEMPO, do tempo flexional, classificação do tempo em sua forma extensiva ou não à temporalidade. Essa parte se constituirá do corpus da pesquisa e ensejará a importância da constatação da limitação da gramática normativa, linguística, morfologia, desinência modo-temporal ou da expansão das possibilidades pela temporalidade e gramaticalização a que o tempo verbal pode ser submetido no processo de interpretação do texto, especialmente literário, a partir dos elementos linguísticos, que são as formas verbais situadas ou conjugadas em determinado tempo.

2 O ATO DE LER: da gramática à gramaticalização

Para se ler um texto, é indispensável ter, antecipadamente, uma compreensão das relações morfossintáticas que envolvem a língua, ainda que o próprio leitor não tenha a percepção dessa interdependência leitura-descrições gramaticais. Na efetivação da leitura de um texto, há a necessidade de se “acionar gramáticas”, conforme afirma Almeida (2020), seja a gramática com suas regras da norma culta ou as outras gramáticas que a linguística oferece, visto que “colocam a língua sob a metáfora do jogo e das jogadas” (Almeida, 2020, p. 73).

Dessa forma, existe a gramática normativa, definida como um “conjunto de regras que devem ser seguidas”; também a descritiva, “conjunto de regras que são seguidas”; a internalizada, “conjunto de regras que o falante domina”. De acordo com Possenti (1996, p. 64), as gramáticas viabilizam o contato entre o leitor e o texto, numa concepção de responsividade, a fim de que aconteça a fruição de sentido e se dê o envolvimento comunicativo.

Com isso, evidenciamos que o leitor “invoca uma base colhida na gramática” (Neves, 2010, p. 96) para o estabelecimento da construção de sentido que se dá na base da materialidade linguística. E essa construção apresenta-se para o leitor fruí-la com propriedade, a partir de um conhecimento linguístico obtido anteriormente à ação de ler. Para reafirmarmos essa importância de que a leitura é uma experiência que também se submete às composições gramaticais, temos as palavras de Almeida (2020, p. 82):

O leitor precisa passar pelo normativo, pelo descritivo e pelo que tem internalizado como conhecimento linguístico que ninguém a ele precisa ensinar. Por aí, ele terá algum alento para sustentar suas expectativas quebradas, lugar dos mergulhos pelos quais será tragada em todas as dimensões pelo texto-fruição.

Portanto, a (morfo)“sintaxe como estudo da face formal das sentenças” (Perini, 2019, p. 37), aliada à semântica, confere ao texto uma estruturação que comporá a ideia, o que exige do leitor uma base acerca dos arranjos linguísticos proporcionados pela(s) gramática(s), visto que, conforme Perini (2014, p. 58), “a gramática é uma disciplina científica, pois tem como finalidade o estudo, a descrição e a explicação de fenômenos do mundo real”, ou seja, a compreensão do mundo extralinguístico parte da relação do leitor com os elementos linguísticos, em seu uso e emprego constantes, tendo em vista as relações de sentido entre as categorias morfossintáticas em um enunciado.

Nesse sentido, ao entrarmos no processo de leitura, há a necessidade de acionarmos os mecanismos gramaticais para que, assim, haja a ativação de aspectos que favoreçam articulações coerentes entre a ideia expressa no texto, na correlação entre elementos intratextuais, os elementos linguísticos, e extratextuais. Nesse processo, dinamiza-se, também, a gramática que pode ceder espaço para se mobilizar a gramaticalização, em que são focalizadas categorias gramaticais associadas a aspectos semânticos.

2.1 A gramática normativa e o tempo verbal

As orientações e vivências linguísticas passam por todo um processo em que se agregam os fatos de uso da língua e da linguagem e, nessa dialética, os fatos linguísticos para uso sistematizado se organizam e se definem por meio de uma gramática que, conforme Neves (2002, p. 36), os investiga e, também, apresenta-os com a finalidade de expô-los. É que a gramática tem esses elementos como objeto específico de exame (Neves, 2002), dando a eles uma natureza particular e os dispõe em categorias.

Essas categorias organizam o conhecimento que temos de uma língua e o nosso conhecimento de mundo, pois somos colocados diante uma vastidão de informações as quais se programam em nosso cérebro por meio dos elementos linguísticos que precisam de uma base, de um sistema que os organize. É que levamos “em conta que os falantes não combinam os elementos do modo como querem, já que sua língua apresenta restrições quanto a esse processo” (Martelotta, 2023, p. 43).

E a gramática nos apresenta essas categorias e essa base, pois, segundo Perini (2014, p. 58), “a gramática é uma disciplina científica, pois tem como finalidade o estudo, a descrição e a explicação de fenômenos do mundo real”.

Por meio das categorias, vão se constituindo as caracterizações dos fenômenos linguísticos dadas a eles conforme sua classificação e função de acordo com parâmetros estruturais que definem suas especificações dentro de um discurso pelas quais os gramáticos e os linguistas são responsáveis (Neves, 2002, p. 39). Nesse aspecto, dá -se a formalização de estudo e emprego das categorias como o artigo, o verbo, a conjunção, assim como outras classes, ou entidades da língua (Neves, 2002, p. 39), que vão se definindo. De acordo com Neves e Casseb-Galvão (2014, p. 13):

Quando falamos ou escrevemos, há uma intensa atividade mental na qual são acionados os sistemas linguísticos: o léxico, a semântica, a gramática e o discurso. São sistemas delimitados por categorias que seriam governadas por um dispositivo sociocognitivo: social, porque se assenta nas representações linguísticas das

categorias cognitivas. Vem declarada, pois, a existência de uma base teórica que leva a uma postulação da língua rotulada como “abordagem multissistêmica”.

Dentro desse parâmetro, em que se dá a organização dos fenômenos da língua, temos que o caráter social atribuído à língua corrobora ordenações dos elementos linguísticos seja em uma perspectiva tradicional ou em uma fluidez de base funcionalista e, conforme Neves (2010, p. 12), sem desequilíbrio do sistema, ou seja, sem que as sistematizações sejam exclusivamente desconsideradas, dadas determinadas instâncias. Com essa percepção, há os estudos gramaticais - e entram, nessas nuances, as diferentes gramáticas -, por meio de suas classes, no centro da produção de sentido de acordo com cada instância de uso linguístico (Neves, 2010, p. 15).

Para, então, uma compreensão das contribuições das gramáticas para o usuário da língua (na fala e na escrita, como escritor/leitor, ou seja, no ato comunicativo) é imprescindível a compreensão, por meio de conceito de gramática e seus diferentes tipos. Assim, gramática, segundo Neves (2010, p. 117), “é todo instrumento que trata de categorias, propriedades e características da língua, ou de uma língua, com o objetivo de explicar seu funcionamento”. É considerada como “um gênero relativamente estável” também sob o ponto de vista conceitual e formal.

A partir desse conceito, de acordo com Possenti (2002), e em uma relação estreita sobre o que dizem os teóricos (e em muito concordam) a respeito de gramática, elencam-se os tipos: (i) a gramática normativa que apresenta: conjunto de regras relativamente explícitas e relativamente coerentes, que, se dominadas, poderão produzir como efeito o emprego da variedade padrão (escrita e/ou oral) (Possenti, 2002, p. 64-65); (ii) a descritiva que orienta o trabalho dos linguistas, cuja preocupação é *descrever e/ou explicar* as línguas tais como elas são faladas (Possenti, 2002, p. 64-68); (iii) a internalizada que se refere a hipóteses sobre os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou sequências de palavras de maneira tal que essas frases e sequências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua (Possenti, 2002, p. 69-72).

Nesses estudos gramaticais de classes de palavras, encontra-se o verbo, que se estende em flexões e, por meio de sua estruturação que muito bem acomoda diversas situações de ordem comunicativa, indica, entre outros aspectos, o sujeito do acontecimento, a maneira como se desenvolvem os eventos, o tempo como demarcador dos fatos em um determinado ou mesmo indeterminado momento de transcorrência dos eventos. É uma classe que põe em funcionamento a língua por suas dinâmicas formas de ser um repositório de

informações acerca do dizer, que vem carregado de dizeres, do sentir, do pensar, do saber dos falantes da língua.

O verbo tem suas nuances que vão muito além de noções paradigmáticas na identificação de pessoa, número, tempo e modo, por meio das desinências, as quais dão base para uma explicação seja tradicional (e se fala da gramática normativa), ou dentro de uma gramaticalidade com projeção epilinguística. Essa classe de palavras teve sua origem entre os romanos (Ilari; Basso 2014, p. 65) e, como *verbum*, significava palavra ou “palavra por excelência”, o que muito confirma suas tão variadas flexões e sua relevante função e sentido adquiridos e transmitidos em um contexto.

Essa unidade lexical (Ilari; Basso 2014, p. 66), tem, em sua função, a construção de sentenças (Benveniste, 2006) que dão forma às orações, que também constroem os períodos. É que, segundo Ilari e Basso (2014, p. 66), “o verbo proporciona o que poderíamos chamar de *molde* ou *matriz* para a construção da sentença”.

Entre suas propriedades, o verbo estabelece relações entre seres, individualiza um ser, torna o ser partícipe de um evento (seja por fala ou ação que são representadas por esse elemento lexical). Desse modo, essa categoria de classe de palavras que se inscreve como uma classificação de múltiplas variações, destaca-se, assim, conforme referências gramaticais, como a classe que mais passa por flexões; a saber: pessoa, número, tempo, modo, e, ainda, por ela passam as vozes verbais e as formas nominais.

Nessa perspectiva de compreensão da função das categorias linguísticas, o verbo, que carrega os contornos particulares ou coletivos das manifestações dos falantes, pode apresentar-se, dinamicamente, por meio da categoria tempo, com a representatividade de legitimar e situar as ações e os fatos concretos das relações, ou internos para além de uma cronologia unicamente definida por meio das desinências verbais. É que a gramática normativa determina, dentro de uma sistematização, as classificações do tempo verbal por meio de determinações metalinguísticas, para, assim situar a realização dos acontecimentos.

A categoria tempo, no verbo que se estabelece pela gramática, tem seu estudo desde os tempos clássicos (na Grécia Antiga) em que, segundo Neves (2002, p. 42), a forma verbal, em sua flexão, apresenta(va) suas distinções nas relações temporais. E, conforme estudos realizados, como o dos estoicos, citados pela autora (Neves, 2002), “o tempo é algo incorporeal e tido como uma divisão do movimento do mundo”, e Neves (2002) ainda afirma que nem sempre, para eles, as desinências verbais eram suficientes para estabelecer um critério marcador de um tempo específico, pois não era sempre que se voltava a atenção para as distinções temporais no verbo através de uma base formal.

Assinala Bechara (2001, p. 212), quanto ao aspecto linguístico, que “o tempo ou nível temporal informa a relação temporal do acontecimento com o momento do ato da fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior e o futuro ocorrerá depois deste momento”. Essa sistematização sobre a classificação dos tempos verbais pode ser visualizada no quadro um, de acordo com Bechara (2001, p. 221):

Quadro 1 – classificação dos tempos verbais

PRESENTE	em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos;
PRETÉRITO	em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito;
FUTURO	em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em futuro do presente e futuro do pretérito. (Bechara, 1999, p. 221)

Fonte: Bechara (2001, p. 221)

Em língua portuguesa, os tempos verbais são situados de forma sistêmica, marcados pelas desinências determinadoras dos momentos de presente, pretérito, futuro e caminham em direção à gramática normativa ou por ela são determinados. E por meio de uma hierarquia temporal ou não, já que o tempo presente é sempre o ponto de partida para os demais tempos, podemos caracterizá-los a partir do que preceitua o sistema linguístico e apresentar as informações, tendo como referência os fatos distribuídos e organizados pelo tempo.

Em Bechara (2001, p. 276), observa-se um aspecto de avanço da gramática para a gramaticalização, revestindo o verbo de temporalidade, visto que as classificações dadas aos tempos no verbo ultrapassam a ideia do momento dos acontecimentos restritos a uma sistematização que define a função de cada um de forma limitada.

Explica-se, por exemplo (Bechara, 2001, p. 276), que o presente ultrapassa a ideia de indicar a ocorrência do fato no momento da fala, pois pode “denotar uma declaração que se verifica ou que se prolonga até o momento da fala, o que acontece habitualmente ou o que representa uma verdade universal”.

Podemos constatar esse aspecto a partir do que discorre Bechara (2001, p. 276) acerca do emprego tempo presente, ou seja, o presente é empregado em lugar de outros tempos verbais conforme quadro dois:

Quadro 2 – Emprego do tempo presente

PELO PRETÉRITO	em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais. “Pela manhã, <i>bates-lhe</i> à porta, chamando-o. Como ninguém responde, procura entrar. Um peso imprevisto <i>detém</i> o esforço do teu braço. <i>Insistes. Entras. E recuas</i> , os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração no peito” [HC.1, 16-17].
PELO FUTURO DO INDICATIVO	para indicar com ênfase uma decisão. Amanhã eu <i>vou</i> à cidade.
PELO PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	Se <i>respondo</i> mal, ele se zangaria.
PELO FUTURO DO SUBJUNTIVO	Se <i>queres</i> a paz prepara-te para a guerra.

Fonte: Bechara (2001, p. 276)

A regularidade linguística existe (Neves, 2010, p. 157), para que haja a sistematização da língua ou um processo de “definição de padrão linguístico na constituição de uma norma, para que dê unicidade à heterogeneidade e à multiplicidade existentes em uma língua” (Neves, 2010, p. 172). Nesse sentido, compreendemos, sim, a importância da existência e eficácia das normas linguísticas, mas também admitimos o dinamismo da língua que se constrói em meio às contextualizações que envolvem, situam e formam a temporalidade. Isso significa pôr a língua em funcionamento, em seu dinamismo, em suas jogadas.

De acordo com Benveniste (2006), o tempo se destaca como a forma linguística que mais ricamente revela experiências subjetivas. E o verbo exprime esse tempo que reflete essa temporalidade do transcorrer dos fatos e, assim, podemos situá-lo entre esses elementos

linguísticos marcadores de uma cronologia que envolve circunstâncias diversas, desde as reminiscências e vivências de um personagem em uma narrativa, por exemplo, até as marcações cronologicamente demarcadas para realizações dos fatos, dentro de uma fixidez do calendário (Benveniste, 2006).

Considerando essa última informação, nem sempre teremos, morfologicamente, as desinências verbais para situar os acontecimentos em relação a um ser como referência para a realização dos fatos. Conforme Ilari e Basso (2014, p. 67):

Se nos voltarmos para as informações que o verbo transmite por meio de suas flexões, encontraremos sistematicamente algumas informações de tempo. [...]...quando os linguistas falam de tempo a propósito das desinências verbais, eles não pensam em tempo físico; também não estão à procura do tipo de informações que seriam normalmente encontradas em um calendário. Além disso, as desinências verbais pouco ou nada fazem para “medir” quantitativamente o tempo transcorrido. Mas tipicamente, os “tempos verbais” localizam os estados de coisas como simultâneos, anteriores ou posteriores ao momento de fala, ou a algum momento (diferente do momento de fala) ao qual o contexto linguístico deu saliência.

Conforme a citação acima, reafirmamos que o tempo verbal é também um dos indícios da temporalidade e exerce um papel de interação entre os momentos de ocorrência dos fatos e os relaciona, conforme o momento a que se projetam. Assim não há uma limitação quanto à indicação do marco temporal definido a partir da realização dos eventos, ainda que seja por um viés morfológico, identificado através das flexões verbais com base nas desinências.

O fato é que o tempo tem suas amplitudes que, em um texto, expande-se, alcançando lugares, cujo sentido temporal, identificador dos eventos, deriva-se de outros elementos formadores de um cenário mais amplo. Temos, por exemplo esse contexto em um texto literário quando o tempo embala as reminiscências de um personagem, permitindo-o viver, pela memória, simultaneamente o presente e o passado, e ambas marcações temporais se imbricam sem que, às vezes, possamos delimitar, com precisão, uma ou outra.

O tempo do verbo deve ser sempre considerado na construção de sentido em um enunciado como “um dispositivo dêitico inerente ao sistema de referência temporal utilizado pela língua pelo qual o momento de fala é, em qualquer hipótese, o termo *a quo*” (Ilari; Basso, 2014, 137), já que é considerado um marco por meio do qual podemos analisar a cronologia dos fatos. Com essa percepção da dimensão e proporção do tempo por meio do verbo, percebemos o quanto entender esse processo que envolve o tempo é fundamental para a realização da leitura de uma narrativa em que, por meio do tempo verbal, o leitor identifica o início do texto e compreende a linearidade ou a não linearidade dos fatos narrados.

2.2.1 Conjugação – Tempo flexional

A dinâmica da realidade social e cotidiana é forjada por meio do comportamento humano que tem à sua disposição elementos linguísticos que se estabelecem como elo comunicativo. Um desses elementos recorrentes em uso e indispensável para as construções também textuais mais engendradas e mesmo complexas é o verbo que, segundo Ilari e Basso (2014, p. 65), é “a palavra por excelência” e que já, em tempos remotos do latim e do grego, “contava com um paradigma de flexões vasto e bem definido”.

É o verbo a categoria gramatical em língua portuguesa (Bechara, 2001) cujo significado lexical organiza o falar e que (Benveniste, 2002) melhor representa o tempo e, especialmente, o linguístico. Em sua natureza dêitica, relaciona os enunciados, estabelecendo entre eles a conexão temporal. Como uma classe de palavras, o verbo morfologicamente, tem sua relação temporal marcada, especialmente, por suas formas conjugadas que se constroem a partir das desinências modo-temporais específicas de cada tempo. Por meio delas, reforçamos que ao verbo é atribuída a caracterização de classe que mais passa por variações.

A esse estado epistêmico dessa categoria gramatical em apresentação, acrescentamos as conjugações, formas de flexões que, conforme Bechara (2001), correspondem a dizer o verbo consoante um paradigma, em suas formas representativas como pessoas, números, tempos, modos e vozes. Para especificar a conjugação de acordo com o tempo, há, portanto, as desinências que singularizam cada tipo, situando a forma verbal em sua finalidade de demarcar um momento de coerência dos fatos em associação a outro momento de transcurso de outros acontecimentos.

Nesse aspecto, o tempo se materializa por meio da conjugação do verbo de acordo com as (Ilari; Basso, 2014) terminologias adotadas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) de 1957, embora saibamos que essas terminologias não sustentam, de forma suficiente e completa, formas singularizadas de demarcação das incursões temporais, pois, quando posta em ligação com o contexto com as impressões pessoais, com o modo de fala particular, pode extrapolar para a temporalidade.

O tempo verbal avança, por exemplo, para outros âmbitos e não se limita a uma fixidez na orientação temporal, pois uma forma conjugada, no presente, nem sempre corresponde à realização do fato exatamente no momento da fala, como em *Compro frutas frescas todos os dias*, em que o verbo comprar flexionado no presente do indicativo expressa uma ação recorrente realizada não apenas no momento da enunciação, ou seja, a concomitância entre a forma conjugada no presente e a realização da ação em curso deixa de

existir em determinadas circunstâncias. De igual modo, ocorre com uma forma que, no pretérito perfeito do indicativo, consoante outros aspectos contextuais e linguísticos, pode expressar um presente, ou uma ocorrência no momento da fala como se expressa com o verbo fazer em *Fiz agora mesmo todas as tarefas*.

Entendemos, assim, que as desinências modo-temporais nem sempre designam exatamente o tempo que representam, levando em consideração as classificações morfológicas definidas pela gramática. Marcam, também, outros movimentos, corroborando o tempo físico. Podemos, por esse viés, concordar com Ilari e Basso (2014, p. 72) quando afirmam que o paradigma de conjugação das formas verbais “tal como é apresentado pelas gramáticas” não corresponde há muito tempo ao português do Brasil, considerando a morfologia do verbo propriamente dita”.

O quadro três exemplifica, conforme o que se discorreu acerca da orientação de conjugação do verbo, (Ilari; Basso, 2014, p.71) “o conjunto das formas que ele pode assumir por efeito” das flexões de tempo que se limita a uma terminologia temporal e que é determinada por uma classificação fixa de acordo com a gramática normativa conforme Mesquita (2007, p. 294-295):

Quadro 3 – Tempo Flexional

MODOS	TEMPOS	
	<p>PRESENTE – aprendo</p> <p>O fato corre simultaneamente ao momento em que se fala</p>	
INDICATIVO	PRETÉRITO	<p>IMPERFEITO - aprendia Indica o fato que está inacabado, não totalmente concluído</p> <p>PERFEITO - simples – aprendi composto – tenho aprendido</p> <p>Indica que o fato está totalmente concluído, acabado no momento em que se fala</p> <p>MAIS QUE PERFEITO - simples – aprendera composto – tinha aprendido</p>

		Indica um fato já concluído e anterior a outro também acabado no momento da fala
	FUTURO	DO PRESENTE - simples – aprenderei composto – terei aprendido Indica um fato que, em relação ao momento da fala, se realizará no futuro DO PRETÉRITO - simples – aprenderia composto – teria aprendido Indica um fato futuro em relação a outro já ocorrido
SUBJUNTIVO	PRESENTE – aprenda	
	PRETÉRITO	IMPERFEITO – aprendesse PERFEITO COMPOSTO – tenha aprendido MAIS QUE PERFEITO: composto – tivesse aprendido
	FUTURO	SIMPLES – aprender COMPOSTO – tiver aprendido
IMPERATIVO	AFIRMATIVO aprende (tu) NEGATIVO não aprendas (tu)	

Fonte: Adaptado de Mesquita (2007)

Esse quadro nos oferece a distribuição dos tempos, com uma divisão temporal que determina uma estrutura desinencial especificadora de cada conjugação. Ao analisarmos sobre o que caracteriza cada tempo, podemos perceber que nem sempre essa caracterização é condizente com o tempo que determinadas construções refletem em um enunciado.

Ratificamos essa percepção conforme o que nos revela Van Dijk (1976, p. 83 *apud* Fiorin, 2021, p. 128) sobre o tempo verbal gramatical:

O tempo verbal gramatical (tense) é a manifestação de relações temporais profundas entre as representações semânticas de um texto; por isso, uma mesma relação temporal pode ser expressa por diferentes tempos. As relações temporais que se estabelecem entre as frases de um texto estão intimamente associadas à sucessão representada na estrutura semântica global do texto ().

Com isso, reafirmamos o que postulam Ilari e Basso (2014) sobre a não relação exata entre a padronização dos tempos gramaticais e o uso das formas verbais para indicação de tempo, visto que, reitera-se que as desinências modo-temporais tidas como norteadoras dos movimentos temporais não suprem todas as nuances do verbo quando usado com referência ao momento dos acontecimentos. Também não delineiam exatamente o dinamismo dessas formas verbais quando se materializam na comunicação, principalmente quando consideradas as jogadas da língua nas expectativas das interações, momento em que a língua é posta em uso, em que se ativam os papéis das relações sociais comunicativas.

2.2.2 Aspecto/TEMPO

Ao falarmos sobre o tempo, perpassamos por suas várias nuances e atribuições dadas a esse marcador dos acontecimentos. Entre as atribuições vislumbradas ao tempo, o verbo, como principal representante do linguístico, é também contemplado neste trabalho. Passamos por essa categoria gramatical por meio das classificações modo-temporais, conforme a morfologia. Consideramos ainda que, em meio à conjugação, o tempo verbal pode se gramaticalizar a partir do alcance da temporalidade. Para marcar a própria natureza fugidia do TEMPO, o verbo, em sua conjugação temporal, não dá conta por si só do exercício da cognição (Abraçado, 2020, p. 28). A percepção do tempo verbal avança com a categoria do aspecto para a complexidade das relações temporais da existência humana. Conforme Abraçado (2020), “tem a função de apresentar uma situação de um ponto de vista particular”. É que o sujeito da língua ou da comunicação expressa sua apreciação em relação ao desenvolvimento dos eventos em seu estado temporal, que corresponde à forma como a ação, em sua duração, é perspectivada pelo falante, pelo leitor, a partir das construções do enunciado.

A descrição do aspecto verbal corrobora subsídios a esta pesquisa em Linguística Aplicada Indisciplinar que contribui com o ensino da leitura que extrapola o tempo verbal, pensando a temporalidade. Estamos reconhecendo que a indicação dos tempos é necessária,

apesar de sua fixidez e procurando acrescentar o fato de essa categoria, mesmo ligada ao verbo primordialmente, precisar se articular à noção de temporalidade na organização dos graus de desenvolvimento do estado de coisas, considerando as fases que ele pode compreender (Castilho, 2014). Analisamos, dessa forma, que tempo e aspecto apresentam uma estreita relação na diferença entre tempo e TEMPO, sucessivamente. E, por meio desse olhar voltado ao aspecto verbal, o tempo pode ter suas portas abertas para uma leitura que atinja um nível de maior exploração e compreensão de seu movimento, pois também se comunica com a semântica em uma prospecção de entendimento dos elementos linguísticos e extralinguísticos.

O aspecto verbal se apresenta como categoria semântica (Castilho, 2014) e embora tenha uma estreita relação com o tempo, de acordo Castilho (2014, p. 418), não se prende a uma “postulação de conceitos” acerca da duração temporal, pois tem sua independência que lhe é atribuída por sua condição “simbólica”. Para esse teórico (Castilho, 2014, p. 418), a natureza do tempo e a natureza do aspecto podem até se aproximar, mas se afastam quando considera que “o aspecto caracteriza o evento narrado sem envolver seus participantes e sem referência ao evento de fala” e ainda “quantifica o evento narrado” enquanto o tempo vai além porque “caracteriza o evento narrado com referência ao evento de fala” quando, por exemplo, “o pretérito nos informa que o evento narrado é anterior ao evento da fala”.

Vários autores, entre eles Castilho (2014), teorizam sobre o aspecto verbal. É importante entender que a conjugação explica o verbo como dêitico, elemento de coesão que estabelece as relações temporais a partir do ato de fala. Esse autor destaca duas formas para compreendermos essa faceta do verbo, atribuindo a ela uma “tipologia” (Castilho, 2014, p. 418): aspecto ‘perfectivo’ (Castilho, 2014, p. 419) e o ‘imperfectivo’. Pode acontecer, e não é raro, que tenhamos, respectivamente, fatos verbais no presente e no pretérito, que, independentemente da flexão de tempo, por sua natureza “global”, estão tendendo a um fim, um desfecho irremediável. Quando dizemos, por exemplo: Naquele dia, minha mãe chega e me dá um livro, o verbo está no tempo da conjugação, presente, mas o aspecto é perfectivo. A ação é não só passada, mas também concluída. A partir dessas reflexões, entendemos que o tempo por meio do aspecto verbal se gramaticaliza e alcança a temporalidade por migrar da rigidez temporal da gramática para concepção mais vivencial do TEMPO.

Segundo Travaglia (2016), a conceituação de aspecto é bastante variada e nem todas as noções são correspondentes aos quadros aspectuais resultantes. Esse autor levanta pontos comuns dessa diversidade:

1. aspecto seria “a maneira de ser da ação”; 2. aspecto é a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna; 3. aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si; CÂMARA JÚNIOR (1974a); CÂMARA JÚNIOR, J. M. Princípios de linguística geral. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974b. 333p.; GARCIA (1976); PONTES, E. Estrutura do verbo no português coloquial. Petrópolis: Vozes, 1972.; QUIRK, R. et al. A grammar of contemporary English. London: Longman Group, 1972. 1.120p. AZEVEDO FILHO, L. A. de. Para uma gramática estrutural da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Gernasa, 1975; CÂMARA JÚNIOR (1974a); CASTILHO (1967); COMRIE, B. Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. London: Cambridge University Press, 1976. 142p.; CRETELLA JUNIOR., J. O aspecto e o tempo no sistema verbal. *Jornal de Filologia*, São Paulo, v.1, n.2, p.135-141, 1953.; DUBOIS, J. et al. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 1978. 653p.; GARCIA (1976); LUFT, C. P. Moderna gramática brasileira. Porto Alegre: Globo, 1976.; MEILLET, A. Linguistique historique et linguistique générale. 2. Paris: Librairie Honoré Champion, 1972. v. 2 apud CASTILHO 1967.3 BORBA, F. da S. Pequeno vocabulário de linguística moderna. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976. 49p.; CARRETER, F. L. Dicionário de términos filológicos. 3. ed. Madrid: Gredos, 1974. 460 p.; CASTILHO (1967); CRETELLA JÚNIOR (1953); DUBOIS et al. (1978); GUILLAUME, G. Immanence et transcendance dans la categorie du verbe, esquisse d’une théorie psychologique de l’aspect. In: CASSIRER, E. et al. *Essais sur le langage*. Paris: Éditions de Minuit, 1969. p.207-225.; HOCKETT. O conceito de aspecto e as noções aspectuais 4. aspecto envolve tempo; 4 5. aspecto é definido como marcador de oposições entre certas noções ou de noções simples: término/não término, início, resultado, etc.5 O primeiro destes pontos revela-se pouco útil na definição do aspecto por ser passível de levar a confusões com elementos não aspectuais ligados tanto ao modo verbal e à modalidade (tais como dúvida, necessidade, obrigação, possibilidade, volição, etc.), quanto ao que muitos linguistas chamam de modo de ação ou aktionsart 6, como dizem os alemães (aqui se incluiriam provavelmente noções como progressão, aparência, conação, diminuição, etc.). O quinto destes pontos comuns às conceituações de aspecto só nos auxilia na medida em que pode nos ajudar a perceber a generalização que envolve as oposições e noções citadas. Já os pontos 2, 3 e 4 nos dão os elementos de partida para uma boa conceituação de aspecto. (Travaglia, 2016, p. 40-41)

Entendemos com Travaglia (2016) que a categoria aspecto envolve tempo, certas marcações de término/não término, início, resultado. O aspecto leva, também, em consideração a ideia de dúvida, necessidade, obrigação, possibilidade, que não se referem, necessariamente, ao verbo. O fato de dizer, exprimindo volição por meio de um verbo auxiliar como, em *Eu desejo realizar*, *Eu desejei realizar* não se refere diretamente à questão do tempo. Para o aspecto, não há um momento norteador do acontecimento do fato, que se revela como ponto de referência, de marcação para acontecimentos passados ou futuros, ou seja, o aspecto não se sustenta em um marco no presente que determina se o fato já ocorreu ou vai ocorrer.

Nesta pesquisa, o interesse principal não é na flexão temporal da categoria verbal. É sobre temporalidade, considerando o TEMPO “a ideia geral e abstrata sem considerar sua indicação pelo verbo”. Para esta pesquisa, o verbo é um ponto de referência e é pelo aspecto que estamos extravasando para temporalidade. Essa diferença nos possibilita, nesta pesquisa, separar TEMPO de tempo flexional. O aspecto ocupa a dimensão de tempo; e o tempo flexional, a conjugação em, por exemplo, *Amanhã irei à academia* (tempo/futuro, tempo

flexional/futuro do presente do indicativo); Amanhã **vou** à academia (tempo/futuro, tempo flexional/presente do indicativo).

Travaglia (2016) reconhece que “tanto o tempo quanto o aspecto são categorias de TEMPO que não se confundem”: tempo é o momento de ocorrência da situação na fala (passado, presente, futuro). Aspecto é uma categoria não dêitica, “pois se refere à situação em si, considerando que o aspecto se manifesta na constituição temporal interna da situação” (Comrie, 1976). Distinguimos para esta pesquisa que o tempo é “externo à situação”, e o aspecto é “interno à situação”.

Essa internalidade temporal é que sugere a leitura das situações em textos interpretados em livros didáticos do Ensino Médio e vai nos possibilitar responder se as questões de interpretação levam em consideração a temporalidade ou não. Pressupomos que, se o leitor interpreta o tempo apenas pelo seu caráter externo, não terá a possibilidade de aprofundar a interpretação interna das situações. Ele não terá acesso a todas as noções de “acabado e não acabado” que não se vincula necessariamente a início, meio e fim.

Uma situação precisa ser apreendida naquilo que ela é incompleta ou completa; prevista ainda por começar; acabada ou não acabada. Precisa ser compreendida “nas fases de realização que chamamos na situação de fase acabada ou não acabada”. As situações que envolvem os textos. Ainda para Travaglia (2016), em resumo:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.

É importante destacar que, por mais que haja classificação aspectual, esses aspectos não são estanques. Se dissermos: Enquanto o professor explicava as noções aspectuais, muitos alunos fizeram questionamentos, observamos que, nesse enunciado, a primeira situação “explicava” tem um aspecto incompleto e a segunda “fizeram questionamentos”, completo. São dois aspectos que se articulam.

2.3 Leitura

De acordo com Jouve (2002), a leitura se constitui como uma ação que vai fluindo em várias direções e, para tanto, há a necessidade de ativar a percepção de identificação dos signos, que solicita uma antecipação de estruturação e interpretação; ou seja, a leitura se vincula a atividades plurais, que se iniciam no reconhecimento das funções dos signos linguísticos em movimento dentro do texto até a ligação deste com aspectos contextuais. É

que “o texto coloca em jogo um saber mínimo que o leitor deve possuir se quiser prosseguir a leitura” (Jouve, 2002, p. 19). E, entre os saberes que o leitor deve ter, um é fundamental: a compreensão da função que, morfossintaticamente, os termos assumem no texto.

Para evidenciarmos ainda mais essa postura que o leitor deve adotar na atividade de leitura, postula Jouve (2002, p. 61): “Saber como se lê é determinar a parte respectiva do texto e do leitor na concretização do sentido. A leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor”.

O texto precisa do envolvimento do leitor, segundo Jouve (2002) e, para isso, o leitor, além de uma leitura atenta para levantar uma série de equivalências simbólicas intratextuais e extratextuais, precisa também saber dar lugar a cada elemento linguístico conforme o sentido, função e classificação que assumem em suas inter-relações, em suas posições e oposições para que seja construído o sentido global do texto e se construa a coerência. Tudo é resultado da organização linguística entre os termos, como também de “uma construção feita pelos interlocutores, numa situação dada, pela atuação conjunta de uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional” (Koch, 2016, p. 53). Dessa forma é com o TEMPO/ tempo.

Assim, entendemos que a percepção de um texto se organiza em torno de dimensões gramaticais, cognitivas, contextuais e na manipulação de unidades linguísticas, seja no aspecto semântico, fonológico, morfológico e sintático. De posse desse universo e imerso em uma atmosfera de compreensão de contexto e de co-texto (destacando-se os elementos intratextuais), o leitor pode ter o entendimento de que a lógica do texto e as possibilidades de interpretação dele estão vinculadas ao conhecimento também gramatical, visto que a leitura legítima deve estar atrelada aos critérios da coerência interna. Dessa forma, é inegável que o leitor parte de uma competência linguística para avançar no entendimento do texto, no âmbito também informativo, com fluidez.

Inferimos, também, sobre essa importância da morfossintaxe para melhor compreensão da leitura a partir do que evidencia Jouve (2002, p. 79), ao afirmar que “o leitor pode realizar uma performance (atualizar os diferentes níveis de um texto), por dispor de uma competência[...]” e ainda acrescenta que “sem um domínio mínimo do código linguístico é, de fato, impossível decifrar um texto.”

Não estamos defendendo uma imposição da rigidez da gramática normativa ou fixidez das normas impostas na categorização dos termos morfossintáticos, mas evidenciando a ideia de que o conhecimento das composições morfossintáticas é relevante para a atividade de leitura fora do âmbito da fixidez. É que, no texto, as palavras, seja por uma perspectiva

morfossintática ou semântica, ganham sentido a partir de suas associações, conforme afirma Bakhtin (2020, p. 324):

No tocante aos enunciados reais e aos falantes reais, o sistema da língua é de índole meramente potencial. O significado da palavra, uma vez que é estudado por via linguística, é definido apenas com o auxílio de outras palavras da mesma língua (ou de outra língua) e nas suas relações com elas; só no enunciado e através do tal significado chega à relação com o conceito ou imagem artística ou a realidade concreta.

Com essa apresentação, depreendemos que o leitor, de posse da compreensão de sentido estabelecido pelas construções morfossintáticas e seus movimentos, pode adentrar no texto com mais maleabilidade e com progressividade já que, assim, pode entender essas construções e avançar para a compreensão dos sentidos estabelecidos conforme intenção, também, do autor. Outrossim, há imbricação entre “a identificação das seleções contextuais e circunstanciais que permite, ‘também ao leitor’, interpretar as expressões em razão do contexto onde se encontram” (Jouve, 2002, p. 80).

3 GRAMATICALIZAÇÃO PARA DISCUTIR SIGNIFICADO E SENTIDO DO TEMPO NA LÍNGUA

Nesta seção, discorreremos acerca das modalidades de gramática, bem como sua importância para o estabelecimento do discurso gerador da comunicação. Fizemos um percurso pela categoria verbo, apresentando-o, especialmente, como um dos principais elementos linguísticos modeladores do tempo, enfatizando a relevância da temporalidade que se marca através do verbo, mas não apenas por meio dele. Simultaneamente, apresentamos o verbo como uma classe de palavras que mais passa por flexões e que entre elas está o tempo, nosso objeto de investigação, principalmente o linguístico a partir das formas verbais flexionadas.

Aliado ao que o verbo representa como tempo, expressamos o tempo como controlador dos acontecimentos em seu decurso e delimitado pelas classificações temporais que são modalizadas pelas desinências, porém expusemos que não são apenas as desinências indicadoras do tempo para que, dessa forma, possamos compreender que há outros elementos que também corroboram a ideia-tempo que se direciona para a temporalidade. Nessa dimensão, abordamos o tempo como um elemento passível de interpretação mais gramaticalizado, solicitando, assim, uma leitura mais interpretativa e atenta aos efeitos de sentido, resultantes dos arranjos construídos por meio das marcações temporais.

3.1 Gramaticalização e produção de sentido

A organização dos elementos gramaticais confere sistematização à língua, garantindo uma normatização aos enunciados por se construírem com base em uma estrutura normativa. Nessa perspectiva, analisamos que o verbo, em sua configuração morfológica, agrega formas de se situar como um dos termos de mais composições flexionais determinadas pela gramática. Reiteramos que, entre elas, destaca-se o tempo que, gradualmente, vai marcando os momentos de realização dos fatos, através do presente, passado e futuro, com suas formas de desdobramentos em outros tempos morfológicos que compreendem o passado e o futuro. E o presente se situa como o momento que mais rapidamente se extingue, sem termos a retomada ou a espera dele.

Para compreendermos o processo pelo qual passam os elementos linguísticos na transição de sua condição unicamente determinada pela gramática pura para a gramaticalização é imprescindível ter esta uma compreensão teórica. Dessa forma, devemos entender que:

No processo da gramaticalização, atua um princípio cognitivo específico – princípio da exploração de velhas formas para novas funções. Com base nesse princípio, pode-se dizer que conceitos concretos são mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de um fenômeno menos concreto. [...] gramaticalização envolve a abstratização de significados, os quais, de domínios lexicais ou menos gramaticais, são entendidos metaforicamente para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais (Barreto *et al.*, 2016, 42).

Nesse sentido, quando mensuramos a ideia de tempo verbal, partindo dessas postulações ou noções, estamos diante da temporalidade que é expressamente possível no nível da gramaticalização. Esta, por sua propriedade coextensiva à gramática normativa, possibilita o reconhecimento dos estágios e da propensão do tempo que é evocado em contínuas manifestações de decursos dos fatos, que não é medido ou determinado apenas pelas formas de classificação temporal da morfologia, mas também em outros fatores, entre eles, estão as percepções afetivas, sentimentais ou sociais do ser a quem foi destinada a realização dos fatos verbais.

Para a compreensão do tempo verbal que não se prende aos preceitos morfológicos, é imprescindível uma leitura que não fique limitada ou contida, que não se limite a uma linearidade, mas sim a atividade de leitura que perpassa (Mari, 2008, p. 47) por interpretações em graus variados e alcance o sentido que se estabelece no reconhecimento do jogo temporal que se expressa pelo verbo.

Nessa perspectiva, acolhemos, por meio da organização sistemática dos elementos linguístico, assim como o aspecto modo-temporal do verbo, que o sujeito se vale do sistema para constituir a língua (Mari, 2008, p. 41), e o sistema comporta regulamentações que vão da

fonologia à semântica. Observamos que a regulamentação que parte do sistema é imprescindível para constituir uma harmonização temporal proveniente das classificações que situam o acontecimento dos fatos em relação a outros fatos em ação ou em atividade, ou mesmo apenas em pensamento, ou ainda somente proferidos.

Notadamente, compreendemos que (Neves, 2010, p. 35) as gramáticas tratam, dessa forma, de uma afirmação e reafirmação da consciência linguística como forma de estabilizar, legitimar o uso da língua, posta em funcionamento ou mesmo limitada. A língua, ainda que em sua organização sistematizada (Mari, 2008), envolve o sujeito que, de posse do sentido do que a essa língua oferece, faz uso dela para a comunicação e, por meio dela, de acordo com Neves (2010, p. 34), “busca os padrões socioculturais que ele é capaz de atingir nos seus enunciados”. Inferimos, a partir dessas considerações, que a gramática tem sua ativação para o cumprimento da função comunicativa da língua, com suas idiossincrasias inerentes às suas associações gramaticais para se fazer cumprir sua propriedade, que é da organização sistemática de seus elementos, cuja finalidade é a construção de enunciados.

Dessa forma, as gramáticas, de acordo com Neves (2010, p. 31), promovem, com suas sistematizações, as orientações correspondentes a análises linguísticas em vigência, tanto em um estado teórico-metodológico quanto em um estado de sociedade. Por meio delas, é apresentada uma visão da língua e da linguagem capaz de dar (Neves, 2010) “direcionamentos” de várias ordens: “o filosófico, o doutrinário, o pragmático, o científico, o dedutivo, o indutivo”.

De acordo com Neves (2002, p. 89), toda e qualquer gramática de referência tem como objetivo “a busca das regularidades, a especificação da sistematicidade de atividade linguística”. Nesse viés, Neves (2002, p. 89) afirma:

O que se examina é a produção de sentido, e ela se opera no jogo que equilibra o sistema: o jogo entre as restrições (o determinístico) e as escolhas (o probalístico); visto que essas escolhas mantêm estreita dependência com a natureza da atividade linguística (escrita/oral), ressalta a importância do tipo de atividade linguística na condução da busca dessas regularidades.

Não negamos que a gramática é a base teórica para a sistematização da língua. Porém, ela pode abrir-se a uma sensibilidade linguística ditada pela atitude do falante (Neves, 2002, p. 175). E é quando o processo dos enunciados pode ser colocado em uma reorganização, privilegiando novos arranjos para efeitos de sentido. E a gramática se configura para além de uma expressão linguística restrita à metalinguagem. Podemos, assim, depreender que a gramática cede espaço para uma análise mais funcionalista (Neves, 2002).

Nesse processo de sistema adaptável da gramática e de uma projeção para a jogada da língua por meio do sentido, alcançamos a gramaticalização.

Em um processo funcionalista ou em uma gramática funcional da língua, podemos dizer que temos a gramaticalização que se apoia nas gramáticas, porém não se prende a elas, e, de acordo com Neves (2007, p. 91), a gramática em aliança com a gramaticalização encontra “abrigo privilegiado” no Funcionalismo. Esse processo pode agregar o tempo verbal que parte de uma estrutura sistematizada pela gramática normativa. Porém, pode se expandir na temporalidade que se perfaz pela gramaticalização, por meio de uma extensão temporal alcançada por outros aspectos representativos dessa temporalidade como, por exemplo, eventos que revelam a interioridade do ser como o pensamento, as lembranças, o sentimento, as decisões, que comandam os momentos dos eventos, protagonizados por um sujeito. De acordo com Neves (2010, p. 200):

Uma gramática funcional destina-se, pois, a revelar, pelo estudo das sequências linguísticas, os significados que estão codificados por essas sequências. O fato de ser “funcional” significa que ela está baseada no significado, mas o fato de ser “gramática” significa que ela é uma interpretação das formas linguísticas. A análise linguística, num primeiro nível, permite mostrar como e por que o texto é ou não é um texto efetivo, pelos propósitos que tem.

Nessa direção, passar pela gramática e atingir a gramaticalização significa permitir uma fluidez da língua por meio da qual as entidades linguísticas se relacionam dentro de um contexto mais amplo, já que cada elemento está diretamente determinando a função e o sentido do outro. É que a gramaticalização, de acordo com Castilho (2002 *apud* Gonçalves *et al.*, 2007), deve abandonar o princípio da *unidirecionalidade* em favor da *multidirecionalidade*.

Por meio da gramaticalização, podemos ver as flexões verbais modo-temporais tomando outro percurso: o da temporalidade, para a qual podemos considerar a vivência do momento do acontecimento dos fatos que extrapola as marcações temporais no verbo em seus componentes mórficos. E o tempo, também, cabe a outras formas gramaticais que ativam estruturas disponíveis para expressar as relações temporais. Por esse viés, Ilari e Basso (2014, p. 67) informam:

A consciência de que é no verbo, de preferência a qualquer outra palavra presente na sentença, que serão encontradas as informações de tempo relevantes para a interpretação da sentença é muito antiga, e vários autores (começando por Aristóteles, *De interpretatione*) usaram esse fato para definir o verbo: o verbo seria, por definição, a palavra da sentença em que se encontram concentradas as informações de tempo.

Há, assim, uma orientação para esse comunicar por meio de um sistema que abrange, organizadamente, os aspectos linguísticos, seja por meio de uma sistematização rígida em que

prevalece a fixidez das normas ou por uma forma mais fluida em que se percebe a língua, de fato, em uso. E, nesse viés, vai se delineando os tipos de gramática que permitem se identificar maior ou menor exploração do metalinguismo ou do epilinguismo, sem, contudo, incorrer-se em inadequações.

É quando o padrão, apesar de consolidado, cede espaço a mais para a língua portuguesa que dispõe de combinações expressivas em seu uso corrente. Nessa direção, podemos observar (Martins, 2012, p. 100) que as palavras gramaticais seguem uma regra, mas sempre há a possibilidade de alteração dessa regra para o alcance de efeitos expressivos. Assim, podem perder, em certos empregos, o valor gramatical e ter um novo realce, gramaticalizando-se.

Com essas nuances, observamos, no dizer de Hugo Mari, que há o assujeitamento do sujeito às regras do sistema (Mari, 2008, p. 42), por ele se apropriar dos lugares específicos do sistema. Podemos, assim, afirmar que o sujeito não está isento do uso da língua a partir de um sistema normativo que o determina. Porém, pode haver uma estrapolação desse sistema metalinguístico, quando o dizer se constrói por meio do jogo de sentido, que é permitido pela gramaticalização.

É que, assim, tudo vai se operacionalizar entre a Gramática e a Gramaticalização. Esta última entidade, no dizer de Neves (2002), é o processo que altera o recorte das entidades de conteúdo e que também ilustra significativamente a relação entre funcionamento linguístico e sistema gramatical. Além disso, disponibiliza-se a servir para uma variedade de propósitos, que são perceptíveis no desdobramento dos sentidos apreendidos na leitura que, depois que o leitor percebe e decifra os signos, tenta entender do que se trata.

A gramaticalização, dessa forma, permite que o verbo, dado seu (Corôa, 2005, p. 34) caráter dinâmico, expresse a temporalidade, em seu aspecto temporal que, segundo Corôa (2005), é estabelecida na enunciação por meio da relação falante/ouvinte. Na categoria da gramaticalização, o sentido é posto em evidência, cujo objetivo é perpassar por mecanismos que engendram novas dimensões para a metalinguagem, pois, segundo Jouve (2002), o sentido permite o deciframento.

4 GRAMATICALIZAÇÃO: dos movimentos morfossintáticos à aplicação no texto

Os diversos componentes linguísticos para a articulação da língua, em enunciados, organizam-se a partir de um sistema. Conforme Neves (2002, p. 175), esses elementos podem envolver alterações graduais de propriedades, que podem ser observadas por meio do funcionamento desses itens na língua, em que a gramática se configura como um sistema adaptável. É quando podemos observar a dinamização do uso da língua a partir de uma semantização, em que também se privilegia a fluidez para os efeitos de sentido, para o jogo.

A partir do aparato da gramática funcional (Neves, 2002, p. 155), que nos permite explicar os diferentes comportamentos dos elementos linguísticos, para que alcancemos outras possíveis interpretações na relação da metalinguagem com a gramaticalização, evidenciamos uma exemplificação do uso da morfossintaxe na perspectiva da leitura. Apresentamos uma breve análise de um texto intitulado **Poeminho do contra** de Mário Quintana:

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho (Quintana, 1978).

Tomando como exemplo dois dos termos do texto que são **passarão** e **passarinho**, observamos que, para compreendermos a intenção do humor crítico do autor, é necessário recorrermos à compreensão desses termos conforme a função e classificação gramatical que, pretensamente, expressam-se dentro do texto em diálogo com o contexto.

Os termos **passarão** e **passarinho**, por exemplo, parecem estar ambos na mesma categoria morfológica do substantivo (na relação de grau aumentativo e diminutivo, respectivamente) ou na categoria de verbos (na ação de passar de forma rápida ou de forma lenta, respectivamente), em sua correlação gramatical com a intenção de se ajustar à intenção do autor para a produção de um efeito, o que pode ser permitido pelo jogo de sentido, ao ocorrer a gramaticalização. Dessa forma, observamos que “essa condição de leitura da descrição linguística”, ou seja, o leitor faz um percurso que, embora “mediado por um sistema linguístico” (Almeida, 2020, p. 83), não o impede de transitar pelos sentidos que vão se formando através da combinação entre as palavras, que se mobilizam em suas construções e relações sintagmáticas.

Para termos uma leitura profícua desse texto Poeminho do contra, não se pode ignorar todos os aspectos que, expressivamente, estão relacionados às palavras que se ligam, pois, segundo Martins (2012, p. 97), os “componentes semânticos, morfológicos não podem ser separados dos seus aspectos sintáticos contextuais”.

Há, portanto, uma categorização gramatical que a palavra assume quanto à sua significação pelo viés intralinguístico que, de acordo com Martins (2012), corresponde ao que é apreendido da palavra no contexto linguístico. Ratifica-se, assim, essa ocorrência através da afirmação:

O emprego das palavras gramaticais diz respeito, portanto, à sintaxe e à organização textual, seguindo regrada mais ou menos fixas. Entretanto, sempre há possibilidade de uma alteração ou violação das regras para efeito expressivo. Palavras gramaticais podem perder, em certos empregos, esse valor gramatical e tornar-se meros elementos de realce ou ainda receber um valor nocional, aproximando-se das palavras lexicais. Também palavras lexicais podem perder seu valor nocional, gramaticalizando-se. (Martins, 2012, p. 100)

A metalinguagem cede também espaço para a flexibilização no uso da língua, em que se destacam outras possibilidades de uso dos elementos linguísticos que se adaptam a contextos, a situações de uso da língua viva em seu dinamismo. Cabe, então, salientar que a língua não é um todo homogêneo conforme aborda Martins (2012). E, corroborando essas explanações, temos, as palavras de (Castillo, 2007, p. 350):

A ativação das propriedades gramaticais é responsável pela construção dos sintagmas e das sentenças, pela ordenação dos constituintes, pela concordância, pela organização da estrutura argumental, etc. Neste particular, entendo que atribuição de caso e de papéis semânticos pelos operadores da predicação decorre do princípio de

projeção estrita, a que se referem os termos “transitividade”, “regência”, “valência”, “princípio de projeção”.

E, assim, sabemos que a linguagem se manifesta de diferentes maneiras conforme a finalidade do texto que ela constrói, mas, em todos, a morfossintaxe está presente, prezando pela organização das ideias que se dão na combinação dos termos, sob a perspectiva da função ou da classificação atribuída à palavra em acordo com o enunciado. Para tanto, ter conhecimento ou noção de uso das funções e classes dos termos é fundamental para a análise linguística, segundo Perini (2019), pois determina a compreensão que devemos ter de um texto, bem como as intenções semânticas do autor que corroboram a ação interpretativa do leitor.

Tendo em vista o que foi apresentado sobre o uso da morfossintaxe na perspectiva da leitura e sua consentânea relação com a Linguística Aplicada, concluímos que as incursões pela leitura pressupõem um estudo ou conhecimento das relações morfossintáticas que se estabelecem no texto em diálogo também com contextos sociais. Só que, apesar de essas relações serem essenciais para as construções linguísticas ou materiais do texto, elas não dão conta de sustentar o que há de indisciplinar nos sentidos. Assim, acionamos a gramaticalização.

Por isso, no processo dessa pesquisa, a descrição linguística tem exigido não só a visão da Linguística Aplicada, mas também a Linguística Aplicada Indisciplinar que rompe com a fixidez e o rigor das formas. Adota a perspectiva funcionalista e desafia a abertura da gramaticalização por meio da temporalidade. Acata o movimento e procura saber, por meio da multidimensão temporal, que é o objeto da existência e inquietação da linguagem, como o tempo (especialmente do verbo) é tratado nas questões de interpretação da leitura do texto literário, em questões do livro didático do Ensino Médio.

5 DO TEMPO VERBAL À TEMPORALIDADE

Ao passo que o tempo verbal é conjugável, a temporalidade está para além “de uma programação temporal porque decorre da “programação textual”. Nesse caso, segundo Barros (1988, p. 90), o sujeito da enunciação “tem, por exemplo, liberdade para reorganizar a cronologia.

A programação textual é o que possibilita ao narrador usar o tempo não linear, contar uma história que não começa necessariamente do começo. Na verdade, a temporalidade imprime “um complexo jogo da enunciação e do enunciado, entre simultaneidades, anterioridades e posterioridades, cria um tempo que simula a experiência temporal do homem” (Fiorin, 2021, p. 224).

Na dimensão da experiência humana, segundo Fiorin (2021, p. 224) “o presente é o transcurso, o passado é a memória e o futuro é a espera”. A narratividade expõe o tempo como experiência vivida. Contemplar o tempo é a própria expressão da vida humana (Simone

Waeil, 1950, p. 148 *apud* Fiorin, 2021). Nesta pesquisa, ao ler o tempo, entre as temporalidades da enunciação é gramaticalizar e discursivizar a relação entre gramática e leitura.

Consideramos o tempo verbal na dimensão da organização do enunciado, e a temporalidade na dimensão da enunciação. Citamos como exemplo, o conto *A fuga*, de Clarice Lispector (2016) porque exprime a complexidade das relações temporais crônicas, cronológicas expressas pelo tempo linguístico e físicas.

A personagem é uma mulher que anseia pela liberdade e pela autonomia e acredita que o caminho para conquistar esse sonho é o divórcio. O nome dela é Elvira. Quando o conto se inicia, Elvira está “desabrigada” (Lispector, 2016, p. 55). Começava a ficar escuro, e a condição dela era de total insegurança com a sensação de que “os transeuntes olhavam-na com estranheza” (Lispector, 2016, p. 55). Apesar disso “receava que alguma força a empurrasse para o ponto de partida” (Lispector, 2016, p. 55). Dizia para si com toda força “você não voltará” (Lispector, 2016, p. 55).

O futuro do presente, como podemos observar, exprime o modo imperativo de garantir a expectativa de liberdade. Já o mais que perfeito em “agora que decidira ir embora” (Lispector, 2016, p. 55) sinaliza o leitor que tinha havido uma decisão anterior à situação inicial da personagem no conto.

As duas horas que marcam o tempo cronológico da narrativa se iniciam no momento da leitura: “[...] Fechou os olhos e imaginou [...] o livro na mão recompondo a cena diária. Assustou-se [...]” (Lispector, 2016, p. 55). A partir daquela decisão, a personagem sai, caminha por três horas, viaja no navio, sente-se perdida, experimenta a liberdade de uma sopa quente em um quarto de hotel, e tudo aquilo que acontecia dentro dela era provocado pelo peso dos doze anos de casamento: “Sim, doze anos pesam como quilos de chumbo” (Lispector, 2016, p. 56). Aliás, “Só hoje, depois de doze séculos” (Lispector, 2016, p. 56). “[...] Há doze anos era casada e três horas de liberdade restituíam-na quase inteira a si mesmo” (Lispector, 2016, p. 55). Nesse excerto, o movimento da personagem marca a narrativa no tempo cronológico de três horas, e o tempo da experiência humana da mulher que produz a carga para esse movimento é o tempo físico de doze anos que se estende na temporalidade de doze séculos.

A exaustão da personagem diante do tempo também se expressa em “vive atrás de uma janela, olhando pelos vidros a estação das chuvas cobrir a do sol, depois tornar o verão e ainda as chuvas de novo”. O verbo no presente reconstrói doze séculos vividos em doze anos. Não é conjugação verbal que expressa o tempo acumulado, mas a gradação repetitiva das

ações de Elvira. É complexo o jogo entre temporalidades. É o que Fiorin (2021, p. 113) explica: “O momento de referência é o tempo de duração de uma aula. É mais longo do que o momento da enunciação, mas, em algum momento, é simultâneo a ele”.

O texto *A fuga* de Clarice Lispector traz esse movimento temporal, realizado pelo verbo, que ultrapassa a identificação do tempo referente à forma flexionada com suas desinências, e que se coaduna com a oscilação das emoções vivenciadas pela protagonista. E o tempo, indicado pelas desinências do verbo, também demarcam essas impressões pessoais, tendo o presente – momento da enunciação – como norteador das divagações feitas pela protagonista que vive o passado, mas que volta ao presente, em um ato de retorno à realidade. É nesse contexto que entendemos que existe o presente do fato narrado e o presente da condição da personagem.

Os verbos flexionados no presente, no pretérito e no futuro vão ganhando novos sentidos e acompanham as reações da protagonista, em que tempo, experiências e desejo de liberdade se misturam, dando ao tempo verbal contornos de temporalidade, pois as desinências verbais indicadoras do tempo não são suficientes para acompanhar os retrocessos, o momento presente e os avanços empreendidos pela imaginação e ações da personagem. A temporalidade avança, o tempo verbal, deslindado na gramática se dilui e cede espaço a novos sentidos.

Os fragmentos a seguir nos permitem perceber o jogo verbal dentro dessa temporalidade, em que o verbo reverbera o tempo linguístico, que acompanha toda projeção das constatações de realidades distintas testemunhadas pela personagem. E essas realidades se formam em relação à temporalidade que se projeta para os pretéritos, presente e futuro, reunidos no tempo crônico de duas horas em que a personagem atravessa o tempo físico de doze anos:

Fragmento 1:

Começou a ficar escuro e ela teve medo. A chuva *caía* sem tréguas, e as calçadas *brilhavam* úmidas à luz das lâmpadas. *Passavam* pessoas de guarda-chuva, impermeável, muito apressadas, os rostos cansados. Os automóveis *deslizavam* pelo asfalto molhado e uma ou outra buzina *tocava* maciamente (Lispector, 2016, p. 55).

Fragmento 2:

Quis sentar-se num banco do jardim, porque na verdade não *sentia* a chuva e não se *importava* com o frio. Só mesmo um pouco de medo, porque ainda não *resolvera* o caminho a tomar. O banco seria um ponto de repouso. Mas os transeuntes *olhavam-na* com estranheza e ela *prosseguia* na marcha (Lispector, 2016, p. 55).

Fragmento 3:

“*Atravessou* o passeio e *encostou-se* à murada, para olhar o mar. A chuva *continuava*. Ela *tomara* o ônibus na Tijuca e *saltara* na Glória. Já *andara* para além do Morro da Viúva” (Lispector, 2016, p. 56).

Fragmento 4:

Entra em casa. *É* tarde e seu marido *está lendo* na cama. *Diz-lhe* que Rosinha *esteve* doente. Não *recebeu* seu recado avisando que só *voltaria* de noite? Não, *diz* ele. *Toma* um copo de leite quente porque não *tem* fome. *Veste* um pijama de flanela azul, de pintinhas brancas, muito macio mesmo. *Pede* ao marido que apague a luz. Ele *beija-a* no rosto e *diz* que o acorde às sete horas em ponto. Ela *promete*, ele torce o comutador (Lispector, 2016, p. 57).

Nesses fragmentos, a temporalidade vai demarcando a sucessão de acontecimentos pelas formas linguísticas do verbo (Terra, 2015) nos pretéritos (imperfeito: *havia, continuava, revolia, quebravam, salpicava, tornava*; perfeito: *atravessou, encostou, ficou*; mais que perfeito: *tomara, andara*) que criam um efeito de sentido de modo que os fatos se apresentam de forma concomitante ao narrador e à personagem, e momento de enunciação referente ao presente do narrador se dissolve em meio a um passado que se torna presente na expressiva combinação de pretéritos, que se espriam juntamente com os movimentos de ação e pensamento da protagonista.

6 SUPORTES METODOLÓGICOS

6.1 Livro didático como suporte da investigação

Pela história do Livro didático, temos o conhecimento de que esse suporte de ensino-aprendizagem teve sua criação a partir do século XIX. Sua indispensabilidade está atrelada à necessidade de sua existência e uso em sala de aula como mediador no âmbito

educacional entre o aluno e o professor para o estabelecimento de um elo estreito na sistematização e aquisição da aprendizagem.

Devemos considerar também sua representatividade na circulação do capital, quando Chopin (2004, p. 551) afirma que “os livros didáticos correspondiam, no início do século XX, a dois terços dos livros publicados e representavam, ainda em 1996, aproximadamente, 61% da produção nacional”. Isso reflete também um investimento não somente na educação, mas ainda uma iniciativa favorecedora de um investimento na economia. Soma-se, ainda, a essa realidade “o interesse para a análise da ideologia do Livro Didático que foi inaugurada por Umberto Eco, que encontrou vários seguidores na América Latina” (Faria, 2008, p. 9).

Nesse contexto, compreendemos que o Livro didático tem longos anos de existência. Porém, de acordo com Lajolo (2004, p. 52; 54), o Português só passou a fazer parte do currículo da escola brasileira após meados do século XIX, embora esse fato não agradasse aos educadores de Língua Portuguesa. Assim, o conteúdo de Português não era contemplado pelo LD. Essa ocorrência, segundo Lajolo (2004, p. 52), era motivada, entre outras questões, pelos baixos salários e o despreparo dos professores. Era o que discutiam os debatedores e legisladores como formas de impedimento para a existência de livros didáticos de Língua Portuguesa.

É imperioso afirmar que o LD é um elemento constitutivo de “um conjunto de multimídia” (Chopin, 2004, p. 553), visto que há muitos outros instrumentos que se inserem nessa realidade educacional de sistematização e transmissão do conhecimento. E, nessa concepção, fundamenta Chopin (2004, p. 553) que paralelamente ao LD, considerando-se sua multiplicidade de funções, há a coexistência de outros suportes educativos e ainda a diversidade de agentes que ele envolve.

Nessa perspectiva, entendemos que o Livro didático não é “apenas um objeto físico, ou seja, como um produto fabricado, comercializado, distribuído ou, ainda, como um utensílio concebido em função de certos usos, consumido - e avaliado - em um determinado contexto” (Chopin, 2004, p. 554). Vai além de um suporte em que se registram conteúdos e atividades. Ele agrega contextos nas diversas fases de criação de programas para sua validação e emerge como representativo de um momento histórico da sociedade que se vê representada através, também, de contextos educacionais.

Resulta, assim, de políticas públicas com suas implementações voltadas ao âmbito educacional, sendo um elemento fundamental para o ensino. E tem sua organização e seu uso determinados a partir dos documentos oficiais que orientam desde a escolha como o PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático), à distribuição dos conteúdos e

especialmente atividades que têm como objetivo garantir aprendizagens essenciais como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), esta que foi homologada em 14 de dezembro de 2018 para a etapa do Ensino Médio e implementada em 2020.

O LD que se organiza, em muitos casos, conforme observado pelas pesquisadoras, amplia-se na importância de ser apenas um suporte educacional, pois é um mediador relevante no processo ensino-aprendizagem, e, muitas vezes, torna-se a verdade irrefutável para registro e transmissão do conhecimento, dada a importância atribuída a ele. Em diálogo com a nossa pesquisa e como espaço do qual retiramos as questões para análise, lançamos para ele um olhar não apenas de elemento a ser explorado para nos dar um suporte, mas também como o que tem a percepção de entender o quanto ele se faz necessário não somente para levar o conteúdo à sala de aula, mas como esse conteúdo, e no caso de nossa investigação, o TEMPO e o tempo verbal (e se temporalidade), é explorado no Livro didático de Língua Portuguesa. Se, de fato, ele contempla e como é apresentado o referido conteúdo.

6.2 BNCC como ponto de referência da análise

A BNCC, o mais recente documento oficial, com diretrizes para o Ensino Médio foi oficializada em 2018 e passou a nortear o ensino de disciplinas em sala de aula e, com isso, definindo direitos e objetivos de aprendizagem (Em 2017, com a alteração da LDB por força da Lei nº 13.415/2017, Artigo 35-A), bem como a organização das áreas a partir das competências e habilidades voltadas a cada matéria (Em 2017, dando ênfase, conforme seus idealizadores, às necessidades de aprendizagem dos discentes).

Dessa forma, operacionalizou para cada instrumento de aprendizagem objetivos a serem alcançados, tendo como foco o alcance do conhecimento pelos alunos da Educação Básica de forma equânime, para promover maior acessibilidade, atendendo à educação em todo o país (estados, Distrito Federal e Municípios), o que, segundo a BNCC (Brasil, 2018, p. 5), operando mudanças para que cheguem à sala de aula e possam beneficiar a todos os estudantes.

O Português tem um amplo histórico no tocante à sua formação, ao seu uso, à sua variação conforme cada país (e variações regionais) que o adota como idioma oficial. Em se tratando de seu ensino - e nos limitemos, aqui, ao ensino na Educação Básica - há uma regularidade em face dos conteúdos transmitidos, nos quais estão presentes desde o ensino da gramática, seja normativa, descritiva, prescritiva (Possenti, 2003), ou em uma imbricação,

bem como outros aspectos em que os elementos linguísticos se fazem presentes (e sempre), como os conteúdos textuais relacionados à leitura e interpretação.

Esses conteúdos são explorados por meio de recursos ou materiais didáticos de que dispõem o professor e o aluno. E um deles tem sido elemento de interesse de pesquisadores, nos últimos dois séculos, no que concerne, entre alguns aspectos, à sua importância e ao seu uso, com práticas que se definem conforme determinações de parâmetros impostos pelos documentos oficiais, entre eles o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), política pública de avaliação e distribuição do LD, de 1985 (havendo outros programas anteriores, relacionados ao LD, como INL, FENAME, CNLD, CELD, PLIDEF...) que vai passando por alterações até adquirir status de política de governo, tornando-se uma política de Estado (Rodrigues, 2019, p. 78).

Entendemos que o LD é um suporte de relevante valor dentro do fazer educacional, com seu histórico que espelha uma conquista pedagógica pela qual foram percorridos caminhos que se construíram desde o desejo de se ver uma educação acessível aos estudantes de escola pública, por exemplo (ainda que com interferências do Estado), até sua real utilização como recurso indispensável na sala de aula. Reafirma-se, desse modo, que o LD é um recurso indispensável em sala de aula na relação pedagógica aluno-professor. O LD vai se (re)construindo e se (re)modelando sem que haja uma ruptura com o seu passado de acordo com a real finalidade para a qual foi criado, que é a de levar à sala de aula o conteúdo sistematizado.

A escolha do LD como *locus* que sustenta as análises se deu sob forte relação com a BNCC, inclusive porque foi pensado como ponto de referência da seleção dos livros, a princípio, os publicados antes e depois da Base Nacional Comum Curricular. Observamos, no decorrer das análises que esse ponto de referência não foi validado porque existe a priorização do TEMPO em livros antes da BNCC e a priorização do tempo flexional após a BNCC. As duas ocorrências existem. Decidimos pela escolha aleatória dos livros a partir de 2007 até 2020, porque os livros didáticos são adotados por três anos. E assim foi feito conforme podemos observar no quadro de análise. Mantivemos a BNCC como suporte para análise das categorias dos escapes da temporalidade, principalmente “efeito de sentido”, porque constitui uma das habilidades, a EM13LP06. Mesmo assim, ocorre que essa categoria está presente nos livros didáticos, tanto antes como depois da Base Nacional, a partir de 2013.

7 O PROCESSO METODOLÓGICO: narrativa de um trajeto investigativo

Tudo começou de uma experiência como professora de Português, ou melhor, de gramática e, diante da realidade vivenciada na escola, não poderia ser diferente que as expectativas da pesquisa de Mestrado em Letras correspondessem àquela visão de ensinar

gramática pelo viés da fixidez. O projeto se intitulou “Os fundamentos da morfossintaxe na formação do professor de português de letras da UFMA”. Com certeza, a investigação tomaria a direção da Linguística teórica e não da Linguística Aplicada já que o objetivo estaria pautado no estudo dos fundamentos, o que não sugeria aplicação porque, mesmo tratando de formação do professor, continuaria sendo outro reflexo da experiência subjetiva desta pesquisadora.

Por mais que hoje esteja lançando o olhar crítico sobre o projeto inicial, naquele momento não havia elementos suficientes para entender a complexa rede de relações que envolvem a metodologia e a produção do conhecimento científico por meio de uma pesquisa em ciências humanas. Cada disciplina da matriz curricular cumprida foi orientando cada decisão na definição do objeto e dos caminhos metodológicos que poderiam conferir a coerência buscada.

A primeira descoberta é que os fundamentos da morfologia seriam lentes e não propriamente objetos a serem investigados. Foi preciso entender que tomaria a visão funcionalista da morfologia e, para isso, teria que delimitar o aspecto particular da língua que estivesse no plano morfológico e encontrar um problema de aplicação desse âmbito no ensino de Língua Portuguesa. Foi selecionado o verbo, e o segundo passo seria encontrar a direção que se desviasse do formalismo linguístico do viés estruturalista e que reconhecesse o aspecto central de suas características morfológicas e semânticas.

Deparamo-nos com a categoria tempo e percebemos que a conjugação dos tempos verbais, que estamos tratando de tempo flexional (Travaglia, 2016, p. 42), apesar de fundamental, tem seus limites no entendimento da rede sucessiva dos acontecimentos. Seria necessário, mais uma vez, desconstruir a estabilidade da fixidez. Foi quando pensamos na classificação do aspecto verbal, que julgamos ponto de partida para a temporalidade e lugar da cognição para entender o TEMPO (Travaglia, 2016, p. 42). E a temporalidade, alterando a fixidez, atraiu outra categoria teórica: a gramaticalização (Neves, 2002). Pensada por sua vez no âmbito do Ensino Médio e, pondo o TEMPO em movimento, precisamos da orientação da Linguística Aplicada Indisciplinar (Lopes, 2006).

É o momento de descrever os dados, ou seja, as questões de interpretação do Livro Didático do Ensino Médio e o faremos a partir das seguintes categorias de análise, ou categorias empíricas: tempo flexional, o da conjugação, externo à situação; TEMPO, interno à situação, ligado ao aspecto; classificação flexional ou aspectual; temporalidade fixa ou dinâmica.

O tempo flexional, o da conjugação, externo à situação é o que se ensina como conteúdo da gramática; TEMPO, interno à situação, ligado ao aspecto relaciona gramática

com gramaticalização; classificação flexional ou aspectual pontua entre a fixidez da gramática e a mobilidade da linguística e a temporalidade que marca o intervalo entre o fixo da forma e a mobilidade do uso é conduzida pela Linguística Aplicada Indisciplinar.

8 CONSEQUÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS PARA ESTA PESQUISA

Conforme afirmam Lüdke e André (1986, p.42), “o processo criativo exige grande rigor intelectual e muita dedicação” quando se trata de análise de dados qualitativos. Em alusão a essa forma de análise, evidenciam Lüdke e André (1986, p. 45):

A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo material, dividindo-o em parte, relacionando essas partes e procurando nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento, essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado.

Em consonância com o que dizem Lüdke e André (1986), nossa pesquisa faz esse percurso metodológico a partir dos dados que analisamos, das teorias e da relação entre todas as leituras realizadas com o propósito de alcançar o que almejamos que é entender até que ponto os exercícios extrapolam a exploração do TEMPO, tempo verbal, tempo linguístico, tempo físico, tempo crônico e temporalidade ou se limitam à gramática normativa na descrição da forma.

E acrescentamos que estamos, assim, diante de uma (Chizzoti, 2006, p. 20) “pesquisa científica porque há nela um esforço sistemático de – usando critérios claros, explícitos e estruturados, com teoria, método e linguagem adequada” – explicarmos e, também, compreendermos os dados selecionados que, “eventualmente, orientam as atividades humanas”. Assim, orienta Chizzoti (2006, p.20):

A pesquisa pressupõe teorias, visões de mundo que, em diferentes domínios do conhecimento, moldam a atividade investigativa e auxiliam a pesquisa. Essas teorias de trabalho têm sido definidas como paradigma, tradição, modelo, programa ou postura do pesquisador.

Na concepção qualitativa, compreendemos, de acordo com Chizzoti (2006, p. 30), que “a pesquisa qualitativa abriga, deste modo, uma modulação semântica e atrai uma combinação de tendências que se aglutinaram, genericamente sob esse termo: podem ser designadas pelas teorias que as fundamentam”.

Por ser qualitativa, situa-se entre as linhas de pesquisa da Descrição Linguística, da Linguística Aplicada e da Linguística Aplicada Indisciplinar, porque analisa o movimento entre gramática, gramaticalização, por meio da leitura do texto literário descrito e analisado nas questões de interpretação do livro didático do Ensino Médio. Está no trânsito entre língua, leitura, literatura e ensino.

É com esse entendimento que, no corpus desta pesquisa, apresentaremos análises de questões extraídas de livros didáticos de Língua Portuguesa adotados no Ensino Médio que envolvem a exploração do verbo de acordo com a temporalidade, seja conforme os tempos sistematizados pela rigidez da classificação morfológica determinada pelas desinências ou sob uma perspectiva mais funcionalista em que seja possível se verificar as marcas temporais

relacionadas a sequências de vivências, pois a vida é que embala o tempo e dá sentido a ele, que é mensurado com a fita métrica das emoções, das ações e reações.

E, nessa concepção, os termos, em sua temporalidade, ganham dimensões linguísticas, semânticas engendradas no compasso da memória e das experiências contemporâneas na acepção de TEMPO. Assim, faremos uma investigação entre as questões que contemplam o verbo explorado sob o enfoque da indicação do tempo por meio de suas desinências e classificações (tempo flexional) e por meio dos elementos que se constroem com base na dinâmica das atitudes, reações, sentimentos, características relacionadas ao agente em evidência no texto literário, explorado nos exercícios propostos, o que exige e promove uma leitura mais dinâmica e interpretativa e com o entendimento de que a temporalidade verbal é como âncoras do texto.

Nesse percurso, enfatizaremos que o ato de ler passa 'pelo conhecimento linguístico (Jouve, 2002), visto que a ação de ler não se dissocia do entendimento linguístico, e uma leitura segura garante a compreensão do uso adequado dos componentes gramaticais ou gramaticalizados. Posto isso, sabemos que a interpretação passa por diversos níveis de conhecimento, entre eles os elementos linguísticos, considerados um dos componentes do conhecimento prévio (Kleiman, 1995) que interagem entre si, apoiados nas jogadas da língua.

Diante desse contexto, ainda que as palavras precisem se organizar segundo determinados princípios (Perini, 2014, p. 18), que é o gramatical, e que ensinar gramática pode continuar a ser um objetivo válido (Possenti, 1996, p. 82), esse ensino deve ultrapassar a fixidez das normas. É quando entendemos que pode haver uma extensão para a gramaticalização em que o tempo linguístico (Benveniste, 2006) e TEMPO (Travaglia, 2016) podem se apoiar para que haja mais fluidez no processo de leitura, visto que conhecer essa amplitude linguística (Kleiman, 1995, p. 26) significa ativar maior percepção de conhecimentos como textuais, linguísticos e de mundo para que cheguemos ao momento da produção de sentido

Dessa forma, será observado o menor ou o maior nível de exploração da gramática ou da gramaticalização, com todos esses aspectos, além do conhecimento linguístico que influencia diretamente na leitura das marcas temporais expressas no verbo. Assim, estamos construindo uma pesquisa por meio da qual, em hipótese, pode ser desfeita a visão de limitação no estudo e exploração do tempo verbal, nos exercícios de língua portuguesa nos livros didáticos, “como se tudo na produção dos enunciados fossem fórmulas prontas” (Neves, 2010, p. 183) e, a partir dessa perspectiva, poderemos compreender que pode haver a

obtenção dos efeitos de sentido em que as jogadas da temporalidade/ aspecto se presentificam no processo de leitura.

Enfatizamos que, desse modo, estamos produzindo conhecimento a partir da prospecção da temporalidade, fazendo uma análise dos procedimentos metodológicos presentes nas questões dos livros didáticos. Estamos circundando o objeto temporalidade que se acerca do tempo, tempo verbal e gramaticalização que norteiam a interpretação e reverberam na leitura, escolhendo os conceitos que serão levados em consideração para tornar claro nosso problema de pesquisa.

Nessa perspectiva, precisamos criar expectativas sobre a temporalidade que se apoia na gramaticalização, a natureza dos textos interpretados que selecionaremos e que definirão a escolha das questões de interpretação que constituirão o corpus, os tipos de ensino de Língua que poderemos, em hipótese, encontrar sinalizados nas questões selecionadas para análise, o conceito de língua, de texto, de tempo verbal, de temporalidade, de gramática, de gramaticalização. Esses conceitos podem dar sinais na elaboração das questões selecionadas extraídas do livro didático de língua portuguesa do Ensino Médio, tendo, a partir de então, a percepção da exploração do tempo verbal nesses exercícios selecionados.

Esta pesquisa está localizada na Linguística Aplicada Indisciplinar não só porque se refere à sala de aula de Língua Portuguesa onde os livros didáticos são usados. Sabemos que, ao escolher o *locus* Livro didático do Ensino Médio, estamos fazendo referência à articulação entre a didatização da gramática e a leitura. Ao levantar como objeto o tempo, podemos seguir por dois caminhos: o primeiro, produzir uma investigação, usando as lentes da Linguística teórica sobre os aspectos morfológicos do verbo e analisar, nos livros didáticos, os conteúdos dessa teoria nos exercícios desse suporte pedagógico. Usaríamos as lentes do Formalismo e seria observado como os alunos do Ensino Médio aprenderiam a identificar os morfemas de modo e tempo da Língua Portuguesa.

Não estamos negando a importância desse conhecimento, mas procurando identificar as finalidades do estudo sobre tempo por meio da possibilidade de abstrair sobre a categoria temporalidade no processo funcionalista da Língua Portuguesa em que é possível observar a abertura de noções que põem o tempo em movimento. Esse é o segundo caminho. E quando o tempo se movimenta, acontece uma alteração do lugar onde geralmente pensamos encontrá-lo linguisticamente: o verbo. No primeiro caso, a aula teria como conteúdo o verbo, não necessariamente o tempo. No segundo, a temporalidade, não necessariamente o verbo. Nem toda aula de português que aborda o verbo descortina lições do TEMPO; como nem toda aula sobre temporalidade trata do verbo.

A causa de esta pesquisa necessitar da orientação epistemológica em Linguística Aplicada Indisciplinar é ser seu objeto o TEMPO interpretado sob a categoria temporalidade. Ao escolher o verbo, não a conjugação, mas o aspecto verbal, para refletir sobre essa categoria tão necessária à formação do leitor, produzimos um ponto de partida, oferecendo a abertura da temporalidade que acaba deslocando do centro do olhar investigativo a Linguística teórica.

Quando afirmamos que a Linguística Aplicada é orientação epistemológica, não se deve apenas ao fato de ser esta pesquisa relacionada a ensino de Língua Portuguesa. Queremos esclarecer que essa escolha teórica aconteceu pela necessidade de manter a abertura ocasionada pelo tempo nem restrito, nem fixo a presente, passado e futuro. Ao abstrairmos sobre a noção de tempo e ao entendermos que a aula de língua é propícia a essa reflexão, encontramos como porta de saída a noção de gramaticalização que não nega a gramática, mas sua fixidez e expressa a mobilidade do sistema nas condições de uso. Trata-se do uso real da linguagem que também não restringe ao contexto da sala de aula (Almeida Filho, 2001).

Moita Lopes (1996, p. 114), ao se referir à questão indisciplinar da Linguística Aplicada, diz que:

O linguista aplicado, partindo de um problema com a qual as pessoas se deparam ao usar a linguagem na prática social e em um contexto de ação, procura subsídios em várias disciplinas que possam iluminar teoricamente a questão em jogo, ou seja, que possam ajudar a esclarecê-la.

No caso desta pesquisa, em que o objeto é o tempo, a referência do movimento da vida, pensamos em uma problematização sobre a imobilização do tempo na gaveta linguística do verbo e compreendemos por que Mari (2008) afirma que o sentido é produto da articulação entre sistema, sujeito e história.

Acreditamos que TEMPO é o objeto complexo, multidimensional que se configura e se reconfigura na vida de todos e na vida de cada um particularmente. Por isso, tratar o tempo apenas sob o viés linguístico é reduzir a capacidade cognitiva do leitor. Bosi (1977) oferece, por meio da teoria literária, uma reflexão desconcertante sobre o tempo. Nas primeiras páginas do seu livro *O Ser e o Tempo*, ele mistura tempo e afeto:

O nítido ou o esfumado, o fiel ou o distorcido da imagem devem-se menos aos anos passados que à força e à qualidade dos afetos que secundaram o momento da sua fixação. A imagem amada, e a temida, tende a perpetuar-se: vira ídolo ou tabu. E a sua forma nos ronda como doce ou pungente obsessão (Bosi, 1977, p. 13).

Quando o fato acontece, ele aparece, e essa aparência tende a se reproduzir infinitamente no que permanece daquilo que passa. Para Bosi (1977), na linguagem,

principalmente a poética, os três tempos podem conviver simultaneamente. Pela via dos afetos, da memória, das emoções é possível retornar ao tempo de onde nunca se saiu. É possível ir para o futuro sem se deslocar do lugar onde se está. E é possível estar no presente em plena ausência ou para trás ou para frente. Diante dessa articulação entre os tempos e os afetos, acreditamos que os exercícios de interpretação de texto dos livros didáticos precisariam promover essas experiências.

O TEMPO desafia a todos: a ciência, as outras áreas e os que o têm como objeto de estudo. É indispensável que ultrapassemos o pragmatismo para entendermos a força que esse elemento marcador de eventos opera em todas as instâncias da vida, mas também não podemos esvaziá-lo das situações cotidianas, repletas de experiências acerca desse tão relevante balizador dos instantes ou dos intervalos da vida. É que, como resultado das pesquisas que realizamos e estamos realizando, entendemos que o tempo interessa a todas as esferas que envolvem as investidas do ser humano. Em Bakhtin (2011), por exemplo, podemos perceber a dimensão do tempo quando nos revela:

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler *os indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). O tempo se revela acima de tudo na natureza: o movimento do sol, das estrelas, o canto dos galos, os objetos sensoriais, visíveis das estações do ano; tudo isso, em uma relação indissolúvel com os respectivos momentos da vida humana, dos costumes, da atividade (do trabalho), constitui o tempo cíclico em um grau variado de intensidade. (Bakhtin, 2011, p. 225).

O tempo se constitui dos vários olhares lançados a ele, que se esmeram em descrevê-lo, desde a ficção literária e científica que o tornam infinito e usam a regressão para que ele seja capturado e revivido, tornando-o resgatável ou mesmo irresgatável e infinito, em qualquer instante, até o olhar científico e linguístico que, respectivamente, destaca o tempo como entidade medida pela objetividade e, por vezes, pela subjetividade em seus elementos gramaticais, seja por verbos ou outros elementos linguísticos.

Diante das possibilidades de mensuração do tempo, postulamos que ele permeia várias experiências, entre elas a que sai das mãos de Deus, conforme Fiorin (2021, p. 113), marcando a gênese de sua existência, quando escreve que “Deus criou o tempo, ao criar o mundo; no primeiro dia, criou o dia e a noite” e, inerente a essa experiência, citamos (Abraçado, 2020) o nascer e o pôr do sol, a mudança de posição da lua em intervalos regulares e também como os animais, em seu ciclo de vida, nascem, crescem, desvanecem e desaparecem. Para Fiorin (2021, p. 125), Deus cria o tempo, ao criar o mundo, assim como

criou os espaços e os seres e, dessa forma, as categorias da enunciação que surgem ao serem enunciadas.

O tempo, como percebemos, está sempre vinculado a um evento que medimos em duração conforme uma sequência de acontecimentos, sejam naturais ou determinados pela ação humana, que se prendem ou obedecem à passagem das horas. É quando entendemos a presença do tempo (Ricouer, 2010, p. 15) que nos circunscreve, nos envolve e nos domina em sua continuidade perene, em decurso, em seu curso. É esse mesmo tempo que, conforme Fiorin (2021, p. 113), marca a “fugacidade e a efemeridade da vida e a inexorabilidade da morte”.

Esse medidor e modelador do momento dos eventos, que é o tempo, também tem sua representatividade divinizada, mitologicamente, em Cronos que é sacralizado, não sucumbe, não perece e pode ser considerado como “negação radical do tempo humano” (Fiorin, 2021, p. 113).

Ainda que tenhamos apresentado acepções de tempo conforme teorias distintas dos estudos linguísticos, destacaremos o tempo no patamar da área da Linguística para comunicarmos sobre os incursos temporais que se aplicam, marcadamente, por meio das formas verbais, que invocam o presente, passado e futuro, mas que, por meio delas, percebemos um escoamento que nos permite entender essas denominações dadas a cada momento a partir de outros eventos ou mesmo de outros termos linguísticos.

Deparamo-nos, diante dessa percepção, com a temporalidade que, conforme Ricouer (2010, p 119), “é o fenômeno que apresenta semelhante de um por-vir que torna presente no processo de ter-sido”, que nos faz enfatizar essa natureza que tem o tempo de não se limitar às formas verbais, mas de mover-se livremente em espaços, ou por meio de outros elementos linguísticos ou não, que não limitam à defluência dos eventos.

Assim, percorremos e percorreremos o tempo em busca do próprio tempo, não para alcançá-lo e dar a ele uma definição ou compreendê-lo de forma absoluta ou estanque, mas para apresentar suas fascinantes e fundamentais facetas e seus desdobramentos, especialmente no verbo, que, conforme Benveniste (2006), é o apoio linguístico que mais o acolhe e possibilita, em combinação com outros termos explícitos ou construídos pelo contexto, interpretações sugestivas.

A existência do tempo, para ser medido e medir os fatos, coincide com a existência e experiência humanas em sua gênese. Sobre o tempo recaem muitas pesquisas, estudos, teorias, investigações sob várias perspectivas e nossa adaptação ao seu decurso. Desde a Antiguidade (Abraçado, 2020, p. 15), o tempo tem sido objeto de interesse a partir de diversos

filósofos como Platão (428a. C.-347 a. C.), cuja percepção encontra-se em Timeu, obra em que é apresentada uma contraposição entre aquilo que nunca se transforma e sempre “é”, que pode ser apreendido pela razão e pela inteligência, e as coisas que sempre mudam e nunca “são”, a respeito das quais temos somente um conhecimento temporário e imperfeito: a “opinião”.

Na primeira categoria, estariam Deus e as ideias (Martins, 2012, p. 66). O Deus de Platão não comunga o tempo por ser eterno (Abraçado, 2020, p. 15). Assim, percebemos, em nossas investigações, que o tempo tem sua perenidade, mas o que ou quem depende dele ou o vive, não. Ele se perpetua na ideia de que toda existência real ou ficcional se orienta por meio dos momentos e suas extensões de continuidade que por ele passa, pois o tempo (Ricoeur, 2010, p. 230) “arruma corpos sobre si para projetar sobre eles sua lanterna mágica”, pois, para Ricoeur (2010, p. 426), o tempo não passa, mas sim passa nele a existência do que muda. Desse modo, não há desgaste do tempo que se mantém sempre à espera de quem ou daquilo que precisa passar por ele, ou vivê-lo. O tempo, nessa percepção, domina seu próprio transcurso e, diante dele, tudo se integra, desintegra-se ou se reintegra.

Em seus estudos, Benveniste (2006) oferece uma classificação dos tipos de tempo que são o físico, o crônico e o linguístico. Apresenta-nos o tempo sob enfoques que vão ao encontro dos vários aspectos já discorridos e ainda acrescenta outros na área da Linguística ao situar o tempo como elemento que designa, por meio da palavra, momentos representativos dos eventos.

O tempo físico se modela conforme cada ser por meio da expressão de suas emoções representativas de sua vida interior. É como se o tempo fosse o motivador dos sentimentos humanos cujo ritmo se dá em seu mundo psíquico. A outra classificação que Benveniste (2006) usa para analisar o tempo é a crônica, ou seja, o tempo crônico, considerado o tempo dos acontecimentos, e este está relacionado com a vida humana por marcar a sequência dos eventos que transcorrem sem que haja qualquer possibilidade de retorno, o que é uma experiência comum, porém imprecisa. Sobre o tempo crônico, alude Benveniste (2006, p. 71):

Nosso tempo vivido corre sem fim e sem retorno, é esta a experiência comum. Não reencontramos jamais nossa infância, nem o ontem, nem o instante que acaba de passar. Nossa vida tem, portanto, pontos de referência que situamos exatamente numa escala reconhecida por todos, e aos quais ligamos nosso passado imediato ou longínquo. Nesta contradição aparente reside uma propriedade essencial do tempo crônico, que é preciso esclarecer.

A citação nos provoca, ou nos impele a compreender o tempo como controlador dos nossos percursos conduzidos especialmente pelo passado e pelo presente balizadores dos acontecimentos inerentes à nossa vida. Nesse passado, situa-se o tempo sobre o qual não

temos mais domínio pela inviabilidade de resgate, de repetição e conduzido também pelo presente que, momentâneo e instantâneo, não se controla e não acompanha o fluxo rápido do transcurso, que se torna passado. Entretanto, mesmo que seja possível entender que existe o patamar de presente, passado e futuro, em uma dimensão mais profunda, é simplório discutir, por exemplo, o pretérito perfeito relativo a uma ação perfeitamente consumada.

A palavra é o porto material de referência da língua, assim como, no nascer e pôr do sol, o sol e as estrelas o são na natureza. Mesmo assim, o homem não tem controle sobre o que transcorre no percorrer do tempo; o nascer do sol, por exemplo, pode significar o começo de um tempo, mas, na perspectiva da temporalidade, pode, pela experiência, marcar o instante de um fim.

Enquanto o sol se põe, e o dia termina, muitas experiências podem estar começando. Assim, é com a língua: a desinência modo-temporal de um pretérito perfeito pode se referir a um fato passado que, apesar de concluído, nunca tenha passado. É o que, para Bakhtin (2011, p. 254), chama-se “o tempo da natureza e o tempo da vida humana” que se imbricam em um movimento cíclico, dando perenidade ou fugacidade aos momentos.

O tempo crônico constitui vários acontecimentos, situando o indivíduo em diversos momentos dentro de sua realidade socializadora, que se demarca através (Benveniste, 2006, p. 72) do calendário, dos fenômenos naturais como elementos diretivos da vida humana e direcionadores de eventos importantes. A partir deles, há comandos temporais que vão mensurar os momentos de ação do ser, bem como intervalos entre passagens temporais mediadoras das ações e reações do indivíduo. É o caso de pensar o tempo a partir do agora, do antes e do depois. Independente do verbo, esse tempo é capturado pela sequência das ações. Seria o mesmo que perceber a temporalidade no sentido dos ordinais: primeiro, segundo e terceiro.

Por estar fixado em um calendário, o tempo crônico, em sua objetividade, determina, de forma regular, a organização e a realização dos acontecimentos, o que nem sempre corresponde com o pensamento, emoções, intenções, ações e reações das concepções humanas. Essa modalidade de tempo, que é o do calendário, de acordo com Ricoeur (2010, p. 177), “é a primeira ponte estendida pela prática histórica entre o tempo vivido e o tempo cósmico”.

É que o tempo mede a posição objetiva dos acontecimentos, que regula a experiência dos homens que vivem em sociedade, já que esse tempo se apoia nos fenômenos astronômicos, que também é a medida da duração média de vida do indivíduo, considerando-se as unidades do calendário em uso (Ricoeur, 2010, p. 187). Mede também a

posição subjetiva que, reiterando-se, é medida pelas reações do indivíduo diante dos acontecimentos temporais, com a durabilidade das emoções que têm sua anterioridade e sua posterioridade a partir de um marco no presente.

O tempo, em sua natureza coercitiva, impõe-se como um balizador de um sistema no qual está inserido o indivíduo que dele depende, o que corrobora uma interdependência tempo-homem, pois o tempo precisa de alguém para fazê-lo real, e o homem se apega ao tempo para suas realizações e para pôr em ação os seus propósitos, no momento certo.

Uma outra modalidade de tempo, de acordo com Benveniste (2006, p.74), é o linguístico que, ao lado do tempo físico e do crônico, tem o homem como seu centro de referência para que exista e tenha seu decurso, visto que a medida do tempo tem como base alguma atividade humana. Para confirmação desse pensamento, podemos recorrer ao que infere, também, Abraçado (2020, p. 20), quando assinala que Agostinho e Aristóteles concordam por afirmarem que o espírito humano é o senhor da mensuração temporal.

O tempo linguístico, segundo Benveniste (2006, p. 74), “tem de singular o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso”. Sobre esse aspecto, também assevera Benveniste (2006, p 75) que:

Este tempo tem seu centro - um centro ao mesmo tempo gerador e Axial - no presente da instância da fala. Cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do "presente" (ou uma forma equivalente), ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona. É evidente que este presente, na medida em que é função do discurso, não pode ser localizado em uma divisão particular do tempo crônico, porque ele admite todas as divisões e não se refere a nenhuma em particular.

Nessa lógica, entendemos que o fato de o tempo linguístico estar intrinsecamente associado à fala, é evocado por ela e tem a língua como sua ordenadora ou reguladora, a partir da instância do discurso, tendo como referência o presente dessa fala. Consoante Benveniste (2006), esse tempo não se limita às divisões do tempo crônico, nem se isola em uma subjetividade, pois ele próprio se organiza em suas composições linguísticas, em sua própria ordem, com apelo ao discurso.

Fiorin (2021) pontua que os tempos, no discurso, e neste caso em sua representação pelo verbo, oferecem limitações às convenções do sistema, amalgamam-se, transformam-se, subvertem-se, desdobram-se, combinam-se em um jogo de anterioridade, de concomitância e de posterioridade, perseguem uns aos outros, servem de contraponto uns aos outros, afastam-se, aproximam-se, combinam-se, sucedem-se, numa imbricação do jogo de articulações e de efeitos de sentidos. Embora as combinações resultem em efeitos de sentido a

partir das imbricações entre as formas verbais, por exemplo, relacionadas ao tempo, há contrapontos ou mesmo limites diante da obediência a regras e das coerções semânticas.

Dessa forma, entendemos que o tempo perpassa toda a realidade humana em seus direcionamentos diante dos acontecimentos medidos pelo decurso na passagem dos fatos e no efetivo uso da língua, corroborando, assim, a organização dos eventos em um andamento gradativo. À vista disso, compreendemos que o tempo tem seu início com o mito (Fiorin, 2021, p. 125), envereda-se pela filosofia, apresentando apoio para se conhecer o tempo físico, explorando a complexidade da experiência humana diante do transcurso da vida até revelar o tempo como categoria da linguagem.

Circundamos, assim, as categorias de tempo e constatamos que estamos diante de um elemento que não se esgota em sentido e que perpassa por várias áreas. Inerente a essa perspectiva linguística do tempo, elegemos o verbo para representar o tempo, analisando como esta categoria linguística está sendo explorada nos exercícios dos livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Médio. Assim, podemos nos certificar, também, se o tempo está, nestas questões, limitando-se à simples indicação morfológica fixada pela gramática ou se ultrapassa essa determinação de localização temporal, extrapolando para a temporalidade, por meio do aspecto.

O tempo físico é a chave que abre, nesta pesquisa, a noção de temporalidade. É o tempo que sofre a interferência dos afetos, da memória, das lembranças, das mais diversas impressões, mas, como todos os tipos de tempo se ancoram na materialidade linguística, os que não estão sustentados pelas desinências verbais estão sinalizados pela temporalidade que também é tempo e precisa ser interpretado nas questões de interpretação de texto dos livros didáticos.

Nessa vertente, sustentamos essa afirmação por meio das palavras de Moita Lopes (2006) ao revelar que a Linguística Aplicada está voltada a um trabalho como indisciplinar, ao dizer que: “As epistemologias de fronteiras possibilitam compreender o mundo diverso, por meio da linguagem que desempenha um papel de fulcro social em função das mudanças que ocorrem e que requerem processos de construção de conhecimento” (Moita Lopes, 2006, p. 91).

Em diálogo com o que expusemos acima, aludimos, assim, à compreensão de que o indisciplinar, no tocante à morfossintaxe, está em ultrapassarmos o tradicionalismo normativo desse estudo e teorizarmos acerca da apreensão do fenômeno linguístico por meio do estabelecimento de um elo com a compreensão do texto, ou seja, tê-lo como um recurso indispensável para a aquisição dos movimentos de sentido, que são operados, os quais

ocorrem na construção textual, por meio da interpretação dos aspectos que repõe o tempo flexional na dimensão do TEMPO.

Dessa forma, em relação à morfossintaxe na perspectiva da leitura, temos uma visão de trabalho com a morfossintaxe como categoria gramatical de forma mais concreta, que se afasta de uma abstração de regras. Nessa imbricação da leitura com a morfossintaxe, mais uma vez, lançamos um olhar para a Linguística Aplicada e percebemos o quanto ela contribui para fundamentar essa relação de bricolagem teoria inevitável para o movimento dos sentidos do TEMPO.

9 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos análises a partir da forma como o tempo verbal é explorado em questões de interpretação de texto em livros didáticos de língua portuguesa, adotados no Ensino Médio. Nestas questões, observamos a relação tempo verbal, temporalidade e leitura, a partir das categorias tempo flexional, conjugação; TEMPO, aspecto. Assim, fizemos nossa investigação, com o intuito de obter respostas aos seguintes questionamentos já levantados na introdução deste trabalho: a) Qual tempo é considerado nas questões de interpretação do livro didático? b) Qual tipo de tempo é priorizado nas questões de interpretação de texto dos livros didáticos: tempo linguístico, crônico, físico ou em todas as suas formas? Ou seja, Tempo Flexional das conjugações e o aspecto do verbo para interpretação do TEMPO? c) De que forma a temporalidade do aspecto é abordada em exercícios, nos livros didáticos de língua portuguesa no Ensino Médio, referentes a verbos, em especial? d) Em relação à temporalidade, os exercícios consideram apenas a sistematização por meio da conjugação de tempo como presente, passado, futuro ou levam em conta também os movimentos de sequências de momentos norteados pelo aspecto, por meio de um jogo dinâmico da língua na existência? e) Quais as consequências do aspecto verbal para a interpretação do TEMPO nessas questões?

Nossa intenção é constatar se os exercícios se diferenciam pela forma como realizam a exploração do tempo verbal em textos, especialmente literários.

Figura 1 – Demonstrativo de exercícios 1

- ▶ 2. No quarto quadrinho, aparece a forma verbal esperando. Que ideia é expressa pelo uso desse gerúndio?
- O autor do texto optou por repetir o gerúndio três vezes. Que efeito de sentido é criado por essa repetição?
 - Que relação há entre a forma verbal *chegar*, no segundo quadrinho, e o uso do gerúndio no quarto quadrinho?
3. O último quadrinho apresenta o motivo para a demora da chegada da inspiração. Que motivo é esse?
- ▶ Como esse último quadrinho contribui para a construção do efeito de humor na tira?

» Leia a tira a seguir para responder às questões 4 e 5.

NÍQUEL NÁUSEA



▲ GONSALES, Fernando. Níquel Náusea.

Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/niquel/>>. Acesso em: 8 set. 2010.

4. Na tira, há uma oração na voz passiva. Transcreva-a em seu caderno.
- O agente da ação expressa por essa construção na voz passiva pode ser identificado. Qual é ele?
 - Explique o efeito de sentido criado pelo uso dessa construção.
5. Na fala do leão, "Essa criança está estragada!", o termo estragada admite duas interpretações, considerado o contexto da tira. Quais são elas?
- Como se explica cada um desses sentidos no contexto da tira?
 - Que elementos sugerem que Jaiminho apresenta um comportamento inadequado, ou seja, é uma criança "estragada"?
 - Como a possibilidade de dupla interpretação da fala do leão contribui para a construção do efeito de humor da tira?

» Leia o texto para responder às questões de 6 a 8.

O menino da lua

Esta história que você vai ler aqui, quem me contou foi um menino que vive no futuro. Num futuro muito distante mesmo, o mais distante que se possa imaginar. Para gravá-la, viajei na minha máquina do tempo particular.

Quando a ouvi, o menino que vivia nesse distante futuro me contava uma história que tinha acontecido no seu passado. Conclusão: o passado desta história está também no futuro. Como nossa história já está contada mas ainda vai acontecer, me ocorreu que, para recontá-la, eu deveria usar um tempo de verbo que os gramáticos esqueceram de criar.

Os gramáticos não sabem que a gente pode viajar no tempo!

Pra contar histórias assim, já deviam ter criado o tempo de verbo que inventei: o Pretérito Imperfeito do Futuro do Indicativo.

Não posso começar uma história que se passa no futuro dizendo, por exemplo, "Era uma vez um herói..." porque a vez ainda será. Também não posso dizer: "Nosso herói se chamava..." porque ele ainda se chamará.



O jeito que achei foi usar o meu novo tempo de verbo e começar a história assim: "Serera uma vez um herói que se chamava..."

Os autores de ficção científica não pensaram nisso! Mas, sabe de uma coisa? Foi bom eles não terem pensado; as histórias iam ficar muito esquisitas, n'ê não?

O melhor que fazemos, portanto, para contar tudo, é imaginar que já estamos no século 3000, aonde chegamos porque os habitantes da terra tomaram juízo [...] e a vida continuou. [...].

ZIRALDO. *O menino da lua*. São Paulo: Melhoramentos, 2006. p. 3. (Fragmento).

6. O texto transcrito é a introdução de um livro infantil que narra uma história acontecida no futuro. Qual o desafio enfrentado pelo narrador do texto ao tentar contá-la?

► Qual a solução imaginada por ele?

7. O narrador chamou o "novo" tempo verbal que criou de Pretérito Imperfeito do Futuro do Indicativo. O que, do ponto de vista da função atribuída a esse tempo, explica o nome escolhido?

► "Serera uma vez um herói que se chamava...". Como são formados os verbos nesse novo tempo criado pelo narrador? Explique.

8. O narrador, no texto, faz algumas ponderações sobre o efeito que teria esse novo tempo verbal se fosse usado nas narrativas. A que conclusão ele chega a esse respeito?

a) Transcreva em seu caderno a passagem do texto em que o narrador sugere que há uma solução melhor para contar narrativas que ocorrem no futuro do que a criação de um novo tempo verbal.

b) Qual seria, segundo ele, essa solução?

Os paradigmas das conjugações verbais

» Analise o diálogo entre Calvin e Haroldo na tira abaixo e responda às questões 1 e 2.



WATTERSON, Bill. *Felino selvagem psicopata homicida*. São Paulo: Best News, 1996. v. 1, p. 53.

1. No primeiro quadrinho, Calvin diz que gosta de "verbificar" as palavras. O que significa *verbificar*, para o menino?



Para análise na figura um, consideramos a questão 7.

Figura 2 – Demonstrativo de exercícios 2

Morfologia

Observe o fragmento: “[...] é o medo [...] que faz os homens lutar por objetivos [...]”

a) Em que forma foi empregado o verbo **lutar**?

Lutar é infinitivo impessoal.

b) Identifique o sujeito de **lutar**.

O sujeito de lutar é **os homens**.

c) De acordo com as normas, é essa a construção mais indicada? Justifique.

Como o sujeito de **lutar** está expresso, de acordo com as normas, seria mais adequado empregar o infinito pessoal: **faz os homens lutarem**. (Professor: se julgar conveniente, explique aos alunos que, se o sujeito fosse um pronome oblíquo, a forma mais adequada seria o infinitivo impessoal: **faça-os lutar**.)

Atividades com texto

Leia a letra da canção a seguir para responder às questões de 1 a 4:

Será

Dado Villa-Lobos, Renato Russo, Marcelo Bonfá

Tire suas mãos de mim
Eu não pertenco a você
Não é me dominando assim
Que você vai me entender
Eu posso estar sozinho
Mas eu sei muito bem aonde estou
Você pode até duvidar
É só que isso não é amor.

Será só imaginação?
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?
Será que vamos conseguir vencer?

Nos perderemos entre monstros
Da nossa própria criação
Serão noites inteiras
Talvez por medo da escuridão
Ficaremos acordados
Imaginando alguma solução
P'rá que esse nosso egoísmo
Não destrua nosso coração.

Brigar p'rá quê
Se é sem querer
Quem é que vai
Nos proteger?
Será que vamos ter
Que responder
Pelos erros a mais
Eu e você?



1. Em “Tire suas mãos de mim

Eu não pertenço a você”:

- a) Os dois verbos estão no presente do indicativo? Justifique, indicando o sentido de cada verbo.
 O primeiro verbo (tire) expressa uma ordem: está, portanto, no imperativo; o segundo (pertenço) expressa um fato relacionado ao momento da fala: está, portanto, no presente do indicativo.
- b) Que relação existe entre as duas orações: uma justifica a outra, uma indica a finalidade da outra ou uma expressa consequência da outra? A relação é de justificativa: o “eu lírico” dá uma ordem e a justifica.

2. Em Ficaremos acordados, um verbo indica uma ação futura. Retire do texto uma locução verbal com a mesma idéia. Resposta possível: Não é me dominando assim / Que você vai me entender; Será que nada vai acontecer?; Será que vamos conseguir vencer?**3. Dê o sentido do pronome isso** na frase “É só que isso não é amor” e explique por que foi empregado o presente do indicativo. Isso remete ao que foi dito antes, ou seja, à situação de dominação que a pessoa amada pretende manter com o “eu lírico”. Empregou-se o presente do indicativo porque a frase expressa uma verdade sempre presente: dominar não é amar.**4. Nas afirmações do “eu lírico”, são expressas basicamente certezas ou dúvidas? Justifique sua resposta, apontando um tempo verbal importante na construção do texto.**

O “eu lírico” expressa basicamente suas dúvidas, o que se confirma em frases como “Será só imaginação?”, “Será que nada vai acontecer?”, “Será que vamos conseguir vencer?”, e no próprio título do texto, que está no futuro do presente: “Será”.

Leia com atenção o texto a seguir para responder às questões 5 e 6:

Fonte: Mesquita (2007)

Para análise na figura dois, consideramos as questões 1, 2 e 4.

Figura 3 – Demonstrativo de exercícios 3

No final do primeiro parágrafo, o narrador empregou "acode", presente do indicativo, quando a correlação usual com as demais formas verbais exigiria o pretérito imperfeito do subjuntivo, "acudisse". Essa quebra da correlação, todavia, é feita intencionalmente pelo narrador, com o objetivo de produzir um efeito expressivo.

Releia o parágrafo e explique esse efeito expressivo causado pelo emprego do presente do indj. cativo.

As formas do subjuntivo exprimem possibilidades, hipóteses, as do indicativo exprimem efetivação do fato verbal. Acusar "acode" no presente do indicativo, o narrador evidencia a ação como um fato concretizado naquele momento, dando ao leitor a impressão de ocorrer simultaneamente à sua leitura.

5. No poema "Infância", Carlos Drummond de Andrade relembra o tempo em que era criança e vivia com a família na fazenda. Leia a primeira estrofe desse poema:

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
 Minha mãe ficava sentada cosendo.
 Meu irmão pequeno dormia.
 Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoe,
 comprida história que não acaba mais.
 [...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa.
 Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p. 5.

a) Nos cinco primeiros versos, as formas verbais são do pretérito imperfeito. Que aspecto relativo ao tempo essas formas exprimem no contexto do poema e que característica da vida na fazenda elas procuram sugerir? O pretérito imperfeito sugere, no caso, ações continuadas e/ou repetitivas ao longo do tempo. Esse emprego cria, no poema, uma atmosfera de monotonia, de marasmo na rotina da vida familiar do eu lírico.

b) Comente o efeito de sentido criado pelo emprego do presente do indicativo no último verso. A forma "acaba" (do presente) sugere um fato que, na perspectiva do eu lírico, é contínuo até o momento presente, ou seja, a história do Robinson Crusoe se prolonga indefinidamente no tempo, não tem fim.

6. Certa ocasião, um jornal deu a seguinte recomendação aos estudantes que, em uma prova de vestibular, deveriam produzir um texto dissertativo na prova de redação:

Como escrever

Olho vivo para não maltratar o português. Preste atenção ao enunciado. Se fugir do tema, copiar o texto apresentado ou fazer uma narração (relato de uma história), a redação será anulada.

a) O que o redator quis dizer com "não maltratar o português"?

a) "não maltratar o português" significa respeitar as regras da variedade padrão, não escrever em desacordo com as regras gramaticais.

b) Identifique a passagem do texto em que o próprio redator "maltrata o português".

b) ou [faz uma narração]...

c) Como ele deveria ter escrito a passagem referida em b, se seguisse a orientação que estava dando aos estudantes? c) ou [faz uma narração]...

d) Faça uma hipótese para explicar o que teria levado o redator a cometer o engano.

d) Os verbos que ocorrem antes de "fazer" ("fugir" e "copiar") têm a mesma forma no infinitivo e na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo ("fugir" → se você fugir, copiar → se você copiar). Isso induziu o redator a flexionar da mesma maneira o verbo "fazer", que não apresenta esta coincidência ("fazer" → se você fizer).

Para análise na figura três, consideramos a questão 5 (a, b).

Figura 4 – Demonstrativo de exercícios 4

- c) Uma vírgula depois de "vida" mudaria a classe gramatical da palavra "curta" em sua segunda ocorrência. *É adjetivo, passaria a ser verbo.*
- d) Alterando a ordenação dos termos da frase original para "Curta a curta vida", a palavra "curta", em sua segunda ocorrência, não mudaria de classe gramatical. *Continuaria sendo adjetivo.*
- e) Tal como está redigida a frase, o jogo semântico nela presente possibilita interpretar a palavra "curta", em qualquer uma de suas duas ocorrências, como uma forma verbal do imperativo afirmativo. *1ª ocorrência: forma do imperativo (3ª p. singular); 2ª ocorrência: adjetivo.*

3. As instruções a seguir foram transcritas da prova de uma universidade do Rio Grande do Sul. Na transcrição, as formas verbais imperativas foram substituídas pelos respectivos infinitivos, indicados nos colchetes. Reescreva adequadamente as formas que constariam do texto original.

[LER] ATENTAMENTE AS SEGUINTE INSTRUÇÕES:

- [Verificar], nos espaços devidos do cartão-resposta, se o número de controle é o mesmo que está ao lado do teu nome na folha de chamada. Caso o número de controle não corresponda ao que está nessa folha, [comunicar] imediatamente ao fiscal de prova. Não te [esquecer] de assinar teu nome no primeiro retângulo.
- Não [perguntar] nada ao fiscal, pois todas as instruções estão na prova. [Lembrar]-te de que uma leitura competente é requisito essencial para a realização da prova.
- Não [rasurar], não [amassar] nem [dobrar] o cartão-resposta, para que ele não seja rejeitado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Processo seletivo de inverno, 2009.
 No texto, emprega-se a segunda pessoa do singular (teu nome; não te...), por isso as formas verbais também devem ser flexionadas nessa pessoa:
 ler — lê; verificar — verifica; comunicar — comunica; esquecer — não te esqueças; perguntar — não perguntes; lembrar — lembra; rasurar — não rasures; amassar — não amasses; dobrar — não dobres.

4. Chama-se aspecto verbal o conjunto de subdivisões da estrutura temporal destinadas a especificar as diferentes durações de um fato expresso por um verbo. Relativamente a essa característica das formas verbais, observe os destaques neste trecho de texto.

Certo dia a terra fofa magicamente se **partiu**, as sementinhas **começaram a brotar** e os dois pés de feijão **foram crescendo** rapidamente. O garotinho **regava-os** todo dia e, quando a mãe **chegava** do trabalho, ele **contava**, maravilhado, o que **tinha acontecido** em sua "plantação".

Avalie como C (certa) ou E (errada) cada uma das afirmações:

- I. "partiu" e "tinha acontecido" indicam aspecto perfectivo, uma vez que exprimem fatos inteiramente concluídos. *c*
- II. "começaram a brotar" indica aspecto incoativo, isto é, exprime um processo que está em seu início. *c*
- III. "foram crescendo" indica aspecto contínuo, ou seja, exprime um fato que se prolonga no tempo. *c*
- IV. "regava", "chegava" e "contava" indicam aspecto habitual, já que exprimem fatos de ocorrência repetitiva, rotineira. *c*

5. Leia este trecho do romance *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo:

Às oito horas os índios que trabalhavam nas plantações e na estância reuniram-se como de costume na frente da igreja e pe. Alonzo fez-lhes uma pequena preleção. Disse-lhes que, se colhessem muito trigo, teriam muita farinha; se tivessem muita farinha dariam serviço ao moinho; se o moinho trabalhasse, os padeiros poderiam fazer muito pão; e se todos tivessem muito pão, ficariam bem alimentados; e se ficassem bem alimentados, Deus se sentiria feliz.

VERISSIMO, Erico. *O continente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 53. (*O tempo e o vento*, 1).

Para análise na figura quatro, selecionamos a questão 4.

Figura 5 – Demonstrativo de exercícios 5

Leitura e reflexão

1. Leia o poema de Vinicius de Moraes e a letra de Frejat e responda às questões.

O mais-que-perfeito

Ah, quem me dera ir-me Contigo agora Para um horizonte firme (Comum, embora...) Ah, quem me dera ir-me!	De alguém em algum lugar Que não presumes... Ah, quem me dera amar-te!
Ah, quem me dera amar-te Sem mais ciúmes	Ah, quem me dera ver-te Sempre a meu lado Sem precisar dizer-te Jamais: cuidado... Ah, quem me dera ver-te!

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

Mais que perfeito



Seu rosto olhando pra mim não tem nenhum defeito seu gingado vindo pra mim já tá fazendo efeito Preciso de você agora [...] Eu te amo assim do teu jeito nosso tempo é mais que perfeito Eu vou falar no teu ouvido pra te tirar do sério	você morde a minha boca você já sabe o que eu quero [...] Quando você fala me deixa encantado quando você me olha me deixa tarado Eu te amo assim do teu jeito nosso tempo é mais que perfeito
--	--

FREJAT, Roberto. In: _____. *Amor para recomeçar*. Warner Music Brasil, 2001.

- O título do poema pode ser entendido de duas maneiras: como um modo de ser (provavelmente do amor) e um tempo verbal. O que justifica, no poema de Vinicius de Moraes, essa dupla interpretação? Retire exemplos do texto para comprovar sua resposta.
 - Que relação é possível estabelecer entre o tempo verbal (mais-que-perfeito) e o significado que o eu poético atribui ao amor?
 - O título da canção de Frejat também se refere a um tempo verbal, como no poema. Mas não há uso do pretérito mais-que-perfeito no texto. O que justifica esse título na canção?
2. Observe em cada quadro da tirinha a sequência temporal da fala da personagem.



LAERTE. Disponível em: <<http://www.laerte.com.br/>>. Acesso em: 31 mar. 2012.

Para análise na figura cinco, consideramos a questão 1(a, b, c).

Figura 6 – Demonstrativo de exercícios 6

Prática de linguagem

1. Leia esta tira.



Davis, Jim. Garfield.

- Quais são os elementos responsáveis pelo humor presente na tira?
 - A ideia expressa na fala de Jon (“Nem todos os presentes são pra você”) tem sentido passivo. Para explicitar esse sentido, reescreva a frase transformando o verbo *ser* em verbo auxiliar de outro verbo principal no particípio, que será acrescentado por você.
 - Na fala de Garfield, a locução verbal poderia ser substituída por um único verbo. Faça essa substituição e diga de que forma o sentido da frase se altera.
 - Que adequações deveriam ser feitas na fala de Garfield se ela se iniciasse com o verbo *ser* flexionado no pretérito perfeito (*foi*), em vez de no presente (*é*)?
2. Leia um trecho da letra desta canção de Nando Reis, cantor e compositor brasileiro.

Ainda não passou

Triste é não chorar	Eu não suporto ver você sofrer
Sim, eu também chorei	Não gosto de fazer ninguém querer riscar o
E, não, não há nenhum remédio	[seu passado]
Pra curar essa dor	E o que passou, passou
Que ainda não passou	E o que marcou, ficou
Mas vai passar	Se diferente eu fosse
A dor que nos machucou	Será que eu teria sido amado?
E, não, não há nenhum relógio	Por você?
pra fazer voltar	
O tempo voa	

Reis, Nando. Intérprete: Nando Reis e os infernais. In: *Drs.*. Universal, 2009. 1 CD. Faixa 2.

- Explique o título da letra da canção.
- Qual é o estado em que se encontra o eu lírico? Que versos revelam isso?
- Quem parece ser o interlocutor do eu lírico nessa canção?
- Releia os versos.

Se diferente eu fosse/ Será que eu teria sido amado?

A palavra *amado*, particípio de *amar*, funciona como verbo na canção? Sendo assim, a expressão “teria sido amado” constitui uma locução verbal? Explique.

e) Releia.

Que ainda não passou
Mas vai passar

Que forma verbal simples poderia substituir “vai passar”? Em que tempo e modo essa forma simples está flexionada?

- O emprego da locução verbal “vai passar” é índice da formalidade ou da informalidade da linguagem da canção? Justifique.

Para análise na figura seis, consideramos a questão 2 (e).

Figura 7 – Demonstrativo de exercícios 7

PARA DAR MAIS UM PASSO

Verbo: narração, descrição e temporalidade

As fronteiras entre os discursos narrativo e descritivo não são claras; os mesmos recursos compõem segmentos textuais em que um ou outro predomina. Naqueles em que se acentua a narração, normalmente encontramos verbos de ação, encaixados para gerar algum tipo de conflito. Ali, a temporalidade tem destaque, porque as ações revelam um antes e um depois, além de estabelecer relações de causalidade. O resultado, em geral, é um texto mais dramático, que reflete uma atitude ativa. Em contraposição, o discurso descritivo pressupõe uma atitude mais contemplativa. O foco demora-se nos objetos, seres e eventos para registrar seus atributos, e a noção de tempo é a simultaneidade.

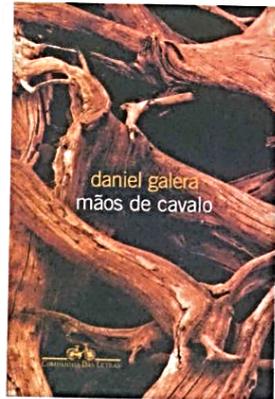
Nesse movimento entre o descrever e o narrar, os verbos têm um papel importante. Vamos observar esse modo de funcionamento na narrativa "O Ciclista Urbano", primeiro capítulo do romance *Mãos de cavalo*, do escritor paulista Daniel Galera.

[...]

Após esses segundos iniciais de avaliação do percurso, [...], o Ciclista Urbano se joga ladeira abaixo pedalando numa velocidade suicida que deixa perplexo qualquer observador.

Com um punhado de giros nos pedais, a velocidade cresce tanto que a trepidação das rodas contra as pedras da rua se torna quase insuportável. Mas o Ciclista conhece bem aquele trecho e sabe que precisa aguentar com os pulsos firmes por mais alguns instantes até que, numa manobra angulosa para a esquerda que pareceria loucura a um ciclista comum, ele salta sobre o canteiro central da rua do Canteiro aproveitando um ponto rebaixado do meio-fio, cruza a pista oposta, sobe na calçada em trajetória diagonal por uma rampa de garagem e maneja com destreza o guidom da bicicleta para fazer uma rápida correção da roda para a direita, bem a tempo de evitar o choque frontal com um muro de cimento sem reboco cuja superfície parece bastante aderente a pedaços de pele e carne humana. É o primeiro ponto delicado, de um total de cinco, no percurso que ele completará hoje, supondo, é claro, que não haja surpresas. Atravessa agora as calçadas de cinco casas em sequência, sem grandes desníveis ou mudanças de terreno, de modo que o Ciclista se sente à vontade para relaxar por alguns segundos, reacomodar a palma das mãos nos manetes, afrouxar a tensão dos joelhos e cotovelos e apreciar rapidamente a vista até que o olhar trave na água do Guaíba lá longe, salpicada do branco das velas dos veleiros. À sua direita, agora, os quarteirões são ocupados por casas construídas há não mais de um ano, várias delas com a pintura e as telhas ainda imaculadas, separadas entre si por miniaturas de matas fechadas. À sua esquerda predomina um terreno árido coberto por longas faixas de areia dura, alaranjada e erodida que se estendem em declive até a base do morro e dão lugar a uma zona plana onde ruas rigorosamente retas delimitam quarteirões retangulares subdivididos em lotes à venda. [...]

GALERA, Daniel. *Mãos de cavalo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 11-12. (Fragmento).



▲ Capa do livro *Mãos de cavalo*, de Daniel Galera. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Nessa obra, um cirurgião lembra fatos marcantes de sua infância e adolescência, em que se cruzam as sensações de heroísmo e covardia, e os associa ao presente, no qual ainda busca sua identidade.

- 1 Os demais capítulos do livro apresentam a narrativa em 1ª pessoa. Como o leitor reconhece, nesse capítulo, que o relato dos fatos se faz em 3ª pessoa?
- 2 Releia os três primeiros períodos do texto. Que efeito o narrador obtém com o uso da 3ª pessoa para referência a suas próprias ações, já que ele é o Ciclista Urbano?
- 3 No primeiro período, qual verbo sugere que o movimento feito com a bicicleta é extremamente rápido? Que outra expressão confirma essa característica?
- 4 O terceiro período é o mais longo do trecho. Qual foi o critério para a segmentação, isto é, para marcar seu começo e seu fim?
- 5 Releia o seguinte trecho do mesmo período: "[...] ele salta sobre o canteiro central da rua do Canteiro [...], cruza a pista oposta, sobe na calçada em trajetória diagonal por uma rampa de garagem e maneja com destreza o guidom da bicicleta para fazer uma rápida correção da roda para a direita, bem a tempo de evitar o choque frontal [...]". A escolha do tempo verbal descreve uma ação anterior, simultânea ou posterior ao momento da fala?
- 6 Que efeito se obtém com essa referência temporal?
- 7 Compare agora o trecho lido com outra sequência do texto: "[...] o Ciclista se sente à vontade para relaxar por alguns segundos, reacomodar a palma das mãos nos manetes, afrouxar a tensão dos joelhos e cotovelos e apreciar rapidamente a vista". Que impressão o conjunto dos verbos cria? Como ela contrasta com os verbos anteriores?
- 8 A sequência de orações iniciadas por verbos no infinitivo, nesse trecho, sugere ações simultâneas ou progressivas? Como ela contribui para criar um ritmo diferente do que havia na narrativa?
- 9 Releia os dois últimos períodos do texto. Que palavra indica que o Ciclista continua em movimento? Justifique.
- 10 Por que o leitor tem a impressão de que o ritmo diminuiu?
- 11 Divida mentalmente o texto em duas partes: uma antes do verbo *atravessar* e outra depois. Em que se concentra o protagonista em cada uma delas?
- 12 De que posição o leitor "vê" o protagonista: está longe ou próximo dele? Justifique sua resposta.

ALGUÉM FALA/ESCREVE ASSIM?

Em um dos exercícios deste capítulo, você estudou o verbo *stalkear*, formado a partir da forma inglesa *stalk*. Esse não é o único caso de verbos criados recentemente para indicar ações relativas ao universo das novas tecnologias. Em geral, são verbos tomados do inglês e que sofrem adaptações.

Procure se lembrar de verbos que tenham essa formação. Converse com outros jovens e use a internet para realizar buscas. Em sala de aula, vocês farão uma lista com esses verbos e procurarão entender sua formação. São regulares? Irregulares? Seguem, normalmente, qual conjugação?

Para análise na figura sete, selecionamos as questões 5, 6 e 7.

Figura 8 – Demonstrativo de exercícios 8

Atividades

Não escreva no livro

Leia, a seguir, um trecho de relato de viagem publicado no portal de notícias da ONG Amigos da Terra – Amazônia Brasileira.

#ficaadica

Fundado em 1994, o Instituto Socioambiental (ISA), com sede em São Paulo (SP), é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público sem fins lucrativos. Foi criado para propor soluções e defender os direitos socioambientais, monitorar as políticas públicas, documentar informações, entre outros motivos.

Para a ação de monitoramento e documentação, o ISA criou a maior base de dados sobre as Terras Indígenas brasileiras. Nela, é possível localizar, em um mapa interativo, o posicionamento dos diversos povos indígenas que habitam o país, obter informações sobre eles e ler notícias relacionadas a essas populações. Conheça mais o trabalho de documentação do ISA sobre as terras indígenas no Brasil no endereço a seguir.

ISA. **Terras indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/>. Acesso em: 31 ago. 2020.

Uma estrada impecável que não precisa de asfalto

Chegara a hora de deixar a região onde podem ser construídas as hidrelétricas de São Luiz do Tapajós e Jatobá e retornar a Santarém, onde faríamos as últimas entrevistas e pegaríamos o avião de volta ao Rio de Janeiro. Escolhemos como caminho para Santarém o mais seguro, reto e sem buracos ou poeira. Também escolhemos um transporte mais espaçoso e sociável, com lanchonete e tudo. Em vez de usar a Transamazônica e a BR163 para percorrer a distância entre Itaituba e Santarém, preferimos a mais antiga “estrada” da região: o Tapajós.

Não é à toa que as cidades e vilas que visitamos – Santarém, Itaituba, Jacareacanga e Pimental – estão a sua margem. Muito antes das ainda precárias estradas da região, o povo de lá usava mesmo era a água. Os rios locais eram o único meio de locomoção e a principal fonte de proteína na alimentação dos nativos. Fazem parte da paisagem pequenas lanchas com motores de rabeta ou os “quarentões”, apelido de um motor específico de 40 cavalos usado em travessias mais longas. Motor nessa região é abreviação para motor de barco, e distância é medida em “hora de motor”, já que rio não tem placa de quilometragem.

[...]

UMA ESTRADA impecável que não precisa de asfalto. **Amazônia: notícia e informação**, 23 jul. 2013. Disponível em: <https://amazonia.org.br/2013/07/uma-estrada-impecavel-que-nao-precisa-de-asfalto/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

1. O relato acima se refere a cidades diferentes das apresentadas nos demais textos deste volume. Por que podemos dizer que essas cidades apresentam um modelo mais sustentável de transporte do que nas grandes metrópoles?
2. No primeiro parágrafo, as formas verbais indicam a sequência de ações narradas no relato.
 - a) Faça uma linha do tempo apresentando apenas as formas verbais que indicam ações praticadas pelo narrador em uma sequência temporal do passado ao presente.
 - b) Embora seja possível incluir as formas verbais **faríamos** e **pegaríamos** em uma linha do tempo do passado ao presente, elas indicam também uma particularidade que poderia fazer que não fossem utilizadas na mesma linha temporal dos demais verbos. Por que é possível dizer isso com base no sentido que elas indicam?

EDITORIA DE ARTE

3. Leia o trecho a seguir e responda às questões.

Chegara a hora de deixar a região onde podem ser construídas as hidrelétricas de São Luiz do Tapajós e Jatobá e retornar a Santarém, onde faríamos as últimas entrevistas e pegaríamos o avião de volta ao Rio de Janeiro.

- a) Os verbos **deixar** e **retornar** estão subordinados a uma mesma oração. Qual é ela?
 - b) No primeiro período, a locução verbal utilizada é **podem ser construídas**, ainda que o autor se refira a fatos situados no passado do passado: **chegara a hora**. O que explica esse emprego? Que sentido essa expressão produz?
4. Considerando a sequência temporal desse trecho da reportagem e a flexão dos verbos, responda às questões.
- a) Como pode ser caracterizado o momento da enunciação?
 - b) Em que momento a enunciação se situa em relação aos fatos?
5. Observe, no segundo e no quarto períodos do primeiro parágrafo do relato, a flexão dos verbos **escolher** e **preferir**.
- a) A forma em que estão flexionados é a mesma para dois tempos diferentes. Quais são?
 - b) O que permite ao leitor compreender corretamente o tempo empregado?
 - c) Que expressão pode ser inserida em um desses períodos que poderia eliminar essa ambiguidade temporal?
6. Alguns verbos do último parágrafo estão flexionados no presente, mas não indicam, necessariamente, ações que são realizadas no momento da enunciação.
- a) Identifique esses verbos flexionados.
 - b) Essas formas verbais no presente indicam apenas uma marcação de tempo? Explique.

#saibamais

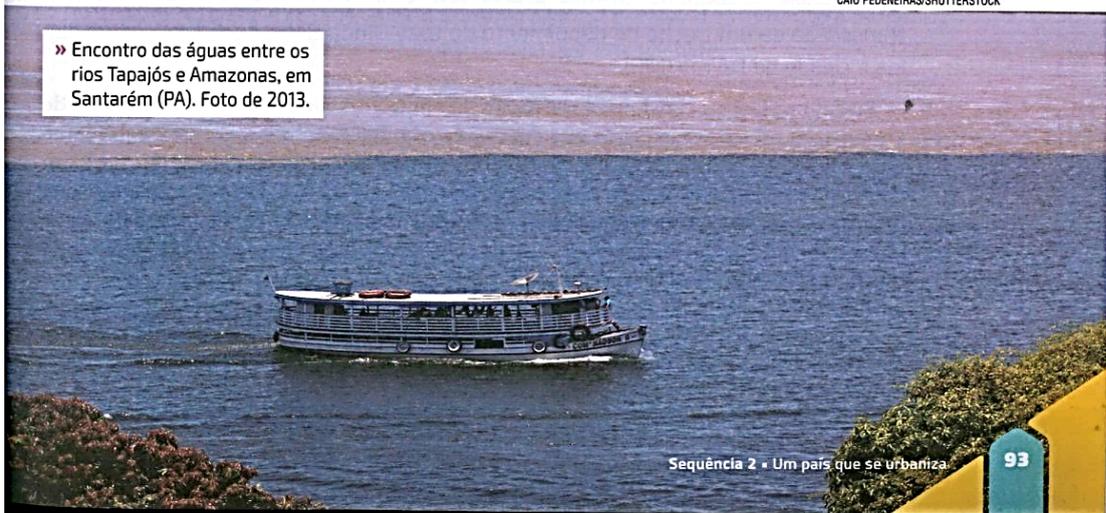
Rio Tapajós

Importante rio nacional, o Tapajós nasce na divisa entre Mato Grosso e Pará e desagua no Rio Amazonas (PA), após percorrer aproximadamente 800 km.

Em suas margens vivem diversas comunidades tradicionais, principalmente indígenas, que têm no rio a base de sua sobrevivência.

A beleza natural da região e a cultura da população local têm atraído pessoas do mundo inteiro para a prática de ecoturismo.

CAIO PEDENEIRAS/SHUTTERSTOCK



Para análise na figura oito, escolhemos as questões 5 (a, b, c) e 6 (b).

Figura 9 – Demonstrativo de exercícios 9

HORA DA LEITURA

Crônica II

Você leu anteriormente uma crônica de Sérgio Vaz e conheceu um pouco sobre a literatura periférica. Embora os estudiosos indiquem as obras escritas na segunda metade do século XX como marco desse movimento, Lima Barreto, a partir de 1900, já apresentava impressões sobre a vida suburbana (periférica) do Rio de Janeiro.



Cosme Velho, Rio de Janeiro (RJ), no final do século XIX, quando a região era considerada suburbana.

Antes de ler uma crônica em que Lima Barreto narra situações cotidianas do subúrbio do início do século XX, responda às questões seguintes.

Respostas pessoais.

1.  Você costuma ler crônicas em livros ou publicadas em jornais para refletir sobre fatos e costumes de seu tempo ou de sua localidade? Comente.
2. Você já escreveu algum texto a fim de refletir sobre o seu cotidiano? Se a resposta for afirmativa, compartilhe a experiência com os colegas.
3. Pelo título, sobre quais situações ou circunstâncias do cotidiano o autor deve narrar e refletir?

Bailes e divertimentos suburbanos

Há dias, na minha vizinhança, quase em frente à minha casa, houve um baile. Como tinha passado um mês enfurnado na minha modesta residência, que para enfezar Copacabana denominei “Vila Quilombo”, pude perceber todos os preparativos da festa doméstica: a matança de leitões, as entradas das caixas de doces, a ida dos assados para a padaria etc.

Na noite do baile, fui deitar-me cedo, como sempre faço quando me resolvo descansar a sério. Às 9 horas, por aí assim, estava dormindo a sono solto. O baile já havia começado e ainda com algumas polcas repinicadas ao piano. Às 2 e meia, interrompi o sono e estive acordado até as 4 da madrugada, quando acabou o sarau. A não ser umas barcarolas cantadas em italiano, não ouvi outra espécie de música, a não ser polcas adoidadas e violentamente sincopadas, durante todo esse tempo.

O dia veio se fazer inteiramente. Levantei-me da cama e, dentro em breve, tomava o café matinal em companhia de meus irmãos.

Perguntei a minha irmã, provocado pela monótona musicaria do baile da vizinhança, se nos dias presentes não se dançavam mais valsas, mazurcas, quadrilhas ou quadras etc. Justifiquei-lhe o motivo da pergunta.

– Qual! – disse-me ela. – Não se gosta mais disso... O que apreciam os dançarmos de hoje, são músicas apolcadas, tocadas “à la diable”, que servem para dançar o tango, fox-trot, rang-time, e...

– “Cake-walk”? – perguntei.

– Ainda não se dança, ou já se dançou; mas agora, está aparecendo um tal de “shimmy”.

[...] O baile, não sei se é, era ou foi, uma instituição nacional, mas tenho certeza de que era profundamente carioca, especialmente suburbano.

Na escolha da casa, presidia sempre a capacidade da sala de visitas para a comemoração coreográfica das datas festivas da família. Os construtores das casas já sabiam disso e sacrificavam o resto da habitação à sala nobre. Houve quem dissesse que nós fazíamos casa, ou as tínhamos para os outros, porque a melhor peça dela era destinada a estranhos.

Hoje, porém, as casas mingam em geral, e especialmente, na capacidade dos seus aposentos e cômodos. [...] Isto acontece com as famílias remediadas; com as verdadeiramente pobres, a coisa piora. Ou moram em cômodos ou em casitas de avenidas, que são um pouco mais amplas do que a gaiola dos passarinhos.

[...]

Quando fui morar naquelas paragens não havia noite em que, voltando tarde para casa, não topasse no caminho com um baile, com um choro, como se dizia na gíria do tempo. Havia famílias que davam um por mês, fora os extraordinários, e havia também cavalheiros e damas que não faltavam a eles, além de irem a outros de famílias diferentes.

Eram célebres nos subúrbios certos rapazes e moças, como tipos de dançarinos domésticos. Conheci alguns, e ouvi muitos falar neles. Lembro-me bem, dentre eles, de uma moça que, às vezes, atualmente ainda encontro [...]. Chamavam-na Santinha, e tinha uma notoriedade digna de um poeta de “Amor” ou de um gatimanhas de cinematógrafo. [...] A sua especialidade estava na valsa americana que dançava como ninguém. Não desdenhava as outras contradanças, mas a valsa era a sua especialidade. Dos trezentos e sessenta e cinco dias do ano, só nos dias de luto da Semana Santa e no de Finados, não dançava. Em todos os mais, Santinha valsava até de madrugada. [...]

[...]

Nesses bailes suburbanos, o mártir era o dono da casa: Seu Nepomuceno começava por não conhecer mais da metade da gente que, transitoriamente, abrigava, porque Cacilda trazia Nenê e esta o irmão que era namorado daquela – a única cuja família tinha relações com a do Seu Nepomuceno; e, assim, a casa se enchia de desconhecidos. Além destes subconvidados, ainda existiam os penetras. Chamavam-se assim certos rapazes que, sem nenhuma espécie de convite, usavam deste ou daquele truque para entrar nos bailes – penetrar.

Em geral, apesar da multidão dos convidados, essas festas domésticas tinham um grande cunho de honestidade e respeito. Eram raros os excessos, e as danças, com o intervalo de um hora para uma ceia modesta, se prolongavam até o clarear do dia sem que o mais **arguto** do sereno pudesse notar uma discrepância nas atitudes dos pares, dançando ou não. Sereno, era chamado o agrupamento de curiosos que ficavam na rua a espiar o baile. Quase sempre era formado de pessoas das vizinhanças e outras que não haviam sido convidadas e lá se postavam para ter assunto em que baseassem a sua despeitada crítica. [...]

Sem receio de errar, entretanto, pode-se dizer que o baile familiar e burguês, democrático e efusivo, está fora da moda, nos subúrbios. A carestia da vida, a **exiguidade** das casas atuais e a imitação da alta burguesia desfiguraram-no muito e tendem a extingui-lo.

[...]

Uma outra diversão que, antigamente, os suburbanos apreciavam muito e hoje está quase morta era a do teatrinho de amadores. Quase todas as estações tinham mantido um Clube. O do Riachuelo teve a sua meia hora de celebridade; possuía um edifício de razoáveis proporções; mas desapareceu, e, atualmente, foi transformado em escola municipal. O que havia de característico na vida suburbana, em matéria de diversão, pouco ou quase nada existe mais. O cinema absorveu todas elas e, pondo de parte o **mafuá semieclesiástico**, é o maior divertimento popular da gente suburbana.

[...]

O futebol flagela também aquelas paragens como faz ao Rio de Janeiro inteiro. Os clubes pululam e os há em cada terreno baldio de certa extensão.

Nunca lhes vi uma partida, mas sei que as suas regras de bom-tom em nada ficam a dever às dos congêneres dos bairros elegantes.

A única novidade que notei, e essa mesma não me parece ser grave, foi a de festejarem a vitória sobre um rival, cantando os vencedores pelas ruas, com **gambitos** nus, a sua proeza homérica com letra e música da escola dos cordões carnavalescos. Vi isto só uma vez e não garanto que essa **hibridação** do samba, mais ou menos africano com o futebol anglo-saxônio, se haja hoje generalizado nos subúrbios. Pode ser, mas não tenho documentos para tanto afiançar.

Resta-nos o Carnaval; é ele, porém, tão igual por toda a parte, que foi impossível, segundo tudo faz crer, ao subúrbio dar-lhe alguma coisa de original. Lá, como na Avenida, como em Niterói, como em **maxambomba**, como em todo este Brasil inteiro, são os mesmos cordões, blocos, grupos os mesmos versos indignos de manicômio, as mesmas músicas indigestas [...].

O subúrbio não se diverte mais. A vida é cara e as apreensões muitas, não permitindo prazeres simples e suaves, doces diversões familiares, equilibradas e plácidas. Precisa-

-se de ruído, de zambumba, de cansaço, para esquecer, para espantar as trevas que em torno da nossa vida, mais densas se fazem, dia para dia, acompanhando "pari passu" as suntuosidades republicanas.

[...] Para as dificuldades materiais de sua precária existência, criou esse seu paraíso artificial, em cujas delícias transitórias mergulha, inebria-se minutos, para esperar, durante horas, dias e meses, um aumentozinho de vencimentos...

Gazeta de Notícias, 7-2-1922.

BARRETO, Lima. Bailes e divertimentos suburbanos. In: BARRETO, Lima. *Marginália*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000154.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Glossário

à la diable: expressão em francês que significa "para o diabo".

arguto: aquele que tem a capacidade de perceber rapidamente as coisas mais sutis.

barcarola: música de caráter folclórico, cantada pelos gondoleiros de Veneza.

cake-walk: dança afro-americana que se originou entre as pessoas negras escravizadas no Sul dos Estados Unidos.

choro: estilo de música, principalmente instrumental, originado no século XIX, no Rio de Janeiro, que se moldou pelo modo peculiar brasileiro em interpretar gêneros europeus como a polca, a valsa, entre outros.

eclesiástico: religioso.

exiguidade: qualidade do que é exíguo; escasso, insuficiente, precário.

fox-trot: dança de salão de origem norte-americana, cuja direção segue o sentido anti-horário, em andamento suave e progressivo.

gambitos: denominação coloquial para a expressão "perna fina".

gatimanha: neologismo do autor.

hibridação: combinação ou cruzamento de espécies diferentes.

mafuá: baile popular.

maxambomba: era um veículo de transporte de passageiros constituído de uma pequena locomotiva, cuja cabine era descoberta.

mazurca: dança polonesa em compasso ternário; ritmo musical cuja composição instrumental tem as características dessa dança.

minguar: diminuir, reduzir, escassear.

pari passu: no mesmo passo ou ritmo.

polca: dança popular da Boêmia, região que fazia parte do antigo Império Austro-Húngaro no século XIX; popularizou-se no Brasil com a compositora Chiquinha Gonzaga.

quadrilha: dança de salão, originada na França, praticada nos palácios no século XIX.

rang-time: gênero musical e dança norte-americana surgida no final do século XIX.

shimmy: dança de salão originada nos Estados Unidos no início do século XX, caracterizada pelas sacudidelas dos ombros ou do corpo inteiro.

sinopada: característica de música com ritmo não contínuo.

suntuosidade: riqueza, abundância.

tango: estilo musical e dança de origem argentina, criada no final do século XIX.

SOBRE O AUTOR

Afonso Henriques de Lima Barreto (Rio de Janeiro-RJ, 1881 – Rio de Janeiro-RJ, 1922) viveu entre grandes momentos históricos brasileiros: a abolição da escravidão, a Proclamação da República e a Primeira República. Além de escritor, foi jornalista e funcionário público. Por ser um escritor negro, filho de um tipógrafo e de uma ex-escravizada, as dificuldades de inserção de pessoas negras na sociedade brasileira no período pós-abolição foram um tema central em suas obras, assim como a vida no subúrbio carioca, a pobreza, a corrupção e a política. Em 1900, o escritor iniciou registros de um diário íntimo, no qual apresentava impressões sobre a cidade e a vida urbana do Rio de Janeiro. Em 1905, começou a escrever para jornais cariocas. Em 1922, concluiu uma de suas principais obras, *Clara dos Anjos*, que só seria publicada postumamente, em 1948. Além dessa obra, *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909) e *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911) constam entre seus mais importantes trabalhos.



FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO

Analisando a linguagem do texto

1. Observe os tempos verbais usados ao longo da crônica “Bailes e divertimentos urbanos” e responda às questões seguintes.

a. Quais tempos verbais são usados pelo cronista, ao longo do texto, para narrar fatos e criticá-los em seu presente?

O cronista utiliza, na maior parte do texto que trata de seu presente, o tempo pretérito perfeito do indicativo para narrar fatos e criticá-los e, em alguns momentos, o presente do indicativo.

b. Qual tempo verbal o cronista utiliza para abordar fatos de seu passado?

O cronista utiliza, para remeter aos bailes e divertimentos do passado, o tempo pretérito imperfeito do indicativo.

c. Qual efeito de sentido é produzido por meio do uso desse tempo verbal?

Vé resposta no MPE.

2. Releia este trecho da crônica de Lima Barreto e responda às questões seguintes.

Na noite do baile, fui deitar-me cedo, como sempre faço quando me resolvo descansar a sério. Às 9 horas, por aí assim, estava dormindo a sono solto. O baile já havia começado e ainda com algumas polcas repinicadas ao piano. Às 2 e meia, interrompi o sono e estive acordado até as 4 da madrugada, quando acabou o sarau.

a. Em uma narrativa, o tempo pode ser **cronológico** (aquele que se pode contar pelo relógio) e **psicológico** (individual e marcado pelo pensamento e pela memória). Nesse trecho, o tempo é cronológico ou psicológico? Explique.

O tempo da narrativa é cronológico, pois é marcado numa progressão de tempo do relógio.

b. Quais palavras ou expressões podem justificar a sua resposta ao item a?

As expressões são “na noite do baile”, “às 9 horas”, “às 2 e meia”, “às 4 da madrugada”.

c. Quais palavras ou expressões, nesse trecho, não marcam um período específico do dia?

As palavras ou expressões que não marcam um período de dia, mas indicam essa circunstância, são: “sempre”, “por aí assim”, “já”.

3. O cronista, além de narrar fatos, faz apreciação sobre eles ao longo de toda a crônica e, para tanto, utiliza adjetivos, acompanhados de advérbios.

a. Quais adjetivos e advérbios o autor usa para fazer uma apreciação do gênero musical “polca”? Essa avaliação é positiva ou negativa? Explique. Os adjetivos “adoidadas” e “sincopadas”, este último acompanhado do advérbio de afirmação “verdadeiramente”. A avaliação é negativa, porque ele utiliza os adjetivos para criticar esse gênero musical que era moda na época e enfatiza isso por meio do uso do advérbio de afirmação.

b. Quais adjetivos e advérbios o autor usa para fazer uma apreciação da “instituição” baile? Essa avaliação é positiva ou negativa? Explique. Os adjetivos “carioca” e “suburbano”, acompanhados, respectivamente, dos advérbios de intensidade “profundamente” e “especialmente”. A apreciação é positiva, pois o autor exalta com adjetivos e advérbios de intensidade uma manifestação cultural que considerava genuína e representante da cultura local.

c. Que expressões são usadas para apreciar a música cantada no Carnaval? É uma apreciação positiva ou negativa?

O autor utiliza a expressão “versos indignos de manicômio” e o adjetivo “indigestas”. É uma apreciação negativa, pois essas palavras e expressões são empregadas pelo autor para criticar a modernização cultural e as músicas de origem africana.

4. A palavra “subúrbio”, ao longo do tempo, foi empregada na linguagem cotidiana com diferentes sentidos.

Até o fim do século XIX e início do século XX, denominava os arrabaldes das cidades, como você viu no trecho lido, no capítulo anterior, de Visconde de Taunay.

Ao longo do tempo, “subúrbio” passou a ser empregado com o significado de “periferia”.

a. Pesquise significados diferentes para “subúrbio” e “periferia”, relacionados à cidade.

Periferia, em uma cidade ou região metropolitana, é uma região afastada do centro urbano e que, geralmente, abriga população de baixa renda. Subúrbio é uma área de expansão espacial das cidades, relativamente próxima do centro urbano, ou em seu entorno.

b. Com base na pesquisa, em qual sentido o autor utiliza o termo “subúrbio”?

Na crônica, subúrbio tem o mesmo significado que periferia, pois trata-se de uma região afastada do centro urbano e com população de baixa renda.

Para análise na figura nove, destacamos a questão 1(a, b, c).

Figura 10 – Demonstrativo de exercícios 10

SUA LEITURA 3

Agora, você vai ler o poema "Negra", da poeta moçambicana Noémia de Sousa. O texto, que foi publicado originalmente em 1949, é um diálogo estabelecido entre o eu poético e a África, tida como a mãe não só dos negros que vivem nesse espaço geográfico, mas também daqueles espalhados pelo mundo após a diáspora africana.

Na obra da escritora, é possível notar que a luta política por libertação se une à revolução estética, que era empreendida por artistas e intelectuais contra a dominação cultural estrangeira da época. Cientes da necessidade de criar uma nova identidade cultural para suas nações, sem perder de vista a condição mais ampla dos africanos, os escritores ofereceram sua voz e sua palavra para cantar a liberdade, a cultura e o pensamento africanos. Essa luta por meio da literatura começou antes mesmo do confronto armado, com a publicação em jornais, como *O Brado Africano*, de poemas anticolonialistas. Esse veículo favoreceu a combatividade poética e política de artistas como Noémia de Sousa, José Craveirinha e Ruy Guerra, sem a qual o movimento por libertação não teria sido o mesmo.

Tendo em vista o título do poema e o contexto no qual o texto se insere, comente: De que lugar parte a voz do eu poético neste poema?

Resposta pessoal. Espera-se que fique subentendido, pelo título do poema e pela forma específica de ver o mundo no qual a leitura se encaixa – a saber, a de discursos contra-hegemônicos –, que a voz do eu poético ocupa o lugar de mulher e de africana, identificada com a história e com a cultura desse continente.

Texto 3

Negra

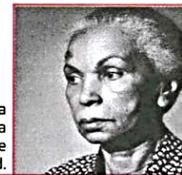
Gentes estranhas, com seus olhos cheios doutros mundos
quiseram cantar teus encantos
para elas só de mistérios profundos,
de delírios e feitiçarias.
Teus encantos profundos de África

Mas não puderam.
Em seus formais e rendilhados cantos,
ausentes de emoção e sinceridade,
quedaste-te longínqua, inatingível,
virgem de contactos mais fundos.
E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,
jarra etrusca, exotismo tropical,
demência, atração, crueldade,
animalidade, magia...
e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.

Em seus formais cantos rendilhados
foste tudo, negra...
menos tu.

E ainda bem.
Ainda bem que nos deixaram a nós,
do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,
sofrimento,
a glória única e sentida de te cantar
com emoção verdadeira e radical,
a glória comovida de te cantar, toda amassada,
moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE.

Sousa, Noémia de. *Negra*. In: Sousa, Noémia de. *Sangue negro*.
Moçambique: Kapulana, 2016. (Série Vozes da África).



Escritora
moçambicana
Noémia de
Sousa, s.d.

Autoria desconhecida/ID/BR

A mãe dos poetas moçambicanos

Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares (1926-2002) nasceu em Catembe, no litoral de Moçambique. A escritora militou política e poeticamente pela liberdade do seu povo no contexto do colonialismo português. Sua ligação com o Brasil se dá pela língua, já que Moçambique tem a língua portuguesa como idioma oficial, e pela sua admiração pelo escritor Jorge Amado, para o qual dedicou um dos poemas publicados em seu único livro, *Sangue negro*.

Os olhares cheios doutros mundos na indústria do cinema

A indústria do cinema tem uma grande responsabilidade na consolidação de estereótipos e preconceitos sobre muitas culturas, uma vez que suas superproduções têm ampla recepção. No caso das narrativas fílmicas sobre o continente africano, muitas vezes são desconsideradas a multiplicidade e as diferenças existentes entre as populações que formam esse vasto território geográfico. Apostando em clichês como guerras, fome, primitivismo, selvageria, erotização exagerada, essas superproduções cometem graves equívocos, generalizações, imprecisões e anacronismos, reiterando uma visão eurocêntrica que coloca a África e seu povo na posição contrária à que é apresentada do povo europeu ou norte-americano.

11. Resposta pessoal. Sugestão de resposta: É comum vermos em filmes a África sendo retratada como um continente rico em recursos naturais, em que impera uma disputa fratricida entre clãs inimigos ou guerras intermináveis, além de pobreza extrema. Esses filmes não mostram uma diversidade cultural e regional, pelo contrário, uniformizam o continente, como se toda África fosse apenas um país.

13. O substantivo *mistérios* se relaciona ao ponto de vista do estrangeiro, que, por não conhecer profundamente esse território, vê tudo como enigmático, misterioso. Já o substantivo *encantos* se relaciona ao ponto de vista do africano, que, por estar ligado à África intimamente, observa sua cultura, seu passado, seu povo, enfim, toda sua realidade, como algo belo, atrativo.

14a. O sujeito dessas ações verbais é "gentes estranhas", citado no primeiro verso.

14b. Esses verbos estão conjugados no pretérito perfeito do modo indicativo.

14c. Revela que as "gentes estranhas" praticaram continuamente essas ações no passado.

15a. A repetição dá ênfase ao sentimento de contentamento do eu poético pela possibilidade de ele e o seu povo poderem cantar, eles próprios, a sua África.

15b. Não há contradição, já que o adjetivo "imensa" não é usado para se referir exatamente ao tamanho da sílaba, mas à magnitude de seu significado.

10. Por não vivenciar a situação de africano, o "outro" não cria um canto sincero, isto é, autêntico, não alcançando, assim, a realidade africana que pretende representar em sua arte.

10. Relacione a resposta dada ao exercício anterior à noção de "lugar de fala".

11. Na estrofe introduzida pelo 11º verso, o eu poético passa a enumerar imagens que o "outro" criou sobre o continente africano. Em sua opinião, de que forma o cinema ajuda a propagar essa visão estereotipada da África?

A RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO POEMA

12. Há uma personificação da África no poema, o que significa que são atribuídas características humanas a ela. 12a. O título do poema atribui um gênero e uma cor à África.

- Que atributos humanos o título do poema confere à África?
- A palavra *mãe*, que encerra o poema, também atribui traços humanos ao continente. Que características e valores humanos ligados a essa palavra são conferidos à África? Características e valores como afeto, abrigo, calor, vida.
- Considerando essa imagem da África criada no poema, a quem o eu poético estaria se remetendo nos versos "do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma, / sofrimento"? *Aos filhos da mãe África, isto é, aos africanos.*

13. Releia os versos a seguir e responda.

Gentes estranhas, com seus olhos cheios doutros mundos
quiseram cantar teus encantos
para elas só de mistérios profundos,
de delírios e feitiçarias.
Teus encantos profundos de África

- São atribuídas à África diferentes imagens com o uso dos substantivos *mistérios* e *encantos*. Relacione cada um desses substantivos aos dois pontos de vista no poema.

14. Releia os versos extraídos do poema, dando especial atenção aos verbos neles destacados.

[...] **quiseram** cantar teus encantos [...]

[...] Mas não **puderam** [...]

[...] E te **mascararam** de esfinge de ébano [...]

[...] Ainda bem que nos **deixaram** a nós [...]

- Todas as ações têm em comum o mesmo sujeito. Identifique-o.
 - Qual o tempo e o modo em que os verbos foram conjugados?
 - O que a escolha por esse tempo e modo verbal nos revela sobre as ações desse sujeito?
15. Releia a última estrofe do poema e responda:
- Essa estrofe é marcada pelo uso da repetição. Explique a importância desse recurso para a construção do sentido da estrofe.
 - A palavra *mãe* é formada, segundo o eu poético, por uma sílaba "imensa". Há uma contradição nessa afirmação? Explique sua resposta.

Não escreva no livro.

Para análise na figura 10, consideramos a questão 14 (a, b, c).

Quadro 4 – Entre o tempo flexional e o TEMPO

QUESTÕES (por FIGURA) de interpretação a partir de texto literário	Tempo Flexional (externo à situação)	TEMPO (interno à situação)	Classificação	Interpretação da temporalidade: relação entre tempo flexional e TEMPO	Observação
FIGURA 1 - (2013)	Contemplado	Não contemplado	Flexional	Fixa	-
FIGURA 2 (2007)	Contemplado	Não contemplado	Flexional	Fixa	O foco da questão é argumentativo
FIGURA 3 (2013)	Citado	Sugerido	Aspectual	Fixa	Referência a efeito de sentido
FIGURA 4 (2013)	Citado	Contemplado	Aspectual	Dinâmica	O enunciado não se refere, entretanto, a aspecto, mas trata do emprego dos tempos verbais
FIGURA 5 (2013)	Citado	Não contemplado	Flexional	Fora do âmbito do verbo	Interpretação priorizando o sentido entre o mais-que-perfeito e o mais que perfeito
FIGURA 6 (2016)	Contemplado	Não contemplado	Flexional	Fixa	Faz referência à voz verbal
FIGURA 7 (2016)	Contemplado	Não contemplado	Flexional	Fixa	Referência a efeito de sentido
FIGURA 8 (2020)	Contemplado	Não contemplado	Flexional	Fixa	Questão relativa à ação e ao efeito de sentido
FIGURA 9 (2020)	Contemplado	Não contemplado	Flexional	Fixa	Referência a efeito de sentido e não à temporalidade
FIGURA 10 (2020)	Contemplado	Não contemplado	Flexional	Fixa	Os itens A e C da questão sobre verbo relacionam-se à ação e não ao tempo

Fonte: Autoria própria (2024)

O quadro acima é a descrição das questões sobre tempo em textos literários dos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio. Todas as questões fazem referência a

verbo e a tempo. Algumas se referem a verbo; outras, a verbo, interrogando sobre o tempo flexional; outras, a verbo, interrogando o tempo na perspectiva interna à situação; outras ainda são classificatórias, fixas ou dinâmicas e ainda há aquelas que fazem referência a efeito de sentido.

Selecionamos dez questões de livros didáticos do Ensino Médio: uma de 2007, quatro de 2013, duas de 2016, três de 2020. Das dez questões, sete priorizam o tempo flexional, perguntando sobre a conjugação verbal; três não perguntam sobre a conjugação verbal, mas respondem sobre ela no enunciado. Quanto à interpretação do tempo, relativamente ao transcurso interno da situação, oito não contemplam o tema; uma sugere, mas fixa na questão da classificação do aspecto e apenas uma contempla o tempo interno da situação, mas não se refere a aspecto e sim a emprego dos tempos verbais, ou seja, apenas uma questão entre as dez analisadas imprime um caráter dinâmico na interpretação sem se referir, entretanto, a aspecto verbal. Nenhuma das questões trata de temporalidade. Vale ressaltar que o termo temporalidade, a diferença entre tempo flexional e TEMPO não acontecem em nenhuma dessas questões. Mesmo quando o aspecto é considerado, a perspectiva é fixa na relação tempo flexional e aspecto.

Importa informar que encontramos em um livro didático de 2016 (Se liga na língua) o termo temporalidade no título Verbo: narração, descrição e temporalidade. Entretanto, a única pergunta sobre verbo não usa a mesma categoria, mas “efeito”: Que efeito se obtém com essa referência temporal? Outra pergunta considera a categoria impressão: “Que impressão o conjunto dos verbos cria? Como ela contrasta com os verbos anteriores?” As outras questões são relativas a período, partes do texto, ritmo do texto.

9.1 Análise aleatória de dois exemplares das questões

Selecionamos a (Figura 3 – Demonstrativo de exercícios 3) e a Figura 10 – Demonstrativo de exercícios 10 do quadro para uma análise aleatória, porém detalhada porque, na verdade, é recorrente que o tempo flexional é o que comanda o estudo do verbo nas interpretações de texto.

9.1.1 Análise I: Figura 3 – Demonstrativo de exercícios 3

O verbo transmite informações por meio de suas flexões, nas quais encontraremos informações de tempo (Ilari; Basso, 2014, p. 67). Diante desse aspecto do verbo de indicar o tempo, analisaremos os exercícios a seguir e investigaremos neles a forma como a marcação temporal se apresenta: de forma limitada ou expandida para a temporalidade, permitida também na gramaticalização. A partir dessa sinalização sobre o tempo, tempo verbal e temporalidade, é que analisaremos os exercícios, para, assim, investigarmos a forma como o tempo verbal está sendo explorado: se limitado às desinências ou se com extrapolação de sentido relacionado à temporalidade.

No poema “Infância” de Carlos Drummond de Andrade (1988), o eu lírico relembra o tempo em que era criança e vivia com a família na fazenda. Leia a primeira estrofe desse poema:

Infância
 Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
 Minha mãe ficava sentada cosendo.
 Meu irmão pequeno dormia.
 Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé,
 comprida história que não acaba mais.
 [...] (Andrade, 1988, p. 238).

a) Nos cinco primeiros versos, as formas verbais são do pretérito imperfeito. Que aspecto relativo ao tempo essas formas exprimem no contexto do poema e que característica da vida na fazenda eles procuram sugerir?

b) Comente o efeito de sentido criado pelo emprego do presente do indicativo no último verso.

O exercício acima foi selecionado do livro didático do componente curricular Língua Portuguesa. Tem como título *Novas Palavras*, volume II, que, por ser seriado, é direcionado para o segundo ano do Ensino Médio. É um livro que foi adotado, em 2013, nas escolas públicas e privadas em São Luís do Maranhão. Este volume II dispõe de conteúdos de Literatura, Gramática e Redação. O conteúdo gramatical se organiza em torno das classes gramaticais, sendo por isso escolhido, já que traz o nosso objeto de estudo que é o tempo no verbo, com extensão ou não para a temporalidade, motivo de nossa investigação por meio dos exercícios.

A questão em análise, que tem como conteúdo o verbo na categoria morfológica, é elaborada a partir do texto *Infância* de Carlos Drummond de Andrade. Foi selecionado um texto literário em verso, um poema, que é apresentado de forma fragmentada, o que dificulta a análise das formas verbais que constituem o texto em sua totalidade.

Observamos que a questão já se inicia fazendo referência ao tempo passado quando alude às passagens da infância do eu lírico. No fragmento, são sublinhadas as formas verbais flexionadas no pretérito imperfeito do indicativo como *montava, ficava, dormia, lia* e no presente do indicativo que é a forma *acaba*, envolvidas em um contexto. Sobre elas são elaboradas as perguntas.

Verificamos que as perguntas não se limitaram à simples identificação do tempo nas formas verbais, mas sim dando espaço para uma leitura possibilitadora da ampliação do sentido, atingindo uma dimensão semântica em que o tempo se perfaz e se amplia dentro de um conjunto de elementos contextuais e linguísticos. Os fatos são contínuos, representados e descritos pelos verbos, cujos acontecimentos envolviam a vida do eu lírico, como resultante das ações praticadas por sua família, nos quatro primeiros versos, as quais ele acompanhava com afetividade e, simultaneamente, a ação do próprio eu lírico que se desenvolve de forma paralela.

Entretanto, o fato de tomar o tempo como elemento de interpretação apenas a partir de uma estrofe compromete a leitura das relações temporais presentes no poema. Por exemplo: para qual momento as ações do pretérito imperfeito têm sua marca permanente? Interpretando só a primeira estrofe não é possível identificar o tempo crônico em que as ações aconteciam. A lenta temporalidade das ações que se arrastam não se marca pela frequência em si de uma ação que se estende, mas pelo cenário próprio do ritmo das horas, no caso meio-dia que, em uma cidade do interior, é como se o tempo parasse de calor na expectativa da sesta ou do intervalo para o descanso.

Na questão em análise, é contemplado o tempo verbal sob o efeito de sentido que ele propicia ao texto, convocando o leitor a realizar uma leitura que transcende o pragmático, permitindo uma significativa imersão no campo semântico, em que a temporalidade se explicita por meio dos elementos concretos ou abstratos que constituem as imagens do tempo, não apenas fixados por uma classificação sistemática identificada pelas desinências verbais. E o tempo crônico cria um cenário para a temporalidade do momento.

O tempo se amalgama com todos os outros elementos constitutivos do cenário, da memória e das ações que, por meio das formas verbais em sua categoria léxico-modo-temporal, apresenta uma (Kleiman, 1995, p. 23) “série de fatos sucessivos, percebidos em forma seriada, logo interpretados como um evento”. E no caso em análise, há uma série de fatos simultâneos. Assim, entendemos que a análise que se dá sobre o tempo na questão convoca o leitor a uma busca de sentido que se espraia em outros elementos perceptíveis em todo o cenário que compreende aspectos concretos e, também, interiores do

eu lírico. Percebemos, por conseguinte, que há um olhar especial voltado para o aspecto verbal, consequente da temporalidade, permitindo maior fluidez na leitura.

Por meio da forma como a questão foi elaborada, observamos uma preocupação em dar ao leitor a possibilidade de análise do contexto, porém comprometida pelo recorte do poema, que compromete a unidade de sentido. O fato de o leitor chegar a perceber o aspecto verbal permansivo do pretérito imperfeito não é suficiente para que o cenário seja apreendido “No meio-dia branco de luz”. Quando o eu-lírico diz “Meu pai andava a cavalo”, a ação pode trazer o aspecto da continuidade ao amanhecer, ao entardecer, à noite. A temporalidade desse aspecto acontecendo “No meio-dia branco de luz” acrescenta ao sentido do tempo a frequência da ação debaixo de um sol a pino e de uma expectativa de descanso. É o momento em que a manhã perde seu ritmo para a tarde que começa.

Diante dessa prospecção, visualizamos a gramaticalização pairando sobre outros arranjos linguísticos que também norteiam o tempo, no caso “O meio-dia branco de luz” (Jouve, 2002, p. 108) como um desdobramento que possibilita um escapar-se para que haja uma abertura de experiência em relação ao texto. Percebemos, assim, a temporalidade em curso. Não se trata de uma hora pontual, mas do andamento de uma rotina cotidiana, que se repete na criança que, na verdade, insiste em acordar no poeta, no momento em que é exigido o silêncio. O silêncio do meio-dia em que a vida parece ficar no intervalo de um ritmo abafado, em que as coisas parecem mais lentas.

Observamos, dessa forma, uma preocupação em se dar ao leitor a possibilidade de análise do contexto que auxilia diretamente na resposta, ainda que sem ser dispensado o entendimento que se deve ter da função gramatical, já que a “gramática visa fornecer instrumentos que permitam compreender ou produzir os enunciados de uma língua”, de acordo com Neves (2010, p. 31). É que, como nos adverte a autora, “as gramáticas são um verdadeiro testemunho das orientações de análise linguística vigentes num estado de sociedade e num estado teórico-metodológico de visão de língua e de linguagem” (Neves, 2010, p. 31).

Assim, é necessário não só o reconhecimento das entidades linguísticas (Neves, 2007), mas o modo como essas entidades se relacionam dentro de um contexto mais amplo concernente ao tempo. Outros elementos determinam o sentido da temporalidade. Chama-nos atenção o fato de, mesmo no fragmento do poema em questão, existir um verbo cujo tempo flexional é o presente do indicativo, e o tempo é o pretérito imperfeito do indicativo. O poeta poderia ter escrito assim: “Lia a história de Robson Crusoé, comprida história que não

[acabava] mais”. Retomamos, aqui, no exemplo dessa questão do livro didático, que a diferença entre tempo e tempo flexional não é levada em consideração.

O item A não faz referência ao sexto verso que tem uma chave importante de interpretação. Quando o verbo **acabar** tem um tempo flexional diferente do Tempo, consideramos o momento em que o tempo escapa àquela sequência de ações que vai até **lia**, e o verbo acabar em “não acaba mais” arrasta a história do poeta que coincide com a história de Robson Crusóe. O item B que chama atenção para este último fato não relaciona claramente o presente com o pretérito imperfeito, mostrando que o tempo continua sendo o pretérito imperfeito. Apenas o tempo flexional é presente. Mesmo assim, podemos reconhecer que houve uma certa direção nesse sentido. Mas poderia ser uma única questão que contemplasse tempo e tempo flexional para que a leitura não ficasse restrita às questões linguísticas e se espraiasse para a temporalidade.

9.1.2 Análise II: Figura 10 – Demonstrativo de exercícios 10

1-Releia os versos extraídos do poema Negra, dando especial atenção aos verbos que neles são destacados. (Alencar *et al.*, 2020, p. 50)

[...] quiseram cantar teus encantos [...]
 [...] Mas não puderam [...]
 [...] E te mascararam de esfinge de ébano [...]
 [...] Ainda bem que nos deixaram a nós [...]

Noémia de Sousa.

- a) Todas as ações têm em comum o mesmo sujeito. Identifique-o.
- b) Qual o tempo e o modo em que os verbos foram conjugados?
- c) O que a escolha por esse tempo verbal nos revela sobre as ações desse sujeito?

O exercício selecionado para análise foi transcrito do livro Ser Protagonista: a voz das juventudes: língua portuguesa: ensino médio. Adotado em escolas estaduais do Maranhão desde o ano de 2022 (dois mil e vinte dois), é um livro que contempla a área do conhecimento relacionada à linguagem e suas tecnologias, de acordo com os parâmetros curriculares do novo Ensino Médio.

A atividade analisada, que se encontra na página cinquenta (50), foi elaborada a partir do fragmento do poema Negra da escritora Noémia de Sousa, e o poema está, de forma completa, na página quarenta e sete (47) e será transcrito a seguir:

Negra

Gentes estranhas com seus olhos cheios doutros mundo quiseram cantar teus encantos para elas só de mistérios profundos de delírios e feitiçarias... Teus encantos profundos de África. Mas não puderam. Em seus formais e rendilhados cantos,

ausentes de emoção e sinceridade, quedas-te longínqua, inatingível, virgem de contactos mais fundos. E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual, jarra etrusca, exotismo tropical, demência, atracção, crueldade, animalidade, magia... e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias. Em seus formais cantos rendilhados foste tudo, negra... menos tu. E ainda bem. Ainda bem que nos deixaram a nós, do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma, sofrimento, a glória única e sentida de te cantar com emoção verdadeira e radical, a glória comovida de te cantar, toda amassada, moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE (Sousa, 2016).

O exercício aplicado privilegia, muito mais, a exploração da gramática normativa, sem que haja uma análise linguística com criatividade e dinamismo própria do uso da língua viva, em funcionamento, pois é solicitada na letra ‘b’ da questão em análise, por exemplo, a identificação do tempo verbal sem instigar possibilidades de interpretação dentro de um contexto que se projetasse para a temporalidade. Não suscita a invasão do campo semântico para a valorização do sentido; assim (Neves, 2007, p. 41), reflete, na compartimentação, o desprezo pela atividade essencial de reflexão e operação sobre a linguagem. Nesse item, há apenas uma “exercitação da metalinguagem” (Neves, 2007, p. 40), em que se destaca uma atividade normativa, sem insuflar no leitor a ativação do processo interacional (Terra, 2014, p. 28), tão necessário para que haja a mobilização do conhecimento da língua aliado ao conhecimento sistemático (Neves, 2007, p. 10).

No que se refere a essa constatação, depreendemos que o exercício preserva uma análise que se situa e se paralisa no parâmetro gramatical tradicional por meio da indicação do tempo verbal. Tem como direção a desinência delimitadora de um tempo preciso em sua classificação e que não permite um avanço no que concerne a comparações entre TEMPO e tempo flexional. Quando o item C tenta entrar no campo semântico, relaciona o verbo à ação e não à temporalidade

E, assim, temos o verbo orientado unicamente por uma categorização sistemática, em que são dispensadas explorações múltiplas relacionadas, por exemplo, a noções psicológicas do eu lírico. Seria importante que a noção de história tivesse sido explorada com relação ao TEMPO. Porém, com esse posicionamento, diante da questão, foi adotada a propriedade do verbo limitada morfológicamente ao que a classe verbo determina em seu estudo e orientação sobre o tempo.

O TEMPO se perde no tempo verbo, e os outros aspectos que envolvem o verbo se dissolvem e se esvaem com a finalidade única de se saber o que cada tempo verbal indica, demarcado pelas terminologias temporais. Os resultados ficam estáticos, com manutenção do papel temático de cada terminologia. Não se disponibiliza, assim, o processo de viáveis

interpretações que podem ser projetadas, sim, a partir do jogo temporal permitido pelo verbo, quando se relaciona com os cenários sejam objetivos ou subjetivos.

Observamos um controle temporal, um recuo na leitura, pois o interesse da questão se volta para se saber o tempo em que os verbos estão conjugados, dissociando-os da possibilidade de extensão semântica permitida pelo texto e pelas combinações que nele se estabelecem.

A temporalidade não é alcançada, o que também limita a leitura, que poderia se processar de forma mais dilatada com um fluxo de profícua interpretação, envolvendo todo um contexto mais amplo, o que se constata no dizer de Jouve (2002, p. 17-18):

Ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos. A leitura apresenta-se, pois como uma atividade de antecipação, de estruturação e de interpretação. Depois que o leitor percebe e decifra os signos, ele tenta entender do que se trata. A conversão das palavras e grupos de palavras em elementos de significação supõe um importante esforço de abstração.

Nessa perspectiva de ser fixada apenas a indicação do tempo verbal pela gramática normativa, a leitura fica limitada, o processo interpretativo não alcança outros espaços, e as relações de temporalidade além-classificação temporal inexistem, visto que não se suscita, na questão, essa possibilidade. Restringe-se, portanto, forma de leitura e se sobrepõe a gramática normativa, e não se direciona para a gramaticalização. Tolhem-se as leituras fluidas, engendradas também pela gramaticalização, já que, por ela, segundo Neves (2002), destaca-se a fluidez semântica sob determinação contextual, idiomatização e convencionalização e, de tudo isso, tendo como resultado a polissemia.

Essa linearidade na harmonia de terminologias de tempo verbal e desinências, seguida unicamente pelo viés morfológico, determinado pela gramática normativa só incumbe o verbo de especificar o momento do acontecimento dos eventos e o afasta do jogo da temporalidade, esta que agrega expressividade e dinamicidade no uso da língua dentro de uma recategorização.

A língua, moldada unicamente por regras predefinidas, vai inviabilizar suas múltiplas funcionalidades no processo de comunicação. Também, impede de percebermos o avanço da temporalidade, já que a suscetibilidade do verbo a outros aspectos não ocorre. E o tempo verbal, explorado em sua forma rígida de flexão, excluindo, conforme visto no exemplo, propostas de reflexão ou conjecturas que possam ser feitas, impede as viabilidades enunciativas para a efetivação da leitura contextualmente interativa, que deve ser estimulada não apenas por conhecimentos prévios (Kleiman, 1995, p. 22), mas também por meio de ativação linguística e contextual. É o caso de analisar não o fato ou a sucessão deles, mas a

situação em que se engendra a unidade de sentido e que precisa ser vista de forma externa por começo, meio e fim, presente, passado e futuro e também de forma interna em que é preciso encontrar sua perfectividade ou imperfectividade, o acabado/não acabado, o contínuo e o momentâneo.

Inferimos, assim, que, quando ocorre essa cristalização na expressão temporal do verbo, o fenômeno da temporalidade não é alcançado, e a categoria verbal prende-se ao eixo de uma estrutura metalinguística por situar, de forma objetiva, os acontecimentos em um tempo impermeável, por se fixar em um momento particular que não considera o cenário, ocorrendo uma estabilização própria dos elementos mórficos especificadores do tempo.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao momento final deste processo de pesquisa, não da investigação em si, porque o objeto TEMPO a que é possível chegar por meio da temporalidade abre-se à abstração e ao movimento, de tal forma inesgotável que não foram poucas as vezes que corremos o risco de cairmos no limite da teia do tempo flexional, sem entender que estávamos procurando chegar a questões de interpretação que contemplassem a temporalidade.

Quanto mais procurávamos a temporalidade mais ela escapava por outros termos e, como estávamos trabalhando o tempo, sabíamos da conjugação, mas precisávamos ir além, encontrar o ponto em que o tempo mostra seu curso, percurso e decurso, ou seja, seu trajeto, sua trajetória completa e sua continuidade, descontinuidade, prazo, respectivamente. Descobrimos que esse verdadeiro impasse e a quase inevitável fixidez da descrição do tempo pelos morfemas, em especial o modo-temporal, arrasta consigo toda uma tradição de ensinar verbo. Conjugando.

Encontramos o aspecto como possibilidade de alargamento do objeto temporalidade e, mesmo assim, enfrentamos o risco de fixar o olhar na atitude de classificá-lo, associando o tempo flexional ao aspecto de forma direta. O pretérito perfeito marcaria o aspecto perfectivo. Entretanto, pondo o TEMPO em movimento, um verbo conjugado no presente do indicativo pode corresponder ao pretérito perfeito. Por exemplo: No dia da formatura, minha mãe chega e me entrega o anel em vez de: No dia da formatura, minha mãe chegou e me entregou o anel. O tempo flexional presente expressa o perfectivo do pretérito perfeito. São dois tempos: um é

o tempo flexional e o outro, o TEMPO. Esse intervalo entre os dois é o que consideramos a temporalidade. Marcas de um tempo interno a uma situação. O outro que estabelece presente, passado e futuro é o tempo externo à situação. Encontramos essa diferença em Travaglia (2016) que fez bastante sentido para esta pesquisa quanto à temporalidade que investigamos e que é uma categoria do TEMPO.

O tempo flexional se organiza na conjugação e expressa a condição externa da situação; o TEMPO se organiza por meio do aspecto que manifesta a condição interna da situação, seu curso, percurso e decurso. Foi por meio da compreensão da diferença entre tempo flexional e TEMPO que saímos da fixidez da interpretação de forma mais concreta e conseguimos entender que a temporalidade se localiza no intervalo dos dois, por meio do aspecto.

É inegável que os dados, as questões, ofereceram elementos para esse entendimento. É o momento em que a resposta vai se configurando, e todos os envolvidos cumprem o percurso de produzir conhecimento sobre interpretação, entendendo que as oportunidades de ler o TEMPO é ler a vida, a existência e as diferenças não necessariamente os verbos. Aliás, muitas aulas sobre o verbo, a pesquisa revelou, não contemplam o TEMPO, mas o tempo flexional, as ações, as vozes, o emprego dos tempos, mesmo que toquem no conteúdo aspecto.

Foi quando chegamos aos escapes da temporalidade. Momento em que a temporalidade é substituída por “efeito de sentido”, por “voz do verbo”, por “emprego dos tempos verbais”, por outras sinalizações que ocupam o lugar do ‘a mais’ do tempo flexional, na tentativa de interpretá-lo. Aliás é recorrente nas questões dos livros didáticos o questionamento sobre efeito de sentido, cuja capacidade de interpretar é uma das habilidades da BNCC, estando entre outras que foram produzidas antes da Base Nacional. É de questionar se essa categoria está na habilidade EM13LP06 em função de ser recorrente em livros anteriores a ela.

Chegamos a este momento, tendo aprendido sobre a relação gramática/gramaticalização/ temporalidade/ tempo/ TEMPO e a necessidade dessa relação para o ato de ler. Só foi possível procurar o interesse pela interpretação da temporalidade nas questões do livro didático quando chegamos, por meio de Travaglia (2016) e de Castilho (2014) à diferença entre tempo e TEMPO, conjugação e aspecto. Exterioridade da situação e interioridade da situação. Foi assim que pudemos distinguir fixidez de movimento temporal e desvincular o aspecto de um tempo específico, mesmo que possam coincidir. Com isso, reconhecemos que não podemos perder a oportunidade de aprender na condição de professor que pondera metodologicamente sobre sua prática. Essa diferença abre um leque de

possibilidades de pensar sobre a vida ao relacionar tempo a TEMPO em que está a temporalidade que é o transcurso de uma situação observada por dentro.

Descobrimos, finalmente, que os dados exploram o tempo flexional e quase nada do TEMPO; que nem sempre, ao ensinar verbo, estamos tratando do Tempo; que há muitos escapes da temporalidade: em vez de questionar a temporalidade, pergunta sobre efeito de sentido, aspecto, emprego dos tempos, ação, voz do verbo. Apenas um dos livros analisados refere-se à temporalidade, mas não questiona verdadeiramente essa categoria. Para esta pesquisa é o que corresponde a TEMPO na análise.

Menos do que responder, aprender. Resignificar a prática na leitura, por meio da resignificação da gramática e de sua necessidade para o ato de ler. Encontrar novas direções para as aulas de Língua Portuguesa sobre o verbo, contemplando o tempo flexional, na conjugação e o TEMPO da temporalidade pelas vias do aspecto. E entender que, em uma aula de Língua Portuguesa sobre verbo, no movimento da temporalidade, muito ensinamos sobre a vida, o TEMPO, em sua vertente indisciplinar, própria para entender que as palavras não ocupam um lugar *a priori*, o sentido dos verbos pode até ser previsto, mas, no uso, são imprevisíveis. Esta pesquisa foi descoberta porque aventura no TEMPO.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. **Português: contexto, interlocução e sentido**. 2ed. São Paulo: Moderna, 2013.

ABRAÇADO, J. **O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações**. São Paulo: Contexto, 2020.

ALENCAR, A. G. de; CLETO, M.; GONÇALVES, L. B.; MARCHETTI, G.; MORENO, A.; SOUSA, W. **Ser Protagonista: a voz das juventudes: língua portuguesa: ensino médio**. 1. ed. São Paulo: Edições SM, 2020.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. O ensino de línguas no Brasil de 1978: e agora? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, n. 1, p. 15-29, 2001.
DOI:10.1590/S1984-63982001000100002.

ALMEIDA, S. Descrição linguística para morder a língua. In: CARNEIRO, M. F.; ALMEIDA, S., LIMA, V. da Silva (org.). **Estudos da Linguagem: da descrição linguística a suas interpretações**. São Luís: EDUFMA, 2020. 2v.

AMARAL, E.; PATROCÍNIO, M. F. de; LEITE, R. S.; do; BARBOSA, S. A. M. **Novas Palavras**. 2 ed. São Paulo: FTD, 2013.

ANDRADE, C. A. de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo Martins Fontes, 2020.

- BARRETO, R. G. et al. **Ser protagonista**: língua portuguesa- 2º ano, ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.
- BARROS, D. L. P. de. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1988.
- BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Educação é a Base. Brasília: MEC; Consed; Undime, 2018.
- CAMPOS M. T. R. A. *et al.* **Multiversos**: linguagem: cidade em pauta: ensino médio. 1. ed. São Paulo: FTD, 2020.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro** 1. ed., 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHINAGLIA, J. V. **Linguagens em interação**: língua portuguesa. 1ed. São Paulo:IBEP,2020.
- CHIZZOTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 3, p. 549-566, 2004.
- COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. London: Cambridge University Press, 1976.
- CORÔA, M. L. M. S. **O Tempo nos verbos do português**: uma introdução à sua interpretação semântica. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FARIA, Ana Lúcia G. de. **Ideologia no Livro didático**. 16 ed. São Paul: Cortez, 2008.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2021.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; CARVALHO, C. dos S. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. **Introdução a gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R. **Palavras de Classe Aberta**: Gramática do Português Culto Falado no Brasil. São Paulo: Contextto, 2014.

JOUVE, V. **A leitura**. [Tradução Brigitte Hervor]. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LISPECTOR, C. A fuga. In: LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Prefácio e organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LOPES, L. P. M. (org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARI, H. **Os lugares do sentido**. São Paulo: Mercado das Letras, 2008.

MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, N. S. Introdução à Estilística: **A Expressividade na Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MESQUITA, R. M. **Gramática da língua portuguesa**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 1996.

NEVES, M. H. de M. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino: Editora UNESP, São Paulo, 2002.

NEVES, M. H. de M. **A gramática e suas interfaces**. São Paulo: Alfa, 2007.

NEVES, M. H. de M. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, M. H. de M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. **Gramáticas Contemporâneas do Português**: com a Palavra, os Autores Edvaldo Bechara. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

OSMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua**: literatura, produção de texto, linguagem. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

PERINI, M. A. Defino minha obra gramatical como a tentativa de encontrar resposta às perguntas: por que ensinar gramática? Que gramática ensinar? *In*: NEVES, M. H. de M.;

CASSEB-GALVÃO, V. C. **Gramáticas Contemporâneas do Português: com a Palavra, os Autores** Edvaldo Bechara... São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PERINI, M. A. **Sintaxe**. Editores científicos Tommaso Raso; Celso Ferrarezi Jr. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2002. (Coleção leituras no Brasil)

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado de letras, 2003.

QUINTANA, M. **Prosa e verso**. 1978. Disponível em: <https://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp773/pag14.htm>. Acesso em: 10 out. 2024.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 1;3v.
RODRIGUES, E. **Padronização, alinhamento e controle da formação e do trabalho docente no novo ensino médio em Santa Catarina: parceria da secretaria do estado da educação com o Instituto Iungo**. Orientadora: Franciele Soares dos Santos. 2023. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Francisco Beltrão, 2023.

SOUSA, N. **Sangue negro**. Moçambique: Kapulana. 2016.

TARDELLI, L. S. A. *et al.* **Português Vozes do mundo: literatura, língua e produção de textos 2**. 2ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

TERRA, E. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contextto, 2014.

TERRA, E. Leitura literária e conhecimento linguístico: caminhos que se entrecruzam. *In*: NASCIMENTO, J. V.; TOMAZI, M. M.; SODRÉ, P. R. **Língua, literatura e ensino**. São Paulo: Blucher, 2015.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

